

UMA PEQUENA CIDADE NA PRADARIA

LAURA INGALLS WILDER

Série A Casa na Pradaria - 7

Publicações europa-américa

Digitalização e Arranjo

Victor Calha
Agostinho Costa

Este livro foi digitalizado para
ser lido por Deficientes Visuais

UMA PEQUENA CIDADE NA PRADARIA - O longo e duro Inverno terminara. As pessoas de De Smet, Dakota do Sul, saíram de casa e recomeçaram a viver. Davam festas na igreja, bailes e reuniões literárias. No Verão, Laura aceitou um emprego enfadonho: fazia camisas durante longas e árduas horas. Queria o dinheiro para ajudar a enviar Maria para o colégio de cegos em Iova. De súbito, Laura transforma-se numa jovem. O elegante Almanzo Wilder, nem mais nem menos, passou a acompanhá-la a casa, à noitinha! A OBRA QUE DEU ORIGEM A Série DE TV UM ÊXITO MUNDIAL A Casa na Pradaria.

LAURA INGALLS WILDER

UMA PEQUENA CIDADE NA PRADARIA

Ilustrações: Garth Williams

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA, LDA.



Título original: Little Town on the Prairie

Tradução de Fernanda Pinto Rodrigues

Capa: estúdios P. E. A.

Texto - 1941, Laura Ingalls Wilder

Renovado - 1969, Charles F. Lamkin, Jr.

Ilustrações - 1953, Garth Williams

Direitos reservados por Publicações Europa-América, Lda.

Execução técnica: Gráfica Europam, Lda.

Mira-Sintra - Mem Martins

Paginação - Rodapé

ÍNDICE

Capítulo I - Surpresa	7
Capítulo II - Primavera na reserva	8
Capítulo III - O indispensável gato	18
Capítulo IV - Dias felizes	23
Capítulo V - Trabalhar na cidade.....	28
Capítulo VI - Omês das rosas	30
Capítulo VII - Nove dólares.....	41
Capítulo VIII - 4deJulho	46
Capítulo IX - Melros	61
Capítulo X - Maria vai para o colégio	75
Capítulo XI - Miss Wilder dá aulas.....	85
Capítulo XII -Aconchegados para o Inverno	93
Capítulo XIII - Dias de escola	98
Capítulo XIV - Mandadas para casa	102
Capítulo XV - A visita da junta escolar	111

Capítulo XVI - Cartões com o nome	123
Capítulo XVII - A reunião social	133
Capítulo XVIII - Serões literários	139
Capítulo XIX - Turbilhão de alegria	146
Capítulo XX - Festa de aniversário	158
Capítulo XXI - Dias loucos.....	166
Capítulo XXII - Inesperadamente, em Abril	173
Capítulo XXIII - A escola recomeça	176
Capítulo XXIV - A récita escolar	186
Capítulo XXV - Inesperadamente, em Dezembro	195

CAPÍTULO I - SURPRESA.

Uma noite, ao jantar, o pai perguntou:

- Que dirias a trabalhar na cidade, Laura?

Laura não foi capaz de dizer uma palavra. Nem nenhuma das outras. Ficaram como que petrificadas. Os olhos azuis de Graça espreitavam, fixos, por cima do seu púcaro de folha, os dentes de Carrie ficaram cravados numa fatia de pão e a mão de Maria imobilizou o garfo a caminho da boca. A mãe continuou a deitar chá na chávena transbordante do pai e depois, mesmo a tempo, pousou o bule.

- Que disseste, Charles? - perguntou.

- Perguntei a Laura que diria a aceitar um emprego na cidade.

- Um emprego? Para uma rapariga? Na cidade? - indagou a mãe. - Mas que género de emprego... - Mas deixou a frase por concluir e acrescentou, muito depressa: - Não, Charles, não permitirei que Laura vá trabalhar num hotel, entre toda a espécie de desconhecidos.

- Quem falou em semelhante coisa? - perguntou o pai. - Nenhuma filha nossa fará isso, pelo menos enquanto eu estiver vivo e são.

- -Claro que não - concordou a mãe, em tom de desculpa. - Apanhaste-me de surpresa... Que outro género de trabalho poderá haver? Laura ainda não tem idade para dar aulas.

No minuto que antecedeu a explicação do pai, Laura pensou na cidade, na reserva, onde se encontravam tão atarefados e felizes naquela Primavera, e não desejou que nada mudasse. Não queria trabalhar na cidade.

CAPÍTULO II - PRIMAVERA NA RESERVA.

Depois da nevasca de Outubro do Outono passado tinham-se mudado para a cidade, onde, durante pouco tempo, Laura frequentara a escola. Em seguida, as tempestades tinham impossibilitado que houvesse escola e durante todo o longo Inverno as nevascas tinham assobiado entre as casas, isolando-as umas das outras, de tal modo que dia após dia e noite após noite não se ouvia uma voz e não se via uma luz através da neve turbilhonante.

Ao longo de todo o Inverno tinham vivido apertados na pequena cozinha, gelados e famintos e trabalhando arduamente na escuridão e no frio, a fim de torcerem feno suficiente para manter o lume aceso e moerem, no moinho de café, trigo para o pão de cada dia.

Durante todo esse longo, longo Inverno, a sua única esperança tinha sido a de que, um dia, o Inverno teria de acabar, de que as nevascas parariam e o sol voltaria a brilhar, quente, e então poderiam todos partir da cidade e voltar para a reserva.

Agora era Primavera. A pradaria do Dakota estendia-se tão quente e luminosa sob o sol brilhante que não parecia possível que tivesse sido varrida pelos ventos e neves daquele duro Inverno. Como era maravilhoso estar de novo na reserva! Laura não desejava mais nada do que poder andar fora de casa. Tinha a impressão de que nunca conseguiria impregnar os ossos de sol suficiente.

Ao alvorecer, quando ia ao poço da margem do pântano buscar o balde de água matinal, o Sol nascia numa majestade de cores. Cantavam cotovias ao voar da erva húmida de orvalho. Saltavam lebres aos lados do carreiro, de olhos brilhantes atentos e compridas orelhas a fremir, enquanto mordiscavam delicadamente o seu pequeno-almoço de tenras pontas de erva.

8

Laura só se demorava em casa o tempo suficiente para pousar o balde de água e pegar no do leite. Corria para a encosta onde Ellen, a vaca, comia a nova erva macia. Calmamente, Ellen ruminava, enquanto Laura a ordenhava.

Morno e doce, o cheiro do leite novo subia dos jactos que caíam sibilantes na espuma que ia enchendo o balde e misturava-se com as fragrâncias da Primavera. Os pés de Laura estavam descalços e frios na erva orvalhada, o sol batia-lhe, quente, no pescoço e o flanco de Ellen era ainda mais quente contra a sua cara. Presa a uma corda, a bezerrinha de Ellen berrava, inquieta, e a mãe respondia-lhe com um mugido tranquilizador.

Depois de recolher as últimas gotas cremosas de leite, Laura levava o balde para a cabana. A mãe deitava parte do leite morno no balde da bezerra e, com um pano branco lavado, coava o restante para as latas do leite, que Laura levava cuidadosamente para a cave, enquanto a mãe retirava a nata grossa do leite da noite anterior. Deitava depois o leite desnatado no balde da bezerra e Laura levava-o ao animalzinho esfomeado.

Ensiná-lo a beber não era fácil, mas era sempre interessante. A bezerra de pernas pouco firmes nascera convencida de que, para obter leite, tinha de bater com força com a sua pequena cabeça encarnada. Por isso, quando lhe cheirava ao leite do balde, tentava marrar na vasilha.

Laura tinha de evitar que entornasse o leite e de a ensinar a beber, porque ela não sabia. Mergulhava os dedos no leite, deixava a língua áspera do animal lambê-los e, devagarinho, empurrava o focinho da bezerra para o leite do balde. A bezerra aspirava leite para as ventas, espirrava com um duce que fazia saltar leite do balde e marrava com toda a sua força - com tanta ou tão pouca que Laura quase deixava cair o balde. Uma onda de leite salpicava a cabeça da bezerra e molhava a frente do vestido de Laura.

Por isso, pacientemente, ela recomeçava: metia os dedos no leite, para a bezerra chupar, e tentava evitar que ela entornasse mais ao ensiná-la a beber. No fim, parte do leite ficava dentro da bezerra.

Em seguida, Laura desenterrava as cavilhas das cordas e, um por um, levava Ellen, a bezerrinha, e a vitela de um ano para novos locais de erva fresca e macia. Entretanto, o Sol nascera por completo, o céu estava azul e a terra toda parecia formada por ondas de erva a ondular ao vento. E a mãe chamava:

- Despacha-te, Laura! O pequeno-almoço está à espera!

Na cabana, Laura lavava apressadamente a cara e as mãos na bacia a tal destinada. Deitava fora a água, numa curva cintilante, para cair na erva onde o sol a secasse depressa. Passava o pente pelo cabelo, da testa para a trança pendurada. Antes do pequeno-almoço nunca tinha tempo de desmanchar a comprida trança, escovar convenientemente o cabelo e entrançá-lo de novo. Guardava esses cuidados para depois de feito o trabalho da manhã.

Sentada no seu lugar ao lado de Maria, olhava através da limpa toalha encarnada aos quadrados e dos pratos cintilantes para a irmã-zinha Carrie e para a bebé Graça, de faces reluzentes do sabão da lavagem matinal e olhos brilhantes. Olhava para o pai e para a mãe, tão alegres e sorridentes. Sentia o suave vento da manhã, que entrava pela porta e pela janela abertas, e soltava um pequeno suspiro.

O pai olhava para ela. Sabia o que Laura sentia.

- Eu também acho muito bonito - dizia.

- Está uma linda manhã - concordava a mãe.

Depois do pequeno-almoço, o pai atrelava os cavalos, Sam e Da-vid, e levava-os para a pradaria, a leste da cabana, onde andava a

10

surribar um terreno para uma primeira sementeira de milho. A mãe distribuía o trabalho do resto do dia e Laura gostava sobretudo dos dias em que ela dizia:

- Tenho de trabalhar na horta.

Maria oferecia-se logo para fazer o resto do trabalho da casa, para Laura poder ajudar a mãe. Maria era cega. Já mesmo no tempo que antecederia a escarlatina, que lhe roubara a vista dos claros olhos azuis. Maria nunca gostara de trabalhar fora de casa, ao sol e ao vento. Agora sentia-se feliz por poder ser útil dentro de casa. Dizia, alegremente:

- Gosto de trabalhar onde posso ver com os dedos. Não saberia distinguir um pé de ervilha de uma erva, na ponta do sacho, mas posso lavar a louça, fazer as camas e tomar conta da Graça.

Carrie também se sentia orgulhosa, pois, apesar de ser pequena, tinha dez anos e podia ajudar Maria a fazer todo o trabalho de casa. Por isso, a mãe e Laura podiam ir para fora de casa, trabalhar na horta.

Chegava gente do Leste, para se fixar por toda a pradaria. Construía novas cabanas em reservas a leste, a sul e a oeste, para lá do Pântano Grande. Com intervalos de poucos dias, passavam carroções conduzidos por desconhecidos que atravessavam o istmo do pântano e seguiam para norte, na direcção da cidade, ou vice-versa. A mãe dizia que teriam tempo de travar conhecimento com

eles quando o trabalho da Primavera estivesse feito. Na Primavera não há tempo para visitas.

O pai tinha um arado novo, próprio para desbravar aquela espécie de terreno. Era maravilhoso para rasgar o solo cheio de raízes de erva da pradaria. Tinha uma roda de aresta aguçada, chamada sega rolante, que ia à frente da relha e fendia o terreno. Seguia-a a relha afiada que cortava a camada inferior de raízes emaranhadas, e a aiveca levantava a faixa direita de terra e raízes e revolia-a. A faixa de terra e raízes tinha exactamente trinta centímetros de largura e era tão direita como se tivesse sido cortada à mão.

Estavam todos muito contentes com o novo arado. Agora, ao fim de um dia de trabalho, Sam e David deitavam-se alegremente no chão e reboavam-se, arrebitavam as orelhas e olhavam para a pradaria antes de começarem a comer erva. Naquela Primavera não estavam extenuados, tristes e magros por causa do trabalho de desbravar novo terreno. E, ao jantar, o pai também não estava muito cansado para dizer gracejos.

- Com a breca, aquele arado novo até parece capaz de trabalhar sozinho! - dizia. - Hoje em dia, com todas essas novas invenções,

11

já não há utilidade para os músculos de um homem. Uma destas noites é capaz de dar na veneta do arado continuar a trabalhar e, de manhã, veremos que surribou para aí mais um hectare de terreno, depois de a parelha e eu nos termos vindo embora.

As faixas de terra estavam, voltadas de baixo para cima, nos sulcos, com as raízes de erva cortadas à vista, na terra. O sulco novo causava uma sensação deliciosamente fresca e macia nos pés descalços, e muitas vezes Carrie e Graça iam atrás do arado, a brincar. Laura também gostaria de fazer o mesmo, mas já ia nos quinze anos e era, portanto, muito crescida para brincar na terra fresca e a cheirar a limpo. Além disso, à tarde Maria tinha de dar um passeio, para apanhar um pouco de sol.

Por isso, quando o trabalho da manhã estava feito, Laura levava-a a passear pela pradaria. As flores da pradaria desabrochavam e sombras de nuvens trepavam pelas encostas relvasas.

Era singular que, quando eram pequenas, Maria tivesse sido a mais velha e, muitas vezes, autoritária, mas agora que eram mais crescidas pareciam ser da mesma idade. Gostavam de dar longos passeios juntas ao vento e ao sol, de apanhar violetas e ranúnculos e de chupar azedas. As encantadoras florínhas enroladas, as folhas em forma de trevo e os caules finos tinham um sabor ácido e desagradável.

- As azedas sabem a Primavera - dizia Laura.

- Ao que elas sabem um pouco é a limão, Laura - corrigia-a Maria, brandamente.

Antes de comer azedas, Maria perguntava sempre:

- Olhaste com cuidado? Tens a certeza de que não têm nenhum insecto?

- Nunca há insectos - protestava Laura. - Esta pradaria é tão limpa! Não houve nunca lugar mais limpo.

- Mesmo assim, vê bem - insistia Maria. - Não quero comer o único insecto de todo o Território do Dakota.

Riam-se as duas. Maria tinha uma disposição tão boa que frequentemente dizia graças desse género. O seu rosto mostrava-se tão sereno sob a touca, os seus olhos azuis eram tão claros e a sua voz tão alegre, que não parecia caminhar na escuridão.

Maria tinha sido sempre boa. Tão boa, às vezes, que Laura quase o não podia suportar. Mas agora parecia diferente. Uma vez, Laura interrogou-a a esse respeito:

- Costumavas esforçar-te o tempo todo por seres boa. E eras sempre boa. Às vezes, isso enfurecia-me de tal maneira que me apetecia esbofetear-te. Mas agora és boa sem te esforçares, sequer.

Maria estacou.

- Oh, Laura, que horror! Agora ainda costumas ter vontade de me esbofetear?

- Não, nunca - respondeu Laura, sinceramente.

- Verdade, verdade, que não? Não estás só a ser boa comigo por eu ser cega?

- Não! Palavra que não, Maria. Quase não penso que és cega. Sinto-me... sinto-me só contente por seres minha irmã. Quem me dera ser como tu. Mas acho que nunca poderei ser. - Laura suspirou. - Não sei como podes ser tão boa.

- Não sou, realmente - afirmou Maria. - Tonto, é verdade, mas se pudesses ver como às vezes me sinto revoltada e má, se pudesses ver como realmente sou por dentro, não quererias ser como eu.

- Eu posso ver como és por dentro - contradisse Laura. - Vê-se em todos os momentos. És sempre perfeitamente paciente e nem só um bocadinho má.

- Sei porque te apetecia esbofetear-me. Era porque eu me exibia. Não se tratava de querer, realmente, ser boa, mas sim de mostrar a mim mesma como era uma boa menina; tratava-se de ser vaidosa e orgulhosa... e merecia mesmo ser esbofeteadada por isso!

Laura ficou escandalizada. Mas, de súbito, compreendeu que soubera sempre que era assim. Mas, apesar disso, achou que não era verdade, a respeito de Maria. E protestou:

- Oh, não, tu não és realmente assim! Tu és boa.

- Assim como as faúlhas saltam para cima, assim nós todos somos desesperadamente maus e inclinados para o mal - respondeu Maria, servindo-se das palavras da Bíblia. - Mas isso não importa.

- O quê?! - exclamou Laura, surpreendida.

- Quero dizer que não me parece que devamos pensar muito a nosso respeito acerca de sermos boas ou más - explicou Maria.

- Mas, meu Deus, como pode alguém ser bom sem pensar nisso?

- Não sei... acho que não é possível - admitiu Maria. - Não sei explicar muito bem o que sinto. Mas... não se trata tanto de pensar como... como de saber, apenas. De ter a certeza da bondade de Deus.

Laura ficou parada e Maria imitou-a, pois não ousava dar um passo sem o braço de Laura a guiá-la. Ali estava Maria, parada no meio da imensidão verde e florida de erva que o vento ondulava, sob o grande céu azul e as nuvens que pareciam navegar batidas pelo vento, e não via. Toda a gente sabe que Deus é bom. Mas naquele momento pareceu a Laura que Maria devia ter a certeza disso, de algum modo especial.

- Tens a certeza, não tens? - perguntou-lhe.

- Sim, agora tenho sempre a certeza disso - respondeu Maria. - Deus é o meu pastor, nada me faltará. Fez-me para me deixar em verdes pastagens, conduziu-me à beira de mansas águas. Acho que é o mais encantador de todos os salmos. Porque estamos aqui paradas? Não me cheira a violetas.

- Viemos pelo chafurdo dos búfalos, a conversar - explicou Laura. - Regressaremos pelo mesmo caminho.

Quando voltaram para trás, Laura viu a suave encosta de terra que subia da erva áspera do Pântano Grande até à pequena cabana da reserva, que pouco maior parecia do que uma capoeira, com o seu meio telhado a subir e a parar de repente. O estábulo de terra mal se via no meio da erva brava. Para lá da cabana e do estábulo, Ellen e as duas vitelas pastavam e a leste o pai semeava milho no chão recentemente desbravado.

Surribara todo o terreno inçado de raízes que pudera antes de o solo secar demasiado. Desterroara com a grade o solo que desbravara no ano anterior e semeara aveia. Agora, com um saco de milho de semente suspenso do ombro e a enxada na mão, atravessava lentamente o campo novo.

- O pai está a semear milho - disse Laura a Maria. - Vamos por esse lado. Aqui está, agora, o chafurdo dos búfalos.

- Bem sei - respondeu Maria.

Pararam um momento a aspirar profundamente o perfume das violetas quentes, que subia espesso como mel. O chafurdo dos búfalos, perfeitamente redondo e aberto na pradaria como um prato com um metro ou um metro e vinte de profundidade, estava solidamente coberto de violetas. Milhares, milhões delas, apertavam-se de tal maneira umas contra as outras que escondiam as próprias folhas.

14

Maria ajoelhou-se no meio delas. “Mmmmmm!” , aspirou, deliciada. Os seus dedos tocaram delicadamente na massa de pétalas e depois desceram pelas hastes finas, para as colherem.

Quando passaram pelo campo novo, o pai também aspirou o perfume das violetas.

- Deram um bom passeio, pequenas? - Sorriu-lhes, mas não parou de trabalhar: destorroava um pedaço de terra com a enxada, abria um buracinho pequeno, deitava-lhe quatro bagos de milho, cobria-os com a enxada, comprimia bem com a bola e passava adiante.

Carrie veio a correr, para mergulhar o nariz nas violetas. Estava a tomar conta de Graça, e Graça só queria brincar no campo onde o pai estava a trabalhar. As minhocas fascinavam-na. Todas as vezes que o pai cravava a enxada na terra, ela

olhava para ver se havia alguma e ria-se quando o verme delgado e comprido engrossava e encurtava, a enterrar-se outra vez apressadamente na terra.

- Mesmo quando ficam cortadas ao meio, as duas metades fazem isso - dizia. - Porquê, Pá?

- Creio que se querem enterrar - respondia o pai.

- Porquê, Pá? - insistia Graça.

- Ora, porque querem.

- Mas querem porquê, Pá?

- Porque gostas tu de brincar na terra? - perguntava-lhe o pai.

- Porquê, Pá? - repetia Graça. - Quantos milhos põe, Pá?

- Bagos - emendou o pai. - Quatro bagos. Um, dois, três, quatro.

- Um, dois, quatro - repetia Graça. - Porquê, Pá?

- Essa é fácil:

Um bago para o melro, Um para a gralha comer, E ficam assim Só dois bagos para crescer.

A horta crescia. Em pequenas fileiras de verdes diferentes cresciam rabanetes, alfaces e cebolas. As primeiras folhas amarrotadas das ervilhas iam empurrando para cima e os jovens tomateiros de caule delgado iam deitando as suas primeiras folhas arrendadas.

- Estive a olhar para a horta e precisa de ser sachada - disse a mãe, enquanto Laura punha as violetas em água, para perfumar a mesa do jantar.

15

- Creio que os feijoeiros também não tardam a rebentar, com este calor todo.

Numa manhã quente, os feijoeiros começaram a irromper do chão. Foi Graça quem os descobriu e foi a correr e a gritar dizer à mãe, toda agitada. Durante toda a manhã, não foi possível convencê-la a afastar-se dali, toda ela olhos. Da terra nua irrompia feijão após feijão, com as hastes a desenrolarem-se como uma mola de aço, e, ao sol, brilhavam as duas metades do feijão ainda agarradas a duas folhinhas pálidas. Todas as vezes que um feijão irrompia, Graça gritava a avisar.

Semeado o milho, o pai construiu a metade da cabana que faltava. Numa manhã, assentou as travessas do chão. Depois levantou a estrutura. Laura ajudou-o e velou para que se mantivesse nivelada com o fio de prumo, enquanto o pai pregava. O pai colocou os batentes e abriu duas janelas. Depois assentou as vigas para fazer a outra água do telhado que faltava.

Laura ajudou-o sempre e Carrie e Graça observaram e apanharam os pregos que o pai deixava cair sem querer. Até a mãe passou alguns momentos ociosa, a observar. Era emocionante ver a cabana transformar-se numa casa.

Quando ficou terminada, a casa tinha três divisões. A parte nova era formada por dois pequenos quartos, cada um com a sua janela. Agora as camas já não precisavam de estar na sala da frente.

- Assim se matam dois coelhos com uma cajadada - disse a mãe. - Vamos combinar a limpeza da Primavera com a mudança.

Lavaram as cortinas das janelas e as cobertas todas e puseram-nas cá fora a secar. Depois lavaram as janelas novas até brilharem e puseram-lhes as novas cortinas feitas de lençóis velhos e muito bem embainhadas com os pontos

pequeninos de Maria. A mãe e Laura puseram nos novos quartos as armações das camas, feitas de tábuas novas e a cheirarem a limpo. Laura e Carrie encheram os colchões com o feno mais brilhante do meio de uma meda e fizeram as camas com lençóis ainda quentes do ferro de engomar da mãe e com as cobertas lavadas e a cheirar a pradaria.

Depois a mãe e Laura lavaram e esfregaram todos os cantos da velha cabana, que era agora a sala da frente. Sem as camas, ficara espaçosa, só com o fogão e os armários, a mesa e as cadeiras e a pequena estante. Quando estava tudo perfeitamente limpo e arrumado, pararam todos a admirar o resultado.

- Não precisas de a ver por mim, Laura - disse Maria. - Sinto como é grande, fresca e bonita.

As cortinas brancas engomadas ondulavam suavemente na janela aberta.

16

As paredes e o chão de tábuas esfregadas estavam de um cinzento-amarelado, muito suave. Um ramo de flores da erva e de anêmonas, que Carrie colhera e pusera na jarra azul, em cima da mesa, parecia ter levado a Primavera para dentro de casa. Ao canto, a pequena estante castanha envernizada tinha estilo e elegância.

A luz da tarde deixava ler os títulos dourados dos livros da prateleira de baixo da estante e cintilava nas três caixas de vidro da prateleira de cima, cada uma com as suas minúsculas flores pintadas. Na prateleira seguinte, as flores douradas brilhavam no mostrador de vidro do relógio, cujo pêndulo de latão reluzia, a oscilar de lado para lado. Mais alto ainda, na primeira prateleira, estava o guarda-jóias de porcelana branca de Laura, com a chaveninha e o pirezinho dourados na tampa, e, ao lado, como que a guardá-lo o cão de louça branca e castanha de Carrie.

Na parede entre as portas dos novos quartos a mãe pendurou a consola de madeira que o pai fizera para ela, toda trabalhada, como presente de Natal, havia muito tempo, na Floresta Grande do Wis-consin. Todas as flores e folhas, as pequenas trepadeiras da orla da prateleira e as trepadeiras maiores que subiam para a grande estrela do cimo continuavam tão perfeitas como quando ele as talhara com o seu canivete. Mais velha ainda, mais velha do que a memória de Laura, a pastorinha de porcelana da mãe brilhava, rosada, branca e sorridente, na prateleira.

Era uma bonita sala.

17

CAPÍTULO III - O INDISPENSÁVEL GATO.

As primeiras hastes verde-amareladas de milho pareciam embandeiradas por trémulas pontas de fitas ao longo dos sulcos de solo desbravado. Um fim de tarde, o pai atravessou o campo, para as observar. Voltou cansado e exasperado.

- Tenho de voltar a semear mais de metade do campo de milho - disse.

- Oh, Pá! Porquê? - perguntou Laura.

- Géomis. Bem, é ao que um homem se sujeita ao semear o primeiro milho numa nova região.

Graça agarrava-se às pernas do pai. Ele pegou-lhe e fez-lhe cócegas com a barba na cara, para fazer rir. Graça lembrava-se dos versos que o pai dissera quando semeara o milho e sentou-se nos joelhos dele, a cantar toda orgulhosa:

Um bago para o melro, Um para a gralha comer, E ficam assim Só dois bagos para crescer.

- O homem que fez estes versos era do Leste - disse-lhe o pai. - Aqui, no Território, temos de fazer os nossos próprios versos, Graça. Que tal achas estes, para experimentar:

Um bago para um géomis, Dois bagos para um géomis, Três bagos para um géomis, Quatro... se alguém sabe, não diz!

18

- Oh, Charles! - protestou a mãe, a rir.

Não gostava que o pai brincasse com aquelas coisas, mas não resistia à maneira travessa como ele a olhava nessas ocasiões.

Mal o pai semeou o milho, os géomis listrados deram logo com ele. Andavam às corridinhas pelo campo todo e paravam para escavar com as patas pequeninas nos sítios certos. Como eles sabiam exactamente onde estavam enterrados os bagos de milho, era um mistério.

Era surpreendente que aqueles animaizinhos, que corriam, escavavam e se apoiavam nas patas traseiras a mastigar, tivessem devorado mais de metade de todo o campo de milho.

- São uma praga! - queixou-se o pai. - Que pena não termos um gato da qualidade da velha Susana Preta! Ela havia de lhes fazer uma razia!

- Também preciso de um gato cá em casa - disse a mãe. - Os ratos são tantos que não posso deixar comida nenhuma destapada nos armários. Pode-se arranjar um gato, Charles?

- Que eu saiba, não há um gato em toda a região - respondeu o pai. - Os lojistas da cidade também se queixam. O Wilmarth falou em mandar vir um do Leste.

Nessa mesma noite, Laura foi arrancada, em sobressalto, a um sono profundo. Através do tabique que dividia os dois quartos ouviu uma exclamação abafada, um resmungo e o baque súbito de qualquer coisa pequena e mole. Ouviu a mãe perguntar:

- Charles, que é?

- Sonhei - respondeu o pai, em voz baixa. - Sonhei que um barbeiro me estava a cortar o cabelo.

A mãe falou também em voz baixa, pois estavam no meio da noite e toda a casa dormia:

- Foi apenas um sonho. Deita-te outra vez e deixa ver alguma roupa, que está toda para o teu lado.

- Ouvi a tesoura do barbeiro snip, snip...

- Está bem, deita-te e dorme - repetiu a mãe, a bocejar.

- O meu cabelo estava a ser cortado - teimou o pai.

- Nunca te vi tão agitado por causa de um sonho. - A mãe bocejou de novo. - Deita-te, vira-te para o outro lado e não continuarás a sonhar com o mesmo.
- Carolina, estavam a cortar-me o cabelo - repetiu o pai.
- Que queres dizer? - perguntou a mãe, já mais acordada.
- O que estou a dizer. Enquanto dormia, levantei a mão e... Olha, toca aqui na minha cabeça.

19

- Charles! O teu cabelo foi cortado! - exclamou a mãe, e Laura ouviu-a sentar-se na cama. - Estou a apalpar, há uma parte da tua cabeça...
- Sim, é aí mesmo. Levantei a mão...
- Um bocado do tamanho da minha mão - interrompeu a mãe - foi cortado...
- Levantei a mão e agarrei... qualquer coisa...
- O quê? Que foi, Charles?
- Creio... creio que foi um rato.
- Onde está?! - gritou a mãe.
- Não sei. Atirei com ele, com toda a força.
- Meu Deus! - exclamou a mãe, em voz fraca. - Deve ter sido um rato. Cortou-te o cabelo para fazer ninho...

Passado um momento, o pai disse:

- Carolina, juro...
- Não, Charles - interrompeu-o a mãe, baixinho.
- Se jurasse, juraria que não posso passar as noites em claro para afastar os ratos do meu cabelo.
- Oxalá tivéssemos um gato!

De facto, de manhã, estava um rato morto junto da parede do quarto, para onde o pai o atirara. E o pai apareceu ao pequeno-almoço com uma parte de trás da cabeça quase careca, onde o rato lhe roera o cabelo.

Ele não se importaria tanto se não fosse o facto de o cabelo não ter tempo de crescer antes de ter de assistir a uma reunião de delegados municipais. A região estava a ser povoada tão rapidamente que já estava a ser organizado um município e o pai tinha de ajudar. Como colono mais antigo, não podia esquivar-se ao seu dever.

A reunião efectuar-se-ia na reserva de Whiting, a cerca de seis quilómetros e meio a nordeste da cidade. A Sr.a Whiting estaria com certeza presente e o pai não poderia ficar de chapéu na cabeça.

- Não te preocupes - tranquilizou-o a mãe. - Diz-lhes o que aconteceu. É muito provável que também tenham ratos.

- Precisaremos de falar de coisas mais importantes - redarguiu o pai. - O melhor será deixá-los pensar que é assim que a minha mulher me corta o cabelo.

- Charles, não faças uma coisa dessas! - protestou a mãe, antes de perceber que ele estava a arreliá-la.

Quando saiu no carroção, nessa manhã, disse à mãe que não o esperasse para almoçar. Tinha de percorrer quase quinze quilómetros, além do tempo que gastaria na reunião.

Eram horas de jantar quando ele chegou e conduziu o carroção para o estábulo.

Desatrelou os cavalos e dirigiu-se tão depressa para casa que se cruzou com Carrie e Graça, que tinham saído ao seu encontro.

- Pequenas! Carolina! - chamou. - Adivinhem o que lhes trouxe! - Tinha a mão na algibeira e os olhos a brilhar.

- Chupas! - responderam ao mesmo tempo Carrie e Graça. - Melhor do que isso! - afirmou o pai.

- Uma carta? - perguntou a mãe?

- Um jornal - sugeriu Maria. - Talvez The Advance. Laura observava a algibeira do pai e tinha a certeza de que lá dentro alguma coisa se mexia, sem ser a mão do pai.

- Deixem a Maria ver primeiro - disse o pai, ao mesmo tempo que tirava a mão da algibeira: na palma da sua mão aberta estava um gatinho azul e branco.

Colocou-o cuidadosamente na mão de Maria, que passou a ponta de um dedo pelo pêlo macio. Devagarinho, tocou nas minúsculas orelhas, no focinho e nas patinhas.

- Um gatinho! - exclamou, maravilhada. - Um gatinho tão pequenino!

- Ainda não tem os olhos abertos - disse-lhe Laura. - O seu pêlo é tão azul como o fumo de tabaco e o seu focinho, o seu peito, as suas patas e a pontinha da sua cauda são brancos. As garras são a coisa mais pequenina e branca que já vi!

Inclinaram-se todas para o macio gatinho cego que Maria segurava. O bichano abriu a boca cor-de-rosa, num miado silencioso.

- É tão pequeno que não devia ter sido tirado à mãe - explicou o pai. - Mas eu tive de aproveitar a oportunidade, antes que outro qualquer o fizesse. O Whiting mandou vir a gata do Leste e ela teve cinco gatinhos. Venderam quatro, hoje, por cinquenta cêntimos cada um.

- Não pagou cinquenta cêntimos por este gatinho, Pá? - perguntou Laura, de olhos muito abertos de espanto.

- Paguei, sim.

A mãe disse, muito depressa:

- Não te censuro, Charles. Um gato nesta casa vale-os bem.

- Mas nós podemos criar um gatinho tão pequenino? - perguntou Maria, preocupada.

- Oh, sim, podemos! - garantiu a mãe. - Teremos de lhe dar de comer muitas vezes, de lhe lavar cuidadosamente os olhos e de o manter quente. Laura, arranja uma caixinha e escolhe os trapos mais macios e quentes do saco dos trapos.

Laura fez um ninho macio e aconchegado numa caixa de cartão e a mãe amornou um pouco de leite. Observaram todos, enquanto a mãe pegava no gatinho e lhe dava leite, gota a gota, por uma colher de chá. As patinhas do gatinho agarraram-se à colher e a sua boca cor-de-rosa tentou chupar o leite morno - e chupou-o, gota a gota, embora parte lhe escorresse pelo queixo. Depois puseram-no no ninho e, sob o calor da mão de Maria, o bichano acomodou-se e adormeceu.

- Tem sete fôlegos como qualquer gato e há-de viver - afirmou a mãe. - Vocês verão.

22

CAPÍTULO IV - DIAS FELIZES.

O pai disse que a cidade estava a crescer depressa. Chegavam novos colonos, que se apressavam a construir edifícios para se abrigarem. Uma noite, o pai e a mãe foram a pé à cidade, a fim de ajudarem a organizar uma igreja. Em breve foram preparados os alicerces para construir o edifício respectivo. Como não havia carpinteiros suficientes para se encarregarem de todo o trabalho de construção, ao pai não faltou que fazer nessa arte.

Todas as manhãs tratava dos animais e depois ia a pé para a cidade, com o almoço numa lancheira de folha. Começava a trabalhar às sete horas, em ponto, e como almoçava num instante, às seis e meia da tarde largava o trabalho e voltava para casa, para um jantar tardio. E todas as semanas ganhava quinze dólares.

Foi um período feliz, pois a horta estava a desenvolver-se bem, o milho e a aveia também, e como a bezerra foi desmamada passou a haver leite desnatado para requeijão e natas para fazer manteiga. E o melhor de tudo era que o pai estava a ganhar muito dinheiro.

Frequentemente, enquanto trabalhava na horta, Laura pensava na ida de Maria para o colégio. Já tinham passado quase dois anos desde que lhes haviam dito que existia um colégio para cegos no Iowa. Todos os dias pensavam nisso e todas as noites rezavam para que Maria pudesse ir. A maior mágoa da cegueira de Maria era o facto de a impedir de estudar. Ela gostava muito de ler e aprender e sempre quisera ser professora. Agora, porém, nunca poderia dar aulas. Laura, que não queria fazê-lo, teria de se conformar e de ensinar

23

assim que tivesse idade suficiente, a fim de ganhar dinheiro para a educação de Maria no colégio.

"Não importa", pensava, enquanto sachava na horta. "Eu vejo.",

Via o sacho, as cores da terra e todas as pequenas luzes e sombras do ervilhal. Bastava-lhe levantar a cabeça para ver quilómetros de erva agitada pelo vento, o distante horizonte azul, e aves a voar, mais além, e as crias na encosta verde, os diferentes azuis do céu e os castelos nevados das enormes nuvens de Verão. Ela tinha muito e Maria só via trevas.

Esperava, quase sem se atrever, que Maria pudesse ir para o colégio no Outono. O pai estava a ganhar tanto dinheiro... Se Maria pudesse ir, Laura estudaria com todas as ganas, trabalharia tanto que certamente poderia ensinar aos dezasseis anos e, assim, o que ganhasse manteria Maria no colégio.

Precisavam todas de vestidos e sapatos e o pai tinha de comprar farinha, açúcar, chá, sal e carne. Havia a conta da serração referente à nova metade da casa e era

necessário comprar carvão para o Inverno. E havia os impostos. Mas naquele ano teriam a horta, o milho e a aveia. No ano seguinte ao próximo, quase tudo quanto comessem seria produzido pela terra.

Se tivessem galinhas e um porco, nem sequer lhes faltaria carne. Aquela região estava agora povoada e não restava quase caça nenhuma, quem queria carne tinha de comprá-la ou criá-la. Talvez para o ano o pai pudesse comprar galinhas e um porco. Alguns colonos traziam-nos.

Uma noite, o pai chegou a casa todo sorridente.

- Não são capazes de adivinhar uma coisa! - exclamou. - Hoje vi o Boast na cidade e ele deu-me um recado da Sr.a Boast: que ela deitou uma galinha para nós!

- Oh, Charles! - exclamou a mãe.

- Assim que os pintos tenham tamanho suficiente para se arranjamem sozinhos, ele traz-nos a ninhada toda!

- Oh, Charles, que boa notícia! É mesmo da Sr.a Boast, fazer uma coisa dessas - acrescentou a mãe, agradecida. - Ele disse como ela está?

- Disse que estão a dar-se bem. Ela tem tanto que fazer que não teve tempo de vir à cidade esta Primavera. Mas não há dúvida de que tem pensado em ti.

- Uma ninhada inteira, provavelmente doze pintos ou mais! -exclamou a mãe.- Poucas fariam uma coisa dessas.

- Não esquecem como os recebestes quando chegaram, acabados de casar e depois de se perderem na neve, quando nós éramos os únicos colonos

24

num raio de sessenta e cinco quilómetros -recordou-lhe o pai.- O Boast fala muitas vezes nisso.

__Ora, isso não foi nada! Mas uma ninhada inteira... Vai dar-nos um avanço de um ano, pois antes disso não poderíamos ter a nossa criação.

Se conseguissem criar os pintos, se falcões, doninhas ou raposas os não apanhassem, alguns seriam frangas naquele Verão. No ano seguinte, as frangas começariam a pôr e então haveria ovos para chocar. No ano seguinte ao próximo haveria frangos para fritar e mais frangas para aumentar o galinheiro. Então haveria ovos para comer, e quando as galinhas estivessem demasiado velhas e deixassem de pôr, a mãe faria empadão de galinha com elas.

- E se na próxima Primavera o Pá puder comprar um leitão -disse Maria-, daqui a dois anos poderemos comer presunto com ovos. E toucinho e enchidos e entrecosto e galantina!

- E a Graça poderá assar o rabo do porco! - acrescentou Carrie.

- Porquê? - quis Graça saber.- Que é o rabo do porco? Carrie ainda se lembrava do tempo da matança, mas Graça nunca segurara, defronte do fogão, um rabo de porco esfolado, nem o vira assar, rechinante. Nunca vira a mãe tirar do forno uma frigideira cheia de entrecosto castanhinho, estaladiço e succulento. Nunca vira a travessa azul cheia a mais não poder de fragrantes bolas de enchidos, nem deitara colheradas do seu molho em panquecas. Só se lembrava do Território do Dakota e a única carne que conhecia era o toucinho gordo, branco e salgado que o pai comprava, de vez em quando.

Mas um dia voltariam a ter todas as coisas boas para comer, pois aproximavam-se melhores tempos. Com tanto trabalho a fazer e tantas esperanças no futuro, os dias voavam. Andavam todas tão atarefadas que quase não sentiam a falta do pai durante o dia. Quando ele regressava, todas as noites, trazia notícias da cidade e elas também tinham muito que lhe contar.

Tinham passado o dia inteiro a reservar uma coisa interessante para lhe dizer. Quase não esperavam que ele acreditasse, pois o que se passara era de facto extraordinário.

Enquanto a mãe estava a fazer as camas e Laura e Carrie lavavam a louça do pequeno-almoço, ouviram todas a gatinha miar de uma maneira confrangedora. A Bichana já tinha os olhos abertos e corria pelo chão, atrás de um bocado de papel que Graça puxava, preso a um cordel.

25

- Graça, tem cuidado! -recomendou Maria.- Não magoes a gatinha.

- Eu não estou a magoá-la - apressou-se Graça a responder. Antes que Maria pudesse voltar a falar, a gatinha miou de novo.

- Então, Graça -perguntou a mãe, do quarto.- Pisaste-a?

- Não, Ma - respondeu Graça.

A gatinha miou desesperadamente, e Laura, que estava a lavar a louça, voltou-se.

- Acaba com isso, Graça! Que estás a fazer à gatinha?

- Não lhe estou a fazer nada! -choramingou Graça.- Nem a encontro!

Realmente, a gatinha não se via. Carrie espreitou debaixo do fogão e atrás da arca da lenha, Graça meteu-se por baixo da toalha para ver debaixo da mesa, a mãe espreitou debaixo da estante e Laura procurou nos dois quartos.

Depois a gatinha miou de novo e a mãe descobriu-a atrás da porta aberta. Entre a porta e a parede, o pequeno animal agarrava um rato bem agarrado. O rato era adulto e forte, quase do tamanho da Bichana, e lutava. Esperneava e mordía. A gata miava quando o rato a mordía, mas não o largava. Apoiava as pernas pequenas com firmeza e fincava os dentes num pedaço de pele solta do rato. As suas pernas de bebé eram tão fracas que quase caía e o rato ia sempre mordendo.

A mãe pegou num instante na vassoura.

- Apanha a gata, Laura, que eu me encarrego do rato. Laura preparou-se para obedecer, claro, mas não pôde deixar de dizer:

- Não gosto nada de fazer isso, Ma! Ela está a aguentar. É a sua luta.

Debaixo da mão estendida de Laura, a minúscula gatinha fez um grande esforço: saltou para cima do rato. Sujeitou-o sob ambas as patas da frente e miou de novo, quando os dentes do rato voltaram a mordê-la. Depois os seus próprios dentes fecharam-se com força no pescoço do rato, que guinchou esganiçadamente e ficou inerte. Sozinha, a pequena gata matara-o. Matara o seu primeiro rato.

- Esta agora! -exclamou a mãe.- Onde já se ouviu falar de uma luta entre um gato e um rato?!

Era uma pena que a gatinha não tivesse mãe para lhe lamber as feridas e ronronar, toda orgulhosa da filha. Assim, a mãe de Laura lavou-lhe cuidadosamente as mordeduras e deu-lhe leite morno, Carrie e Graça fizeram-lhe

festas no focinho e na cabeça pequenina e macia e o animalzinho aninhou-se e adormeceu sob a mão quente de Maria.

26

Graça pegou no rato morto pela cauda e atirou-o para muito longe. E levaram o resto do dia a pensar na grande história que teriam para contar ao pai, quando ele chegasse a casa, à noite.

Esperaram que ele se lavasse e penteasse e se sentasse para jantar. Laura respondeu às suas perguntas acerca dos animais: tinha dado água aos cavalos, à vaca e às bezerras e mudara-os de lugar. As noites estavam tão agradáveis que não precisava de os meter no estábulo: dormiam debaixo das estrelas e acordavam e pastavam quando lhes apetecia.

Depois chegou o momento de contar ao pai o que a gatinha fizera.

Ele afirmou que nunca ouvira nada semelhante. Olhou para a gatinha azul e branca, que passeava cuidadosamente no chão, com a cauda fininha erguida, e disse:

- Essa bichana será a maior caçadora do município.

O dia estava a terminar, numa atmosfera de perfeita satisfação. Estavam todos juntos e o trabalho -tirando a lavagem da louça - estava todo feito, até ao dia seguinte. Saboreavam bom pão com manteiga, batatas fritas, requeijão e folhas de alface salpicadas de sal e vinagre.

Para lá da porta e da janela abertas a pradaria escurecia, mas o céu ainda estava pálido, com as primeiras estrelas a começar a terneluzir. O vento passava e dentro de casa o ar agitava-se, agradavelmente aquecido pelo fogão e perfumado pela frescura da pradaria, pela comida e pelo chá, pelo cheiro a limpo do sabão e pelo odor ténue e persistente das tábuas novas dos novos quartos.

A melhor parte de toda aquela satisfação talvez fosse o conhecimento de que o dia seguinte seria igual àquele - igual e, ao mesmo tempo, um bocadinho diferente de todos os outros, como aquele também tinha sido- Mas Laura só o soube quando o pai lhe perguntou:

- Que dirias a trabalhar na cidade?

27

CAPÍTULO V - TRABALHAR NA CIDADE.

Ninguém podia imaginar que trabalho podia haver para uma rapariga na cidade, a não ser trabalhar num hotel, como contratada.

- É uma nova ideia do Clancy. -O Sr. Clancy era um dos novos comerciantes e o pai andava a trabalhar na construção da sua loja. - Temos a loja quase acabada e ele vai transferir para lá os seus tecidos e aviamentos. A sogra veio para o Oeste com eles e vai fazer camisas.

- Fazer camisas? - repetiu a mãe.

- Sim. Há tantos homens sozinhos nas suas reservas das imediações, que o

Clancy calcula que fará melhor negócio com os seus panos se tiver alguém na loja que os transforme em camisas para os homens que não têm mulher para lhes fazer a roupa.

- É uma boa ideia - teve a mãe de admitir.

- Se é! O Clancy não é tolo nenhum! - afirmou o pai. - Já tem uma máquina para coser as camisas.

A mãe mostrou-se interessada.

- Uma máquina de costura! É como aquele desenho que vimos no Inter-Ocean? Como funciona?

- Mais ou menos como eu calculei que funcionaria - respondeu o pai. - Movimenta-se o pedal com os pés e isso faz girar a roda e subir e descer a agulha. Debaixo da agulha há uma jigajoga cheia de linha. O Clancy mostrou a alguns de nós. Trabalha com um despacho que nem imaginas e faz uma costura tão perfeita quanto se possa desejar.

- Quanto custará? - perguntou a mãe.

- Muito dinheiro, demasiado para gente como nós. Mas o Clancy considera que se trata de um investimento e recuperará o seu dinheiro em lucros.

28

- Sim, claro - concordou a mãe.

Laura compreendeu que ela estava a pensar no muito trabalho que pouparia, mas mesmo que se pudessem dar a esse luxo seria tolice comprar uma máquina daquelas só para a costura da família.

- E ele quer que a Laura aprenda a trabalhar com ela? Laura ficou assustada. Não se poderia responsabilizar por qualquer acidente que acontecesse a uma máquina tão dispendiosa.

- Oh, não! Quem vai trabalhar com a máquina é a Sr.a White. Ela quer uma rapariga habilidosa, para a ajudar na costura à mão.

E o pai explicou a Laura:

- Ela perguntou-me se eu conhecia uma rapariga nessas condições. Respondi-lhe que tu cosias bem e ela quer que a vás ajudar. O Clancy recebeu já tantas encomendas de camisas que ela sozinha não poderá desenvencilhar-se. Diz que está disposta a pagar a uma boa trabalhadora vinte cinco cêntimos por dia e almoço.

Laura fez rápida e mentalmente uma conta de multiplicar: equivalia a dólar e meio por semana, ou seja, a pouco mais de seis dólares por mês. Se trabalhasse com afinco e agradasse à Sr.a White, talvez tivesse trabalho para todo o Verão. Poderia assim ganhar quinze dólares, ou talvez até vinte, para ajudar a mandar Maria para o colégio.

Não desejava trabalhar na cidade, entre desconhecidos, mas também não podia desperdiçar uma oportunidade de ganhar quinze dólares, ou até mesmo só dez ou cinco. Engoliu em seco e perguntou:

- Posso ir, Ma? A mãe suspirou.

- Não me agrada muito, mas não terás de ir sozinha... O teu pai estará na cidade. Sim, se quiseses, podes ir.

- Não quero deixá-la com o trabalho todo... - tartamudeou Laura.

Carrie ofereceu-se logo para ajudar. Sabia fazer as camas, varrer, lavar a louça e mondar a horta... A mãe disse que Maria também ajudava muito, em casa, e agora que os animais estavam fora do estábulo, presos a cordas, à noite não havia muito que fazer. Declarou:

- Sentiremos a tua falta, Laura, mas cá nos arranjaremos.

Na manhã seguinte não houve tempo a perder. Laura foi buscar a água e ordenhou Ellen e depois apressou-se a lavar-se e a escovar, entrançar e prender o cabelo. Vestiu o seu vestido estampado mais novo e calçou meias e botinas. Enrolou o dedal num avental acabado de passar a ferro.

O pouco pequeno-almoço que teve tempo de engolir não lhe

29

soube a nada. Pôs a touca e saiu apressada com o pai. Às sete horas já tinham de estar a trabalhar na cidade.

Andava no ar a frescura matinal. Cantavam cotovias e do Pântano Grande levantavam voo umas aves de compridas pernas pendentes e longo pescoço esticado, a que chamavam “trovejadores”, por causa do grito curto e ribombante que soltavam. Estava uma manhã bonita e estuante de vida, mas o pai e Laura sentiam-se muito preocupados: travavam uma corrida com o Sol.

O Sol levantou-se sem esforço nenhum, enquanto eles caminhavam o mais depressa que podiam pela estrada da pradaria, na direcção do lado sul da Rua Principal.

A cidade estava tão mudada que parecia um lugar novo. Dois quarteirões inteiros, do lado ocidental da Rua Principal, estavam bem cheios de construções novas, de pinho amarelo. À frente deles havia um passeio de tábuas novo. O pai e Laura não tiveram tempo de atravessar a rua

30

para seguirem por ele. Estugaram o passo e seguiram em fila indiana pelo carreiro estreito e poeirento do outro lado da rua.

Desse lado, a pradaria ainda cobria todos os lotes vagos mesmo até ao estábulo e à construção para escritório do pai, no gaveto das Ruas Principal e Dois. Mas para lá deles, do outro lado da Rua Dois, erguia-se a estrutura de um novo edifício no lote de gaveto. A seguir, o carreiro passava por outros lotes vagos até chegar à loja nova de Clancy.

O interior da loja era todo novo e ainda cheirava a aparas de pinho. Tinha também o leve cheiro a goma das peças de pano novo. Atrás de dois compridos balcões e a todo o comprimento de ambas as paredes havia compridas prateleiras cheias até ao tecto de peças de musselina, estampados e cambraias, tecidos de lã e casimiras, flanelas e até sedas.

Não havia mercearias, nem ferragens, nem sapatos, nem ferramentas. Em toda a loja só havia artigos de fanqueiro e retroseiro. Era a primeira vez que Laura via uma loja que só vendia artigos de fanqueiro e retroseiro.

Do lado direito havia uma porção de balcão com o topo de vidro e, lá dentro, cartões de toda a espécie de botões e cartas de agulhas e alfinetes. No balcão, ao

lado, havia um mostruário cheio de carros de linhas de todas as cores, muito bonitos à luz que entrava pela janela.

A máquina de costura estava logo atrás da parte da frente do outro balcão, perto da janela desse lado. As suas peças niqueladas, a sua agulha comprida e a sua madeira envernizada brilhavam. Estava um carrinho de linha branca enfiado num tubinho fino da cabeça preta. Laura não teria tocado na máquina por nada deste mundo.

O Sr. Clancy desenrolava peças de pano para dois fregueses apreciarem, dois homens de camisas muito sujas. Uma mulher alta e gorda, de cabelo preto muito esticado para trás, pregava moldes de papel de jornal, com alfinetes, a um bocado de pano aos quadrados estendido no balcão, perto da máquina de costura. O pai tirou o chapéu e deu-lhe os bons-dias.

- Aqui está Laura, a minha pequena, Sr.a White - acrescentou. A Sr.a White tirou os alfinetes da boca e disse a Laura:

- Espero que cosas depressa e bem. Sabes alinhar guarnições enviesadas e fazer boas casas firmes?

- Sim, senhora.

- Podes pendurar a tua touca ali naquele prego, que eu já te destino trabalho.

31

O pai envolveu Laura num sorriso encorajador e foi-se embora.

Laura esperava que a tremura que sentia fosse passando, com o tempo. Pendurou a touca, pôs o avental e meteu o dedal no dedo. A Sr.a White deu-lhe peças de uma camisa para alinhar e disse-lhe que se sentasse na cadeira da janela, perto da máquina de costura.

Rapidamente, Laura chegou a cadeira de espaldar direito um pouco para trás, a fim de que a máquina de costura a ocultasse parcialmente da rua. Inclinou a cabeça para o trabalho e alinhavou depressa.

A Sr.a White não dizia uma palavra. Apressada e nervosamente, ia colocando os moldes sobre os tecidos e cortando camisa atrás de camisa, com uma comprida tesoura. Assim que Laura acabava de alinhar uma camisa, a Sr.a White tirava-lha das mãos e dava-lhe outra para fazer o mesmo.

Passado algum tempo, sentou-se à máquina, girou a roda com a mão e depois os seus pés. rápidos no pedal, mantiveram a roda em movimento.

32

O barulho da máquina enchia a cabeça de Laura, como o zumbido de um moscardo gigantesco. A roda era uma mancha, do movimento, e a agulha um relâmpago de luz. As mãos gorduchas da Sr.a White empurravam rapidamente o tecido para debaixo da agulha.

Laura alinhavava o mais depressa que podia. Colocava a camisa embainhada no monte, que diminuía, do lado esquerdo da Sr.a White, tirava novas peças do outro monte do balcão e embainhava-as. A Sr.a White tirava camisas alinhavadas do monte, cosia-as à máquina e empilhava-as do seu lado direito.

Havia um padrão na maneira como as camisas eram feitas: do balcão para Laura,

de Laura para um monte, do monte para a Sr.a White, que as cosia à máquina, e desta para outro monte. Era uma coisa parecida com os círculos que homens e parelhas tinham feito na pradaria, a construir a via férrea. Mas só as mãos de Laura se moviam, a manejar a agulha o mais depressa que podiam ao longo das costuras.

Os ombros e a nuca começaram a doer-lhe. Tinha uma impressão no peito e sentia as pernas cansadas e pesadas. O barulho da máquina zumbia-lhe na cabeça.

De súbito, a máquina parou.

- Pronto! - disse a Sr.a White, que cosera a última camisa alinhavada.

Laura ainda tinha de alinhavar uma manga, alinhavá-la depois à cava e alinhavar a costura de baixo do braço. E no balcão estavam as peças de mais outra camisa.

- Eu alinhavo aquela -disse a Sr.a White, e pegou nela.- Estamos atrasadas.

- Sim, senhora - respondeu Laura, a pensar que devia ter trabalhado mais depressa, embora tivesse feito o melhor que pudera.

Um homenzarrão espreitou à porta. Tinha a cara empoeirada coberta por um restolho de barba ruiva.

- As minhas camisas estão prontas, Clancy? - perguntou.

- Estarão prontas logo depois do almoço -respondeu-lhe o Sr. Clancy.

Quando o homenzarrão se foi embora, o Sr. Clancy perguntou à Sr.a White quando estariam prontas as camisas dele. A Sr.a White disse-lhe que não sabia que camisas eram e o Sr. Clancy praguejou.

Laura encolheu-se toda na sua cadeira, a alinhavar o mais depressa que podia. O Sr. Clancy tirou as camisas do monte e quase as atirou à Sr.a White. Sem deixar de gritar e praguejar, disse-lhe que

33

as tivesse prontas antes do almoço ou então teria de lhe dar satisfações.

- Não estou aqui para ser espicaçada nem açulada! -barafustou a Sr.a White.- Nem por si nem por qualquer outro irlandês brutamontes!

Laura mal ouviu o que o Sr. Clancy replicou. Desejou desesperadamente estar noutro lado qualquer. Mas a Sr.a White disse-lhe que fosse com ela almoçar. Entraram na cozinha, que ficava atrás da loja, e o Sr. Clancy foi atrás delas furioso.

A cozinha era quente e atravancada. A Sr.a Clancy estava a pôr o almoço na mesa e três garotinhas e um rapaz empurravam-se uns aos outros dos lugares. O Sr. e a Sr.a Clancy e a Sr.a White, todos a discutir a plenos pulmões, sentaram-se e comeram com apetite. Laura nem sequer compreendeu por que motivo discutiam. Não percebeu se o Sr. Clancy estava a discutir com a sua mulher ou com a mãe desta, nem se as duas estavam a discutir com ele ou uma com a outra.

Pareciam tão zangados que até teve medo de que se batessem. A certa altura, porém, o Sr. Clancy pedia: "Passa-me o pão" ou "Enche-me o púcaro, sim?", e a Sr.a Clancy fazia o que ele pedia, enquanto continuavam a chamar nomes uns aos outros, aos gritos. Os filhos não prestavam atenção. Mas Laura estava tão transtornada que não conseguia comer; só queria ir-se embora. Por isso, voltou para o seu trabalho o mais depressa que pôde.

O Sr. Clancy veio da cozinha a assobiar uma moda, como se acabasse de almoçar descansada e calmamente com a família. Perguntou alegremente à Sr.a White:

- Quanto tempo levará a acabar essas camisas?
- Não mais de duas horas - prometeu-lhe a sogra. - Vamos trabalhar as duas nelas.

Laura lembrou-se de que a mãe costumava dizer: “O mundo é feito de toda a espécie de pessoas.”

Em duas horas acabaram as quatro camisas. Laura alinhavou cuidadosamente os colarinhos, que têm de assentar convenientemente numa camisa. A Sr.a White coseu-os à máquina. Depois houve que unir os punhos às mangas e alinhavar as estreitas bainhas a toda a volta da fralda. Em seguida, foi preciso guarnecer as aberturas dos punhos, pregar todos os botões pequeninos muito bem pregados e fazer as casas.

Não é fácil espaçar as casas exactamente à mesma distância umas das outras e é muito difícil abri-las tal qual do mesmo tamanho O.

34

O mais pequeno deslize da tesoura pode fazer o buraco demasiado grande, e um só fio que se não corte deixa-o demasiado pequeno. Depois de abrir as casas, Laura fixou-lhes as arestas e seguidamente cobriu-as com o caseado, feito de pontos pequeninos, com uma laçada, todos precisamente do mesmo tamanho e todos muito juntos. Detestava tanto fazer casas que aprendera a fazê-las depressa, para se ver livre delas. A Sr.a White reparou no trabalho e observou:

- Levas-me a palma a fazer casas.

Depois de feitas as quatro camisas, havia só mais três horas de trabalho para completar o dia. Laura continuou a acabar camisas, enquanto a Sr.a White cortava mais.

Laura nunca estivera tanto tempo sentada, quieta. Os ombros doíam-lhe, a nuca doía-lhe, tinha os dedos todos picados pela agulha e sentia os olhos inflamados e nublados. Por duas vezes teve de tirar alinhavos e de começar do princípio. Sentiu-se contente quando o pai chegou e pôde levantar-se e dobrar o trabalho.

Dirigiram-se rapidamente para casa os dois. O dia inteiro passara e o Sol estava a pôr-se.

- Que tal o teu primeiro dia de trabalho pago, Meia Canequinha? - perguntou o pai.
- Saíste-te bem?
- Creio que sim. A Sr.a White elogiou as minhas casas.

35

CAPÍTULO VI - O MÊS DAS ROSAS.

Durante todo aquele encantador mês de Junho, Laura coseu camisas. Desabrochavam rosas bravas, em grandes extensões rosadas, através da erva da

pradaria, mas Laura só as via de manhãzinha, quando ia apressada para o trabalho, com o pai.

O suave céu matinal começava a apresentar um azul mais claro e já se viam alguns fiapos de nuvens estivais. As rosas perfumavam o vento e ao longo da estrada as frescas flores, com as suas pétalas novas e o seu centro dourado, voltavam-se para cima como caras.

Ela sabia que ao meio-dia grandes nuvens brancas navegariam no céu brilhantemente azul. As suas sombras passariam, agitando a erva e dando uma tremura às rosas. Mas ao meio-dia ela estaria na ruidosa cozinha.

À noite, quando regressava a casa, as rosas da manhã estavam murchas e as suas pétalas eram arrastadas pelo vento.

De resto, ela já era muito crescida para brincar. E era maravilhoso pensar que estava a ganhar um bom salário. Todos os sábados à noite, a Sr.a White contava dólar e meio e Laura levava o dinheiro para casa e dava-o à mãe.

- Não gosto de ficar com o teu dinheiro todo, Laura - disse a mãe, uma vez. - Parece-me que devias ficar com algum para ti.

- Para quê, Ma? - perguntou Laura. - Não preciso de nada. As suas botinas ainda estavam boas, tinha meias e roupa interior e o seu vestido estampado estava quase novo. Passava a semana inteira a aguardar o prazer de levar o seu salário para casa, para a mãe. E muitas vezes pensava, também, que aquilo era apenas o princípio. Dali a mais dois anos teria dezasseis anos, idade suficiente para ensinar. Se estudasse com afinco e obtivesse um certificado de professora, e depois uma escola onde ensinar, então, sim,

36

poderia ajudar verdadeiramente a mãe e o pai. Poderia começar a pagar-lhes tudo quanto lhes custara desde pequenina. Então poderiam, com certeza, mandar Maria para o colégio.

Às vezes quase perguntava à mãe se não podiam arranjar maneira de mandar já a Maria para o colégio, contando com o que ela ganharia mais tarde, para ajudar a manter lá a irmã. Mas nunca se atrevia, com receio de que a mãe respondesse que seria correr um grande risco.

No entanto, essa tênue esperança permitia-lhe ir mais alegremente trabalhar para a cidade. Os seus ganhos eram uma ajuda. Sabia que a mãe poupava o mais que era possível e que Maria iria para o colégio o mais depressa que o pai e a mãe pudessem mandá-la.

A cidade era como uma mazela na bonita e selvagem pradaria. Velhas medas de feno e montes de esterco apodreciam junto dos estábulos e as traseiras das fachadas falsas das lojas eram toscas e feias. A erva já desaparecera até mesmo da Rua Dois e entre as construções soprava poeira grossa. A cidade cheirava a coisas velhas, a poeira, fumo e a odores gordurosos de cozinhados. Das tabernas vinha um cheiro a humidade e do chão, junto das portas traseiras, erguia-se um cheiro ácido e mofento, da água de lavar a louça que para lá era despejada. Mas ao fim de certo tempo na cidade não se dava pelos cheiros e havia um certo interesse em ver passar desconhecidos.

Os rapazes e as raparigas que Laura conhecera na cidade, no Inverno anterior,

não estavam lá agora: tinham ido para as cabanas nas reservas. Os lojistas ficavam na cidade, para tomarem conta dos seus estabelecimentos, e viviam sozinhos nas divisões do fundo, enquanto as mulheres e os filhos passavam todo o Verão na pradaria, nas suas reservas. A lei estipulava que um homem não poderia conservar o direito a uma reserva, a não ser que a sua família lá vivesse seis meses em cada ano, durante cinco anos. Antes de o governo lhe dar o título de posse da reserva, tinha também de manter cinco hectares de solo desbravado e cultivado durante os mesmos cinco anos. Mas ninguém podia manter-se só com o que dava aquela terra bravia. Por isso, as mulheres e as raparigas passavam o Verão todo nas cabanas das reservas, para respeitar a lei, e os rapazes desbravavam a terra e faziam sementeiras, enquanto os pais construíam a cidade e tentavam arranjar dinheiro suficiente para comprar alimentos e ferramentas vindos do Leste.

Quanto mais Laura via a cidade, tanto mais tomava consciência de como a sua família estava bem. Isso devia-se ao facto de o pai ter começado com um ano inteiro de avanço em relação aos outros. Desbravara a terra no ano anterior. Agora tinham a horta e o campo de aveia

37

e a segunda sementeira de milho estava a desenvolver-se bem no campo novo. O feno alimentaria o gado durante o Inverno e o pai poderia vender a aveia e o milho para comprar carvão. Todos os novos colonos estavam a começar agora, mas o pai começara no ano anterior.

Quando levantava os olhos do trabalho, Laura podia ver a cidade quase toda, pois quase todas as construções se aglomeravam nos dois quarteirões do outro lado da rua. Todas as suas falsas fachadas se erguiam, em ângulos rectos, a diferentes alturas, para tentarem dar a impressão de que os edifícios tinham dois andares.

O Hotel Mead, ao fundo da rua, o Hotel Beardsley, quase defronte de Laura, e a Loja de Móveis Tinkham, perto do meio do quarteirão seguinte, tinham realmente dois andares. Esvoaçavam cortinas, nas janelas do primeiro andar, a mostrarem como aquelas construções eram verdadeiras, no meio da enfiada de falsas fachadas.

Mas essa era a única diferença entre eles e as outras construções. Eram todas feitas de madeira de pinho, que o tempo começava a tornar cinzento. Cada edifício tinha duas janelas altas, de vidro, à frente, e uma porta no meio. Todas as portas estavam abertas, por causa do calor, e tinham na abertura um bocado de rede mosquiteira cor-de-rosa, presa a uma armação de madeira.

Defronte de todas elas corria o passeio de tábuas, a todo o comprimento do qual havia postes para prender cavalos. Havia sempre alguns cavalos à vista, presos aqui e ali nos postes, e por vezes um carroção com uma parelha de cavalos ou uma junta de bois.

De vez em quando, ao cortar uma linha com os dentes, Laura via um homem atravessar o passeio, desamarrar o seu cavalo, saltar-lhe para cima e partir. Às vezes ouvia uma parelha e um carroção, e quando os ruídos eram mais fortes levantava a cabeça e via-os passar.

Um dia, assustou-a um alarido confuso de gritos. Viu um homem alto sair com

gestos violentos da taberna Brown, cuja porta de rede bateu ruidosamente atrás dele.

Com grande dignidade, o homem virou-se. Olhou altivamente para a porta e, levantando a perna comprida, enfiou o pé desdenhosamente pela rede mosquiteira, que se rasgou irregularmente de alto a baixo. De dentro da taberna vieram gritos de protesto.

O homem alto não lhes prestou atenção nenhuma. Voltou-se arrogantemente e encontrou à sua frente um homem baixo e gordo, que queria entrar na taberna. Pelo seu lado, o alto queria afastar-se dela. Mas estavam um defronte do outro.

38

O primeiro erguia-se muito alto e muito digno. O segundo bufava, também cheio de dignidade.

De súbito, o homem alto descobriu o que tinha a fazer. Enfiou o braço comprido no braço gordo do outro e desceram juntos o passeio, a cantar:

Navega para a costa, marinheiro!

Navega para a costa!

Não liguês aos ventos tempestuosos...

O homem alto levantou solenemente a perna comprida e enfiou o pé pela porta de rede do Harthorn. No interior soou um grito: - Eh, lá! Que... Os dois homens continuaram a andar e a cantar:

Por muito alto que rujam! Navega para a costa, marinheiro...

Ostentavam um ar tão digno quanto era possível. As pernas compridas do homem alto davam passos o mais longos possível. O homenzinho gordo tentava, com dignidade, estender as pernas curtas, para o acompanhar.

Não liguês aos ventos tempestuosos...

O homem alto enfiou gravemente o pé pela rede mosquiteira da porta do Hotel Beardsley. O Sr. Beardsley veio cá fora, a ferver de indignação. O homem continuou a andar solenemente.

Por muito alto que rujam!

Laura ria-se tanto que as lágrimas lhe corriam dos olhos. Viu a perna comprida e solene rasgar a rede mosquiteira da porta da Merceria Barker. O Sr. Barker veio à rua, protestar. As pernas compridas, em grandes passadas, e as pernas curtas e gordas a esticar-se gravemente para as acompanhar, afastaram-se dele altivamente.

Navega para a costa!

O pé do homem alto enfiou-se pela porta de rede da Loja de Rações Wilder. Royal Wilder abriu-a de repelão e disse o que pensava. Os dois homens detiveram-se a ouvi-lo gravemente, até ele parar para tomar fôlego.

39

Então o homenzinho gordo disse com grande dignidade:

- Chamo-me Tay Pay Pryor e estou bêbedo.

E seguiram o seu caminho de braço dado, com a nova cantilena. Primeiro o homenzinho gordo:

Chamo-me Tay Pay Pryor... Depois ambos em coro, como duas grandes rãs: ...e estou bêbedo!

O homem alto não dizia que se chamava T. P. Pryor, mas nunca falhava com o solene: "... e estou bêbedo!"

Deram meia volta e entraram na outra taberna, cuja porta de rede bateu ruidosamente atrás deles. Laura conteve a respiração, à espera, mas a rede mosquiteira dessa porta permaneceu ilesa.

Laura riu-se até lhe doer o corpo e não foi capaz de parar nem mesmo quando a Sr.a White disse, abespinhada, que era uma vergonha o que os homens eram capazes de fazer quando bebiam.

- Pensa no preço de todas aquelas portas de rede - insistiu a Sr.a White. - Estou surpreendida contigo. A gente nova, hoje em dia, parece não ter nenhuma noção do que custam as coisas.

Nessa noite, quando Laura tentou descrever os dois homens, para que Maria os visse, ninguém se riu.

- Valha-me Deus, Laura, como pudeste rir-te de bêbedos? - quis saber a mãe.

- Acho isso horrível - acrescentou Maria. O pai disse:

- O alto era Bill O'Dowd. Sei que o irmão lhe comprou aqui uma reserva, para o afastar da bebida. Duas tabernas nesta cidade são duas tabernas a mais.

- É uma pena que não haja mais homens a dizê-lo - comentou a mãe. - Começa a parecer-me que se não for posto um entrave ao negócio do álcool, as mulheres deverão mexer-se e dizer qualquer coisa a esse respeito.

- Parece-me que tu tens muito a dizer, Carolina - declarou o pai, a sorrir-lhe com o olhar. - A mãe nunca me deixou em dúvida quanto ao mal de beber. Nem a voceta.

- Não me arrependo - redarguiu a mãe. - É uma vergonha que tais coisas possam acontecer diante dos próprios olhos de Laura.

O pai olhou para Laura com os olhos ainda a brilhar, e ela percebeu que ele não a censurava por se ter rido.

40

CAPÍTULO VII - NOVE DÓLARES.

O Sr. Clancy já não recebia tantas encomendas de camisas. Parecia que todos os homens que podiam comprar camisas naquele ano já as tinham comprado. Um sábado à noite, a Sr.a White disse:

- A lufa-lufa da Primavera parece ter acabado.

- Sim, senhora - respondeu Laura.

A Sr.a White contou um dólar e meio e deu-lho.

- Já não precisarei mais de ti, por isso escusas de vir na segunda-feira de manhã. Adeus.

- Adeus - despediu-se Laura.

Trabalhara seis semanas e ganhara nove dólares. Um dólar parecera-lhe muito dinheiro apenas seis semanas antes, mas agora nove dólares não eram suficientes. Se tivesse trabalhado ao menos mais uma semana, receberia dez

dólares e meio, ou -doze dólares, uma conta redonda, se tivesse trabalhado mais duas.

Sabia como seria bom ficar outra vez em casa, ajudar na lida, tratar dos animais e trabalhar na horta, ir passear com Maria e apanhar flores silvestres, e aguardar a chegada do pai, à noite. Mas, apesar disso, sentia-se banida e vazia por dentro.

Lentamente, seguiu pelo carreiro ao longo da Rua Principal. Agora o pai estava a trabalhar na construção do gaveto da Rua Dois. Estava junto de uma pilha de telhas, a esperá-la, e quando a viu exclamou:

- Olha o que temos para levar para casa, para a tua mãe!

A sombra das telhas estava um cesto de alqueire coberto com uma saca. No interior havia um raspar de garras pequenas e um coro de pios. Os pintos!

- O Boast trouxe-os hoje - explicou o pai. - Catorze, todos saudáveis e rijos. - O rosto do pai estava todo sorridente,

41

na previsão do contentamento da mãe. - O cesto não é pesado. Tu pegas numa asa e eu na outra e assim levamo-los direitinhos.

Desceram a Rua Principal e meteram pela estrada que levava a casa, com o cesto cuidadosamente no meio dos dois. O pôr do Sol tingia o céu todo de carmesim e ouro incendiado. O ar estava cheio de luz dourada e o lago da Prata, a leste, brilhava como fogo. Do cesto subiam os pios assustados e inquietos dos pintos.

- Pá, a Sr.a White já não me quer mais - informou Laura.

- Sim, calculo que a azáfama da Primavera está praticamente acabada.

Laura não pensara que o emprego do pai poderia acabar.

- Oh, Pá, também não haverá mais trabalho de carpinteiro?!

- Não podíamos esperar que durasse o Verão todo. De resto, tenho de começar a ferrar muito em breve.

Passados momentos, Laura disse:

- Só ganhei nove dólares, Pá.

- Nove dólares não é coisa a que se torça o nariz. Fizeste bom trabalho e deste completa satisfação à Sr.a White, não deste?

- Dei - respondeu Laura, sem fugir à verdade.

- Nesse caso, acabou-se um bom trabalho, que fizeste bem feito. É verdade que isso causava certa satisfação. Laura sentiu-se um bocadinho melhor. Além disso, levavam os pintos para a mãe.

A mãe ficou encantada quando os viu. Carrie e Graça comprimiram-se uma contra a outra, para os espreitarem no cesto, e Laura descreveu-os a Maria. Eram pintos saudáveis e vivos, com brilhantes olhos pretos e garras amarelas. A penugem já estava a cair, deixando peladas no pescoço, e os canudos das penas novas já se viam nas asas e na cauda. Eram de todas as cores que os pintos costumam ser e alguns eram malhados.

A mãe tirou-os cuidadosamente, um por um, para o avental.

- A Sr.a Boast não deve ter tirado estes todos só de uma galinha - observou. - Parece-me que só há dois frangos.

- Os Boast levam um tal avanço com a criação de galinhas que provavelmente já contam comer frango frito este Verão - observou o pai. - Talvez ela tenha tirado

alguns machos desta ninhada, a contar com eles como carne.

- Sim, e substituiu-os por frangas, que serão poedeiras - disse a mãe. - É mesmo da Sr.a Boast fazer uma coisa assim. Nunca vi mulher mais generosa.

Levou os pintos no avental e foi pô-los, um por um, na capoeira que o pai já tinha feito. A frente era de ripas, para deixar entrar o ar e o sol, e tinha uma portinha, com o fundo de madeira. Não tinha chão,

42

mas estava armada em cima de erva limpa, que os pintos podiam comer, e quando a erva ficasse pisada e suja a capoeira seria mudada para outro lugar.

Numa velha frigideira, a mãe fez umas papas de farelo, bem apimentadas. Pôs a frigideira na capoeira e os pintos atiraram-se a ela e devoraram as papas de farelo com tal sofreguidão que às vezes até pareciam querer engolir os dedos, por engano. Quando não podiam comer mais, empoleiravam-se na borda da vasilha da água: apanhavam a água com o bico, estendiam o pescoço e inclinavam a cabeça para trás, para engolir.

A mãe disse que seria tarefa da Carrie dar-lhes muitas vezes de comer e manter a vasilha da água cheia de água fresca e limpa. No dia seguinte, deixá-los-ia andar à solta e competiria a Graça vigiar, não fossem aparecer falcões.

Depois do jantar, a mãe mandou Laura ver se os pintos estavam a dormir bem. Todas as estrelas brilhavam sobre a escura pradaria e uma nesga de Lua, como uma foice, brilhava baixo, a oeste. A erva respirava suavemente, a dormir na noite serena.

43

A mão de Laura passou de mansinho sobre os pintos, que dormiam todos aninhados uns contra os outros a um canto da capoeira. Depois ficou parada, a admirar a noite estival. Não sabia havia quanto tempo ali estava quando a mãe saiu de casa.

- Ah, estás aí, Laura! - exclamou a mãe, baixinho.

Como Laura fizera, ajoelhou-se e enfiou a mão pela porta da capoeira, para apalpar os pintos aninhados. Depois levantou-se e ficou também a olhar.

- Isto começa a parecer uma quinta - observou.

O campo de aveia e o campo de milho destacavam-se na escuridão, assim como os maciços de folhas escuras da horta. Como charcos de ténue brilho das estrelas sobressaíam entre elas as hastes dos pepinos e das abóboras. O estábulo baixo, de terra, quase não se via, mas na janela da casa brilhava uma quente luz amarela.

De súbito, sem pensar, Laura disse:

- Oh, Ma, quem me dera que a Maria pudesse ir para o colégio este Outono!

Inesperadamente, a mãe respondeu:

- Talvez possa. O teu pai e eu temos falado disso.

Laura ficou um momento sem poder falar. Depois perguntou:

- Disseram... disseram-lhe alguma coisa?

- Ainda não. Não devemos despertar-lhe esperanças para depois a

decepcionarmos. Mas com os salários do pai, a aveia e o milho, se nada correr mal, achamos que ela poderá ir, este Outono. Temos de confiar nas nossas possibilidades de lá a mantermos até ela concluir o curso de sete anos, tanto do colégio como de treino manual.

Foi então que, pela primeira vez, Laura teve consciência de que, quando Maria fosse para o colégio, se ausentaria. Sairia de casa. Não estaria lá durante todo o longo dia. Laura não conseguiu imaginar o que seria a vida sem Maria.

- Oh, desejo... - começou, mas calou-se.

Desejara tão ansiosamente que Maria pudesse ir para o colégio e agora...

- Sim, sentiremos a falta dela - observou a mãe, em tom firme. - Mas devemos pensar que é uma grande oportunidade para a tua irmã.

- Bem sei, Ma - respondeu Laura, tristemente.

A noite tornara-se imensa e vazia. A luz que brilhava em casa era quente e firme, mas a própria casa deixaria de ser a mesma quando Maria lá não estivesse.

Então a mãe disse:

- Os teus nove dólares são uma grande ajuda, Laura. Estive a fazer contas e creio que com eles poderei comprar o tecido e os avios para o melhor vestido de Maria e talvez veludo para lhe fazer um chapéu.

44

capítulo VII - 4 DE JULHO.

Laura foi arrancada ao sono. O quarto estava às escuras. Carrie perguntou, num murmúrio fraco e assustado:

- Que foi aquilo?

- Não te assustes - respondeu-lhe Laura.

Ficaram as duas à escuta. A janela mal começava a acinzentar, na escuridão, mas Laura tinha a sensação de que o meio da noite já passara. Bum! O ar pareceu tremer.

- Tiros de canhão! - exclamou o pai, ensonado.

- Porquê? Porquê? - perguntou Graça. - Pá, Ma, porquê?

- Quem é? - perguntou por sua vez Carrie. - Estão a dar tiros a quê?

- Que horas são? - quis saber a mãe. O pai respondeu-lhes, através do tabique: -É o 4 de Julho, Carrie.

O ar estremeceu de novo: bum!

Não eram tiros de canhão. Era pólvora deflagrada na bigorna do ferreiro, na cidade. O ruído lembrava o das batalhas que os Americanos tinham travado pela independência. O dia 4 de Julho fora aquele em que os primeiros americanos tinham declarado que todo> os homens nasciam livres e iguais. Bum!

- Vamos, meninas, o melhor é levantarmo-nos - disse a mãe. O pai cantou:

Oh, consegues ver, à matinal luz da alvorada?

- Oh, Charles! - protestou a mãe, mas a rir, pois na verdade estava muito escuro para ver fosse o que fosse.

- Não há razão nenhuma para nos mostrarmos solenes! - exclamou o pai, a saltar da cama. - Viva, somos americanos! - E voltou a cantar:

Viva! Viva! Cantaremos o jubileu!

Viva! Viva a bandeira que liberta os homens!

Até o Sol, ao nascer, reluzente, no mais claro dos céus, parecia saber que aquele dia era o glorioso 4 de Julho. Ao pequeno-almoço, a mãe disse:

- Está um dia perfeito para um piquenique de 4 de Julho.

- Talvez em Julho do ano que vem a cidade esteja suficientemente grande para fazermos um - redarguiu o pai.

- De qualquer maneira, seria difícil fazermos um piquenique este ano - admitiu a mãe. - Não pareceria um piquenique, sem frango frito.

Depois de um começo tão auspicioso, o dia pareceu vazio. Um dia tão especial dir-se-ia esperar que acontecesse alguma coisa especial. Mas não podia acontecer nada.

- Apetece-me vestir a preceito - disse Carrie, enquanto lavavam e limpavam a louça.

- Também eu, mas não há motivo nenhum para isso - respondeu Laura.

Quando saiu com a água da louça, para a despejar longe de casa, viu o pai a olhar para a aveia. Crescia basta e alta, verde-acinzentada, e ondulava suavemente ao vento. O milho também estava a crescer com ganas. As suas agitadas folhas verde-amareladas quase ocultavam o solo desbravado pela primeira vez. Na horta, as hastes trepadoras dos pepinos estendiam-se, com as pontas rastejantes a desenrolar-se a seguir a manchas de folhas grandes e abertas. As filas de ervilhas e feijões cresciam bem, as cenouras deitavam a sua rendilhada rama verde e as beterrabas tinham folhas compridas e escuras, a irromper de caules vermelhos. Os alquequengues, ou erva-noiva, já formavam pequenos arbustos. Os pintos andavam pelo meio da erva, a caçar insectos para comerem.

Tudo aquilo era satisfação bastante para um dia vulgar, mas no 4 de Julho deveria haver mais qualquer coisa.

O pai pensava o mesmo. não tinha nada que fazer, pois no 4 de Julho não se podia fazer nada, a não ser tratar dos animais e a lida da casa. Passados momentos, entrou em casa e disse à mãe:

- Há uma espécie de celebração na cidade. Gostarias de ir?

- Que género de celebração?

- Principalmente corridas de cavalos. Mas fizeram uma colecta para limonada - respondeu o pai.

- Corridas de cavalos não são para mulheres... e não podia ir fazer visitas, sem ser convidada, no 4 de Julho.

Laura e Carrie quase rebentavam de ansiedade, enquanto a mãe pensava. Por fim, ela abanou a cabeça:

- Vai tu, Charles. De qualquer modo, seria uma grande estafa para a Graça.

- É muito mais agradável estar em casa - disse Maria. Então Laura perguntou:
- Se o Pá vai, a Carrie e eu não podemos ir?

Os olhos duvidosos do pai brilharam e sorriram a Laura e a Carrie. A mãe também lhes sorriu. - Sim, Charles, será uma saída agradável para vocês todos - declarou.

- Carrie, vai numa corrida à cave e traz a manteiga. Enquanto se vestirem, preparo pão com manteiga para levarem.

De súbito, o dia pareceu realmente 4 de Julho. A mãe fez sanduiches, o pai engraxou as botas e Laura e Carrie vestiram-se apressadamente. Por sorte, o vestido estampado aos raminhos, de Laura, estava lavado e passado a ferro. Ela e Carrie, cada uma por sua vez, lavaram muito bem a cara, o pescoço e as orelhas, até as deixarem rosadas. Por cima da roupa interior de musselina crua vestiram os saíotes tesos de musselina branca e engomada. Escovaram e entrançaram o cabelo e Laura enrolou as pesadas tranças à volta da cabeça e prendeu-as. Pôs as fitas de domingo nas pontas das tranças de Carrie e depois enfiou o vestido estampado aos raminhos e abotoou-o atrás. O grande folho do fundo da saia basta descia-lhe até à orla das botinas.

- Abotoa-me, por favor - pediu Carrie, que não conseguia chegar a dois botões do meio das costas; abotoara todos os outros de fora para dentro.

- Não podes usar os botões abotoados para dentro numa celebração do 4 de Julho - observou Laura, enquanto os desabotoava e abotoava de novo como devia ser.

- Se ficam para fora, prendem-se-me ao cabelo - protestou Carrie. - As tranças prendem-se neles.

- Bem sei. As minhas também se prendiam. Mas terás de suportar isso até teres idade para usar o cabelo para cima.

Puseram as toucas. O pai esperava-as, com o embrulho de papel pardo das sanduiches. A mãe observou-as cuidadosamente e disse:

- Estão muito bem.

48

- É um brinde para mim, sair com as minhas duas pequenas bonitas - brincou o pai.

- O Pá também está muito bem - elogiou Laura.

Tinha as botas a brilhar, a barba aparada e usava o fato de domingo e o chapéu de feltro de aba larga.

- Quero ir! - exigiu Graça.

Mesmo depois de a mãe lhe dizer: “Não, Graça”, ela repetiu duas ou três vezes: “Quero!”. Quase a tinham estragado com mimos, por ser a mais novinha. Agora a sua teimosia tinha de ser cortada em botão- O pai teve de a sentar severamente numa cadeira e de lhe dizer:

- Ouviste o que a mãe disse.

Saíram muito sérios, tristes por causa da Graça. Mas ela tinha de aprender a fazer o que lhe mandavam. Talvez pudesse ir para o ano, se houvesse uma grande festa e fossem todos de carroção. Agora iam a pé, para deixarem os cavalos presos às suas cordas, a comer erva. Os cavalos cansavam-se de passar o dia inteiro presos a postes, à poeira e ao calor. Graça era muito pequenina para

percorrer o caminho todo a pé, à ida e à vinda, e já era crescida de mais para ir ao colo.

Mesmo antes de chegarem à cidade, ouviram um som semelhante a milho a pipocar. Carrie perguntou o que era e o pai respondeu-lhe que eram estalinhos.

Havia cavalos amarrados ao longo de toda a extensão da Rua Principal. Os passeios estavam tão cheios de homens e rapazes que em certos lugares quase tocavam uns nos outros. Os rapazes atiravam estalinhos acesos para a rua poeirenta, onde eles crepitavam e explodiam. O barulho assustava. - Não sabia que seria assim - murmurou Carrie.

Laura também não estava a gostar muito. Nunca tinham estado no meio de semelhante multidão. A única coisa que podiam fazer era caminhar para cima e para baixo, no meio da turba, e elas sentiam-se inquietas entre tantos desconhecidos.

Percorreram duas vezes os dois quarteirões com o pai, e depois Laura perguntou-lhe se ela e Carrie não podiam ficar no seu estabelecimento. O pai disse que era uma boa ideia. Elas podiam observar a multidão enquanto ele dava uma volta, depois comeriam a merenda e veriam as corridas. Deixou-as no edifício vazio e Laura fechou a porta.

Era agradável estarem sozinhas na casa vazia e cheia de ecos. Olharam para a cozinha deserta, das traseiras, onde tinham todos vivido aninhados durante o longo e duro Inverno. Subiram em bicos de pés para os quartos vazios e quentes, debaixo do telhado e,

49

da janela principal, olharam para baixo, para a multidão e para os estalinhos que saltavam e explodiam na poeira.

- Gostaria de ter alguns estalinhos - disse Carrie.

.- São armas - redarguiu Laura, a fazer de conta. - Estamos no Forte Ticonderoga e aqueles são ingleses e índios. Nós somos americanos, a lutar pela independência.

- Quem estava no Forte Ticonderoga eram os ingleses, e os rapazes da montanha Verde tomaram-no - lembrou Carrie.

- Então acho que estamos com Daniel Boone no Kentucky e isto é uma paliçada de troncos. Mas os ingleses e os índios aprisionaram-no... - teve Laura de admitir.

- Quanto custam os estalinhos? - perguntou Carrie.

- Mesmo que o pai os pudesse comprar, seria estúpido gastar dinheiro só para fazer um bocadinho de barulho. Olha para aquele pequeno pónei baio. Vamos escolher os cavalos de que gostamos mais. Podes escolher tu primeiro.

Havia tanto que ver que lhes custou a acreditar que fosse meio-dia quando ouviram as botas do pai no andar de baixo, e ele chamou:

- Pequenas! Onde estão?

Desceram a correr. O pai estava a divertir-se, tinha os olhos a brilhar.

- Arranjei um petisco para nós! - anunciou. - Arenque fumado, para acompanhar o pão com manteiga! E olhem que mais! - Mostrou-lhes um punhado de estalinhos.

- Oh, Pá! - exclamou Carrie. - Quanto custaram?

- A mim não me custaram nada. O advogado Barnes deu-mos, disse-me que os

desse a vocês, pequenas.

- Mas porque fez ele isso? - perguntou Laura, que nunca tinha ouvido falar do advogado Barnes.

- Oh, creio que vai entrar para a política! - É assim, afável e simpático, com toda a gente. Querem que os rebente agora ou depois de comermos?

Laura e Carrie pensaram a mesma coisa. Souberam-no quando olharam uma para a outra.

- Vamos levá-los para casa, para a Graça, Pá - respondeu Carrie.

- Está bem.

O pai meteu os estalinhos na algibeira e desembrolhou o arenque fumado, enquanto Laura abria o pacote das sanduíches. O arenque era delicioso. Guardaram algum para levar para casa, para a mãe. Quando acabaram de comer o pão com manteiga, foram ao poço e

51

beberam demoradamente pela borda do balde que o pai segurava, a pingar. Depois lavaram as mãos e a cara afogueada e limparam-se ao lenço do pai.

Eram horas de ir ver as corridas. Toda a multidão estava a atravessar a via férrea e a dirigir-se para a pradaria. Num poste cravada no chão, a bandeira americana flutuava, recortada no céu. O sol brilhava e soprava uma brisa fresca.

Ao lado do pau da bandeira, erguia-se um homem acima da multidão, empoleirado em qualquer coisa. O som das vozes esmoreceu e ouviram-no falar:

- Bem, rapazes - disse -, não sou muito bom a falar em público, mas hoje é o glorioso 4 de Julho. É a data em que os nossos avós se libertaram dos déspotas da Europa. Não havia muitos americanos, nesse tempo, mas não toleravam que um monarca qualquer os tiranizasse. Tiveram de lutar com os soldados britânicos e com os hessianos, seus mercenários, além de com os selvagens e assassinos escarpeladores peles-vermelhas, que os finos aristocratas de rendas douradas soltavam nos nossos povoados e a quem pagavam para assassinar, queimar e escalar mulheres e crianças. Um punhado de americanos descalços teve de lutar com todos eles e venceu-os. Sim, senhor! Vencemos os Ingleses em 1776-e voltámos a vencê-los em 1812, e corremos com todas as monarquias da Europa, do México i deste continente há menos de vinte anos! Sim, senhor! Aqui por esta Velha Glória, que flutua sobre a minha cabeça, todas as vezes que os déspotas da Europa tentarem pisar os dedos da América nós voltaremos a vencê-los!

- Viva! Viva! - gritou toda a gente, e Laura, Carrie e o pai também gritaram: - Viva! Viva!

- Pois bem, aqui estamos hoje - prosseguiu o homem -, cada um de nós um cidadão livre e independente desta nação de Deus, a única da Terra onde um homem é livre e independente. Hoje é o 4 de Julho, o dia em que tudo começou, e deveria haver uma comemoração maior e melhor do que esta. Este ano pouco podemos fazer. Na maioria, estamos aqui a tentar endireitar a nossa vida e mal começámos. Mas para o ano é provável que alguns de nós já estejamos melhor e possamos contribuir para uma grande e estrondosa celebração do Dia da Independência. Entretanto, aqui estamos. É 4 de Julho e neste dia alguém tem de ler a Declaração da Independência. Parece que fui eu o escolhido. Por isso,

segurem os chapéus, rapazes, pois vou lê-la.

Laura e Carrie sabiam de cor a Declaração, evidentemente, mas despertou-lhes um sentimento maravilhoso e grave ouvi-la ler.

52

Deram as mãos e escutaram, juntamente com a solene multidão. A ban-j ira das estrelas e das riscas esvoaçava, colorida e luminosa, no ar laro, e Laura e Carrie diziam mentalmente as palavras antes de os C us ouvidos as ouvirem.

s _-”Quando no decurso de acontecimentos humanos se torna necessário a um povo romper os laços políticos que o ligaram a outro e csumir entre as nações da Terra o lugar independente e igual a que jeis da natureza e do Deus da natureza lhe dão direito, um respeito decente pelas opiniões da humanidade exige-lhe que declare as causas que o impelem a essa separação.

“Consideramos auto-evidentes as verdades segundo as quais todos os homens são criados iguais e dotados pelo seu Criador de certos direitos inalienáveis, entre eles a vida, a liberdade e a procura da felicidade...!”

Seguiu-se a longa e terrível lista dos crimes do rei.

- “Tentou impedir o povoamento destes estados.

“Dificultou a administração da justiça.

“Construiu uma multitude de novas repartições e mandou para cá enxames de funcionários para atormentar o nosso povo e sugar -lhe a substância.

“Saqueou os nossos mares, assolou as nossas costas, incendiou as nossas cidades e destruiu vidas do nosso povo...

“Transporta neste momento grandes exércitos de mercenários para completarem as obras de morte, destruição e tirania já iniciadas em circunstâncias de crueldade e perfídia que dificilmente encontram paralelo nos séculos mais bárbaros e totalmente indignas do chefe de uma nação civilizada...

“Nós, portanto, os representantes dos Estados Unidos da América, reunidos em congresso geral e apelando para o Juiz Supremo do mundo quanto à rectidão das nossas intenções, em nome e pela autoridade do bom povo destas colónias solenemente publicamos e declaramos.

“Que estas colónias unidas são, e por direito o devem ser, estados livres e independentes, que são desobrigadas de toda a submissão à coroa inglesa e que todas as ligações políticas entre elas e o Estado da Grã-Bretanha são e devem ser totalmente dissolvidas; e que, como estados livres e independentes, têm todo o direito de mobilizar para a guerra...

“E para apoio desta Declaração, com firme crença na protecção da divina providência, mutuamente comprometemos a nossa vida, a nossa fortuna e a nossa honra sagrada.”

Ninguém aplaudiu. O momento parecia mais apropriado para dizer “ámen”.

53

Mas ninguém sabia bem o que fazer.

Então o pai começou a cantar e, de repente, toda a gente cantava:

Meu país, é de ti, Doce terra da liberdade, É de ti que canto...
Por muito tempo brilhe na nossa terra A luz santa da liberdade. Protege-nos com o
Teu poder, Grande Deus, nosso Rei!

A multidão começava a dispersar, mas Laura permaneceu imóvel. De súbito, teve um pensamento completamente novo. A Declaração e os versos uniram-se no seu espírito e ela pensou: Deus é o rei da América.

Pensou: os Americanos não obedecerão a nenhum rei da Terra. Os Americanos são livres. Isso significa que têm de obedecer à sua própria consciência. Nenhum rei manda no meu pai; ele tem de mandar em si próprio. E até, quando eu for um bocadinho mais velha, o pai e a mãe deixarão de me dizer o que devo fazer e não haverá mais ninguém que tenha o direito de me dar ordens. Eu própria terei de me obrigar a ser boa.

Todo o seu espírito pareceu iluminado por tal pensamento. Era isso que significava ser livre. Significava ter de se ser bom. “O nosso pai é Deus, autor da liberdade...” As leis da natureza e o Deus da natureza dotavam as pessoas com o direito à vida e à liberdade. Por isso, as pessoas tinham de respeitar as leis de Deus, pois a lei de Deus era a única coisa que lhes dava o direito de serem livres.

Laura não teve, naquela altura, tempo para pensar mais. Carrie estava admirada de ela estar tão quieta, e o pai dizia:

- Por aqui, pequenas! Vamos à limonada grátis!

Os barris estavam na erva, junto ao pau da bandeira. Alguns homens esperavam pela sua vez de beberem pela concha de folha. À medida que cada um bebia, passava a concha e seguia na direcção dos cavalos e dos carros, junto da pista de corridas.

Laura e Carrie deixaram-se ficar um pouco para trás, mas o homem que tinha a concha viu-as e entregou-a ao pai. Ele mergulhou-a num barril e estendeu-a a Carrie. O barril estava quase cheio e flutuavam muitas rodela de limão na limonada.

- Vejo que puseram muitos limões, portanto deve estar boa -

54

observou o pai. enquanto Carrie bebia devagar. Os olhos dela arredondaram-se de prazer. Era a primeira vez que provava limonada. -Precisaram apenas de a misturar -disse ao pai um dos homens que esperavam. - A água é do poço do hotel e, por isso, muito fresca.

Outro dos homens que esperavam comentou:

- Depende um bocado da quantidade de açúcar que põem.

O pai encheu de novo a concha e estendeu-a a Laura. Ela já provara uma vez limonada, na festa de Nellie Oleson, quando era pequena, no Minesota. Esta limonada, agora, ainda era mais deliciosa. Bebeu até à última gota e agradeceu ao pai. Não seria de boa educação pedir mais.

Depois de o pai beber, dirigiram-se, através da erva pisada, para a pista de corridas, onde a multidão se juntara. Tinham desbravado um grande círculo de pradaria e retirado a erva e as raízes. Depois o arado, com a sua sega, deixara a

terra preta lisa e plana. No meio do círculo e a toda a sua volta ondulava erva, excepto onde os homens e os buggies tinham deixado rastros de erva amachucada.

- Olá, Boast! - chamou o pai, e o Sr. Boast veio ter com eles, pelo meio da multidão.

Tinha chegado à cidade a tempo de assistir às corridas. A Sr.a Boast, como a mãe, preferira ficar em casa.

Chegaram à pista quatro pôneis: dois baios, um cinzento e um preto. Os rapazes que os conduziam alinharam-nos em linha recta.

- Em qual apostariam, se apostassem? - perguntou o Sr. Boast.

- Oh. no preto! - exclamou Laura.

O pêlo do pônei preto reluzia ao sol e a sua comprida crina e a sua cauda esvoaçavam na brisa, como seda. Empinava a cabeça esguia e levantava elegantemente as patas.

A palavra: “Partida!”, todos os pôneis desataram a correr. A multidão gritou. Muito esticado e veloz, o pônei preto passou, com os outros atrás. O bater dos seus cascos levantava uma nuvem de poeira que os ocultava. Contornaram o extremo da pista, a correr com toda a sua força. O pônei cinzento fora-se aproximando e estava ao lado do preto. Corriam pescoço com pescoço. Depois o cinzento avançou um bocadinho e a multidão gritou de novo. Laura ainda tinha esperança na vitória do preto, que estava a fazer o melhor que podia. Pouco a pouco, foi alcançando o cinzento. A sua cabeça ultrapassou o pescoço do cinzento e, depois, o seu focinho esticado ficou quase a par do focinho do cinzento. De súbito, os quatro pôneis avançaram velozmente pela pista abaixo, a tornarem-se cada vez maiores, à frente da nuvem de poeira. O baio de focinho branco

55

ultrapassou o preto e o cinzento e atravessou a meta à frente deles, enquanto a assistência aplaudia.

- Se tivesses apostado no preto, Laura, terias perdido - disse o pai

- Mas ele é o mais bonito - redarguiu Laura, que nunca se sentira tão emocionada.

Os olhos de Carrie brilhavam e as suas faces estavam coradas de excitação. Uma das tranças prendeu-se-lhe num botão e ela puxou-a e soltou-a, com um movimento brusco.

- Há mais, Pá? Mais corridas? - perguntou.

- Com certeza. Lá vêm eles, para a corrida de buggies. O Sr. Boast disse, de brincadeira:

- Escolhe a parelha vencedora, Laura!

Através da multidão, chegou primeiro à pista uma parelha de baios atrelada a um buggy leve. Os animais eram perfeitamente emparelhados e caminhavam como se o buggy não pesasse absolutamente nada. Depois chegaram outras parelhas e outros buggies, mas Laura mal reparou neles, pois havia uma parelha de cavalos castanhos que conhecia. Conhecia-lhe as cabeças altivas e alegres e os pescoços arqueados, o brilho de luz dos ombros acetinados, as crinas pretas ao vento e os topetes irrequitos, por cima dos olhos vivos, brilhantes e meigos.

- Oh, Carrie, olha! -exclamou.- São os Morgans castanhos!

- É a parelha do Almanzo Wilder, Boast -informou o pai.- Mas a que jigajoga os tem ele atrelados?

Almanzo Wilder estava sentado alto, acima dos cavalos. Tinha o chapéu inclinado para trás e parecia alegre e confiante.

Conduziu a parelha para o seu lugar, na linha, e viram que estava sentado no banco alto de um carro comprido, alto e pesado, com uma porta ao lado.

- É o carro de bufarinheiro do irmão, Royal - disse um homem que se encontrava perto.

- Não tem probabilidades nenhuma, com tal peso, contra todos aqueles buggies leves - opinou outro.

Toda a gente olhava para os Morgans e para o carro e falava a seu respeito.

- O cavalo do lado de fora, o Príncipe, é o que conduziu o Inverno passado, naquela viagem de mais de sessenta quilómetros que ele e o Cap Garland fizeram, para nos trazerem o trigo que evitou que morrêssemos todos de fome - disse o pai ao Sr. Boast. - O outro é a Lady, que fugiu com a manada de antílopes, daquela vez. São ambos bons, na acção, e têm velocidade.

57

- Bem vejo isso -concordou o Sr. Boast.- Mas nenhuma parelha pode puxar aquele carro pesado e vencer os baios de Sam Owen, no seu buggy leve. Acho que o rapaz teria conseguido arranjar um buggy em qualquer lado, nesta região.

- É um jovem muito independente -disse alguém. - Prefere perder com o que tem a ganhar com um buggy emprestado.

- É uma pena não ter um buggy - observou o Sr. Boast.

Os cavalos castanhos eram de longe os mais bonitos de todos, muito altivos. Não pareciam importar-se nada com o pesado carro a que estavam atrelados. Empinavam a cabeça, arrebitavam as orelhas e levantavam as patas, como se o chão não fosse suficientemente bom para eles pisarem.

“Oh, que pena, que grande pena não terem uma probabilidade justa!”, pensava Laura, de mãos apertadas uma na outra. Desejava tanto que aqueles altivos e belos cavalos tivessem apenas uma probabilidade justa! Atrelados àquele carro pesado não poderiam ganhar. Exclamou:

- Oh, não é justo!

A corrida começou. Os baios arrancaram velozes, à frente dos outros todos. As pernas brilhantes a trotar e as rodas a girar quase não pareciam tocar no solo. Todos os buggies que passavam eram leves e de um só lugar. Nem uma parelha puxava sequer o peso de um buggy de dois lugares - a não ser os belos cavalos castanhos, que iam em último lugar a puxar o alto e pesado carro de bufarinheiro.

- É a melhor parelha da região -ouviu Laura um homem dizer-, mas não tem nenhuma probabilidade.

- Absolutamente nenhuma -concordou outro.- Aquele carro é pesado de mais. É mais que certo que vão quebrar o trote.

Mas eles iam puxando e continuavam a trotar. Regularmente, sem um deslize, as oito pernas castanhas movimentavam-se num trote perfeito. A nuvem de poeira subiu e ocultou-os. Depois, do outro lado, irromperam da nuvem as parelhas e os buggies, a toda a velocidade. Um buggy... não, dois buggies, tinham passado para

trás do carro de bufarinheiro! Só os baios iam à frente dele.

“Oh, corram! Corram! Ganhem! Ganhem!”, suplicava Laura aos cavalos castanhos. Desejava tanto que trotrassem mais depressa que o seu desejo parecia puxá-los.

Estavam quase a dar a volta à pista. Lá vinham, dada a curva, direitos à meta. Com os baios à frente. Os Morgans não podiam ganhar, o peso era excessivo para eles, mas Laura continuava a desejar que vencessem, com todo o seu ser: “Mais depressa, mais depressa, só um bocadinho mais depressa! Oh, vá lá, vá lá!”

58

Almanzo inclinou-se, no banco alto, e pareceu falar com os cavalos. Ainda a trotarem perfeitamente, aceleraram. As suas cabeças alcançaram o buggy do Sr. Owen e, lenta e suavemente, foram avançando! Todas as pernas se moviam depressa, muito depressa, enquanto, lentamente, as cabeças castanhas ficavam a par das dos baios. Os quatro cavalos trotavam em linha, cada vez mais depressa.

- Um empate! Com a breca, é um empate! -gritou um homem.

Então, o chicote do buggy do Sr. Owen cortou o ar e desceu sibilante, uma e duas vezes, enquanto ele gritava. Os baios saltaram para a frente. Almanzo não tinha chicote. Estava inclinado para a frente, a segurar as rédeas com firmeza, mas levemente. Pareceu falar, de novo. Velozes e suaves, como andorinhas a voar, os Morgans castanhos ultrapassaram os baios e cortaram a meta. Tinham ganho!

Toda a multidão gritou e avançou, para cercar os cavalos castanhos e Almanzo, empoleirado no carro. Laura apercebeu-se de que estivera de respiração contida. Os joelhos tremiam-lhe. Apetecia-lhe gritar, rir e chorar, sentar-se e descansar.

- Oh, ganharam, ganharam! - repetia Carrie, a bater as palmas. Laura não disse nada.

- O rapaz ganhou os cinco dólares - comentou o Sr. Boast.

- Que cinco dólares? - perguntou Carrie.

- Uns homens da cidade reuniram cinco dólares para a melhor parelha trotadora -explicou o pai.- Almanzo Wilder ganhou-os.

Laura sentiu-se grata por não ter sabido. Não teria suportado se tivesse sabido que os cavalos castanhos corriam por um prémio de cinco dólares.

- Bem os mereceu -disse o pai.- Aquele rapaz sabe lidar com cavalos.

Não houve mais corridas. Não havia mesmo mais nada a não ser ficar parado, a ouvir as conversas. A limonada já estava baixa, no barril. O Sr. Boast trouxe uma concha cheia a Laura e Carrie e elas repartiram-na. Estava mais doce do que anteriormente, mas menos fresca. As parelhas e os buggies iam-se embora. Depois o pai saiu do meio da multidão, já menos densa, e disse que eram horas de voltarem para casa.

O Sr. Boast acompanhou-os pela Rua Principal. O pai disse que os Wilders tinham uma irmã que era professora no Leste, no Minesota.

- Registou aqui uma reserva, a uns oitocentos metros a oeste da cidade, e quer que o Almanzo saiba se poderá ensinar nesta escola, no próximo Inverno. Disse ao rapaz que mandasse dizer à irmã que

59

enviasse o seu requerimento à junta escolar. Em igualdade de circunstâncias, não vejo porque não há-de ser ela a escolhida.

Laura e Carrie entreolharam-se. O pai fazia parte da junta escolar e sem dúvida os outros eram da opinião dele. Laura pensou: “Se eu for muito boa estudante, e se ela gostar de mim, talvez me leve a passear atrás daqueles bonitos cavalos.”

60

CAPÍTULO IX - MELROS.

Em Agosto os dias estavam tão quentes que Laura e Maria davam os seus passeios de manhãzinha cedo, antes de o Sol subir muito no céu. O ar ainda conservava alguma frescura e o calor não era tanto que tornasse os passeios desagradáveis. Mas cada passeio se parecia um pouco com o último passeio que dariam juntas, pois Maria partiria em breve.

la realmente para o colégio naquele Outono. Tinham desejado durante tanto tempo que ela fosse que lhes parecia impossível que faltasse tão pouco tempo, agora que ia, finalmente. Também era difícil de imaginar, pois nenhuma delas sabia como seria o colégio; nunca tinham visto nenhum. Mas o pai ganhara quase cem dólares naquela Primavera, a horta, a aveia e o milho estavam a crescer maravilhosamente e Maria podia ir para o colégio.

Uma manhã, ao regressarem do passeio, Laura notou que estavam diversas pontas de erva presas à saia de Maria. Tentou tirá-las, mas elas não se soltavam.

- Ma! - chamou. - Venha ver esta erva esquisita.

A mãe nunca tinha visto uma erva assim. A cabeça da erva parecia barba de cevada, com a diferença de que era torcida e terminava num saco de sementes de dois centímetros e meio de comprimento, com uma ponta fina como uma agulha e uma espécie de bastão coberto de pêlos rígidos, a apontar para trás. Como verdadeiras agulhas, as pontas tinham-se cosido ao vestido de Maria. Os pêlos rígidos iam facilmente atrás da ponta da agulha, mas impediam que ela fosse puxada para trás, enquanto a barba torcida de dez centímetros de comprimento se seguia, a torcer e a empurrar a ponta de agulha mais para a frente.

- Ui! Mordeu-me qualquer coisa! - exclamou Maria. Mesmo acima da orla da botina, uma das estranhas ervas traspassara a meia e estava a introduzir-se na carne.

61

- Francamente que não entendo! - queixou-se a mãe. - Que mais encontraremos nesta reserva?

Quando o pai chegou, ao meio-dia, mostraram-lhe a estranha erva e ele disse que era erva agulha espanhola. Quando ia parar à boca de cavalos ou gado tinha de ser cortada dos beiços e da língua dos animais. Introduzia-se na lã das ovelhas e daí no seu corpo, e frequentemente matava-as.

- Onde é que a encontraram? - perguntou, mas pareceu satisfeito por Laura não lhe saber dizer. - Se não repararam é porque não há muita. Cresce em manchas e alastra. Exactamente aonde foram passear?

A isso soube Laura responder. O pai disse que resolveria o problema da erva.

- Há quem diga que se pode matar queimando-a em verde - explicou. - Queimá-la-ei agora, para matar o máximo de sementes possível, e na próxima Primavera estarei atento e queimá-la-ei em verde.

Havia salada de batatinhas novas e ervilhas para o almoço, com feijão verde e cebolinhas. E ao lado de cada prato estava um pires cheio de rodela de tomate maduro, para serem comidas com açúcar e natas.

- Bem, temos boas coisas para comer, e com abundância - disse o pai, ao servir-se de novo de batatas e ervilhas.

- É verdade - concordou a mãe, alegremente. - Agora todos podemos comer o suficiente, para compensar o que não comemos no Inverno passado.

A mãe orgulhava-se da horta, que estava a desenvolver-se tão bem.

- Amanhã vou começar a salgar pepinos. Há muitos pequeninos, debaixo de todas aquelas hastes. E a rama das batatas é tanta que quase não encontro os montículos debaixo dela, para schar.

- Se não lhes acontecer nada, este Inverno teremos batatas com fartura - disse o pai, satisfeito.

- E em breve também teremos maçarocas assadas - anunciou a mãe. - Esta manhã reparei que algumas das barbas de milho começam a escurecer.

- Nunca vi um milharal melhor - afirmou o pai. - Podemos contar com ele.

- E com a aveia também - disse a mãe, e depois perguntou: - Que se passa com a aveia, Charles?

- Os melros estão a comê-la. Mal levanto uma meda, fica logo

62

preta com essa praga. Comem todo o grão que podem e pouco mais deixam do que palha.

O rosto alegre da mãe ensombrou-se, mas o pai tranquilizou-a:

- Não te preocupes, há uma boa colheita de palha, e assim que eu cortar e puser a aveia em medas tratarei da saúde aos melros com [uma caçadeira].

Nessa tarde, ao levantar a cabeça da costura para enfiar a agulha, Laura viu um fiapo de fumo a tremer nas ondas de calor da pradaria. O pai interrompera o trabalho no campo de aveia para abrir uma vala à volta da mancha de agulhas espanholas e deitar fogo à erva ruim.

- A pradaria parece tão bonita e serena - observou. - Mas pergunto a mim mesma que fará a seguir. Parece que temos de estar sempre a lutar contra ela.

- Esta vida terrena é uma luta pegada - declarou a mãe. - Se não é uma coisa, é outra. Foi sempre assim, e sempre assim será. Quanto mais depressa te convenceres disso, melhor para ti e mais grata te sentirás pelos teus prazeres. Maria, estou pronta para provar o corpo do vestido.

Estavam a fazer o melhor vestido de Inverno de Maria, para o colégio. Na sala quente, com o sol a bater de chapa nas tábuas finas das paredes e do telhado, os bocados de casimira de lã quase as sufocavam. A mãe sentia-se agitada por

causa daquele vestido. Fizera primeiro os vestidos de Verão, para se treinar com os moldes.

Cortara-os de papel de jornal, servindo-se do seu mapa de costureira, de cartão fino, como guia. Nele estavam impressos traços e algarismos para todos os diferentes tamanhos. O problema é que ninguém correspondia exactamente a nenhum dos tamanhos indicados. Depois de ter tirado as medidas a Maria e de calcular e marcar no mapa o tamanho de todas as peças das mangas, da saia e do corpo, cortara os moldes e, a partir deles, cortara e alinhavara o forro do vestido. Mas quando o vestira a Maria, para provar, tivera de fazer emendas em todas as costuras.

Era a primeira vez que Laura se apercebia de que a mãe detestava costurar. O seu rosto brando não o denunciava e a sua voz nunca se irritava. Mas a sua boca estava tão tensa, com falta de paciência, que Laura percebeu que a mãe detestava tanto coser como ela.

Além do mais, estavam preocupadas, porque, quando tinham ido comprar o necessário para o vestido, a Sr.a White dissera que a sua irmã de loba lhe mandara dizer que a moda das saias de balão estava a voltar, em Nova Iorque. Na cidade ainda não havia arcos à venda, mas o Sr. Clancy estava a pensar em encomendar alguns.

63

- Francamente, não sei que fazer - dissera a mãe, preocupada com a ideia das saias de balão.

No ano anterior, a Sr.a Boast tivera um Godey's Lady's Book; se tivesse o deste ano ficaria resolvida a questão. Mas o pai precisava de ceifar a cevada e o feno e ao domingo estavam todos muito cansados para o longo estirão, debaixo do calor, até à reserva dos Boast. Quando, por fim, o pai encontrara o Sr. Boast na cidade, num sábado, ele dissera-lhe que a Sr.a Boast não tinha o Godey's Lady's Book daquele ano.

- Faremos as saias suficientemente largas, e se a moda do balão voltar, a Maria poderá comprar alguns arcos em loba e usá-los - decidiu a mãe. - Entretanto, os seus saiotes manterão as saias bem abertas.

Tinham feito quatro saiotes novos para Maria, dois de musselina crua, um de musselina branca e um de fina cambraia branca. À volta da bainha do de cambraia, Laura pregara, com pontinhos pequenos e cuidadosos, os seis metros de renda que oferecera a Maria pelo Natal.

Tinham-lhe feito dois saiotes de flanela cinzenta e três conjuntos de roupa interior de flanela encarnada. À volta da parte de cima dos saiotes Laura fizera uma volta de ponto de fantasia com linha vermelho vivo. Ficava bonito, na flanela cinzenta. Pespontara todas as costuras dos saiotes e dos compridos conjuntos de flanela encarnada e adornara com um ponto de fantasia, a azul, o decote e os punhos dos conjuntos.

Estava a utilizar nisso todas as bonitas linhas de cor que recebera na última barrica do Natal, mas fazia-o com gosto. Nenhuma das raparigas do colégio teria roupas interiores mais bonitas do que Maria.

Depois de a mãe pespontar as costuras dos vestidos de Maria e de as abrir muito

bem com o ferro quente, Laura pregou as barbas de baleia às costuras de debaixo dos braços e às costuras das pinças do corpo. Teve grande trabalho para as coser bem, sem fazer a mínima ruga nas costuras, para que o corpo dos vestidos assentasse perfeita e naturalmente, no exterior. Era um trabalho tão minucioso que lhe fazia doer a nuca.

Agora o corpo do melhor vestido de Maria estava pronto para ser provado pela última vez. Era de casimira castanha, forrado de cambraia da mesma cor. Botõezinhos castanhos abotoavam toda a frente e de cada lado dos botões e na costura do corpo a mãe pregara uma tira franzida de xadrez castanho e azul com fios dourados e vermelhos a enfeitar. O vestido tinha gola alta, debruada da mesma fita franzida,

64

e a mãe segurava um pedaço de renda branca feita à máquina, toda franzida. A renda destinava-se a ser cosida do lado de dentro da gola, de modo que caísse um pouco para o exterior.

- Oh, Maria, está lindo! As costas assentam sem uma ruga e os Ombros também - elogiou Laura. - E as mangas estão perfeitamente justas até aos cotovelos.

- Pois estão - concordou Maria. - Não sei se poderei abotoar...

Laura passou para o lado da frente e recomendou, ansiosa.

- Sustém a respiração, Maria. Respira e depois contém a respiração.

- Está muito apertado - disse a mãe, desesperada.

Alguns dos botões esticavam as casas e outros nem se conseguiam abotoar.

- Não respire, Maria! Não respire! - pediu Laura, nervosamente, e apressou-se a desabotoar os botões que esticavam as casas. - Agora podes respirar. - Maria respirou, quase a sair do corpo desabotoado do vestido.

- Como pude cometer semelhante erro? - lamentou-se a mãe. - O corpo do vestido assentava bem, a semana passada...

Laura teve uma ideia súbita:

- É do espartilho da Maria! Tem de ser. As fitas devem ter-se soltado mais.

E era. Depois de Maria conter de novo a respiração e de Laura puxar bem as fitas do espartilho, o corpo do vestido pôde abotoar-se e assentou maravilhosamente.

- Oh, que bom não ter ainda de usar espartilho! - exclamou Carrie.

- Alegra-te enquanto podes - respondeu-lhe Laura. - Terás de começar a usá-los muito em breve.

O espartilho era uma triste aflição para Laura, desde o momento em que o vestia, de manhã, até o tirar, à noite. Mas quando as raparigas penteavam o cabelo para cima e usavam saias compridas, até às botinas, tinham de usar espartilho.

- Devias usá-lo de noite, também - dizia a mãe.

Maria não o tirava, à noite, mas Laura não podia suportar de noite o tormento das barbas de aço que não a deixavam respirar fundo. Não conseguia adormecer sem tirar o espartilho.

- Sabe Deus o que vai ser a tua figura - avisava-a a mãe. - Quando casei, o teu pai podia abarcar-me a cintura com as duas mãos.

65

- Mas agora não pode - respondia Laura, com leve atrevimento. - E parece gostar de si.

- Não deves ser atrevida, Laura - admoestava a mãe, mas as suas faces coravam e não podia deixar de sorrir.

Pregou a renda branca à gola de Maria de maneira que caía graciosamente da orla do decote, numa pequena cascata franzida entre as duas extremidades da gola.

Recuaram todas, para admirar. A saia enviesada de casimira castanha era lisa e apertada, à frente, mas prendia-se fartamente aos lados e atrás, a fim de ter a necessária amplitude para os arcos. À frente tocava a direito no chão, mas atrás formava uma graciosa pequena cauda, que roçagava quando Maria se virava. A toda a volta da bainha tinha um folho pregueado.

A sobressaia era de xadrez castanho e azul, franzida à frente

66

e drapeada para cima, aos lados, a fim de mostrar maior quantidade da saia inferior. Atrás caía em tufo ricos e cheios, presos acima da cauda folhada.

Acima de tudo isso, a cintura de Maria erguia-se, delgada, no corpo justo do vestido. Os botõezinhos subiam até à renda branca e macia que caía do queixo de Maria. A casimira castanha apresentava-se lisa, como se fosse pintada, sobre os ombros e pelas mangas abaixo, até aos cotovelos, a partir dos quais as mangas alargavam. Um franzido de xadrez debruava-as e dos punhos largos saía uma orla de folho de renda branca, que realçava as mãos esguias de Maria.

Maria ficava linda com o lindo vestido. O seu cabelo era mais sedoso e mais dourado do que os fios de seda dourada do xadrez, os seus olhos cegos eram mais azuis do que o azul do tecido, tinha as suas faces rosadas e uma figura muito elegante.

- Oh, Maria - exclamou Laura -, pareces exactamente como se tivesses saído de uma revista de modas! Não haverá no colégio - não poderá haver! - uma rapariga que te chegue aos calcanhares.

- Pareço assim tão bem, Ma? - perguntou Maria, timidamente, e ficou ainda mais rosada.

Desta vez a mãe respondeu sem fazer reservas quanto à vaidade:

- Pareces, sim, Maria. Além de seres muito elegante, também és muito bonita. Seja onde for que te encontres, serás um prazer para os olhos que te virem. E, sinto-me grata por poder dizê-lo, podes ter a certeza de que as tuas roupas estarão à altura de qualquer ocasião.

Não a puderam admirar durante mais tempo, pois ela estava quase a desmaiar de calor, com o vestido de lã. Guardaram-no, finalmente acabado e com tanto êxito. Só faltavam mais umas coisitas. A mãe tinha de fazer um chapéu de Inverno, de veludo, para Maria, assim como umas meias, e Laura estava a tricotar-lhe um par de luvas de fio de seda castanha.

- Posso acabá-las nos meus tempos livres - disse Laura. - Estamos despachadas da costura a tempo de eu poder ajudar o pai a tratar do feno.

Laura gostava de trabalhar com o pai, gostava de trabalhar fora de casa, ao sol e

ao vento. Além disso, acalentava a secreta esperança de poder andar sem o espartilho, enquanto trabalhasse com o feno.

- Acho que podes ajudar a carregar o feno - concordou a mãe, relutante -, mas as medas serão feitas na cidade.

- Oh, Mãe, não! Temos de nos mudar outra vez para a cidade? - protestou Laura.

- Modula a tua voz, Laura - aconselhou a mãe, brandamente. -

67

Lembra-te: “A sua voz era sempre branda, baixa e suave, coisa excelente numa mulher.”

- Temos de ir para a cidade? - murmurou Laura.

- O teu pai e eu achamos melhor não nos arriscarmos a passar um Inverno nesta casa, enquanto ele não puder fazê-la mais à prova de água. Sabes que não teríamos resistido ao Inverno passado aqui.

- Talvez este não seja tão mau - sugeriu Laura, suplicante.

- Não devemos provocar a Providência - respondeu a mãe, em tom firme.

Laura compreendeu que estava decidido, que teriam de viver de novo na cidade no próximo Inverno e que ela teria de tirar o melhor partido possível disso.

Nesse anoitecer, quando o bando de felizes melros voava, brincalhão e de papo cheio, sobre o campo de aveia, o pai foi buscar a caçadeira e caçou-os. Não lhe agradava fazê-lo e, em casa, ninguém gostava de ouvir os tiros, mas sabiam que tinha de ser. O pai tinha de proteger as searas. Os cavalos, Helen e as bezerras viveriam de feno, durante o Inverno, mas a aveia e o milho eram searas para fazer dinheiro. Seriam vendidas, a fim de haver com que pagar os impostos e comprar carvão.

Assim que o orvalho secou na erva, na manhã seguinte, o pai foi apanhá-la com a ceifadora. Em casa, a mãe começou a fazer o chapéu de veludo de Maria e Laura tricou afanosamente uma luva de seda castanha. Às onze horas, a mãe exclamou:

- Vejam lá, já são horas de começar a fazer o almoço! Corre lá fora, Laura, e vê se arranjas umas maçarocas maduras para cozer.

O milho já estava mais alto do que Laura e era um regalo para os olhos, com as suas compridas folhas a roçar e as cabeças embandeiradas a acenar. Quando Laura se meteu entre os carreiros, uma grande revoada de pássaros pretos levantou voo e começou às voltas à sua roda. O barulho das suas asas era mais forte do que o roçar de todas as folhas compridas. Os pássaros eram tantos que faziam uma sombra como uma nuvem. Passou velozmente sobre o milho e depois os pássaros pousaram de novo.

Havia uma grande fartura de maçarocas. Quase todos os pés tinham duas maçarocas e alguns até tinham três. As barbas de milho estavam secas, apenas com um pouco de pólen ainda a voar, e pendiam como denso cabelo verde das pontas das maçarocas verdes. Aqui e ali, um tufo estava a tornar-se castanho e a maçaroca dava a impressão de cheia, quando Laura a apalpava com cuidado. Para ter a certeza, antes de a arrancar do caule, afastava o folhelho, para ver as filas de bagos leitosos.

Continuavam a voar melros à volta dela. De súbito, Laura estacou: os melros estavam a comer o milho!

Aqui e ali, viu pontas de maçarocas vazias. O folhelho estava puxado para trás e faltavam bagos das maçarocas. Enquanto esteve parada, os melros pousaram à sua volta. As suas garras prendiam as maçarocas, enquanto os bicos aguçados rasgavam o folhelho e, velozes, engoliam os bagos.

Silenciosamente, desesperadamente, Laura enxotou-os. Tinha vontade de gritar. Bateu nas aves com a touca. Os melros levantaram voo, ruidosamente, mas voltaram a pousar no milho, à frente, atrás dela, a toda a sua volta. Oscilavam, agarrados às maçarocas, e iam rasgando o folhelho e devorando o milho. Laura não podia fazer nada contra tantos.

Recolheu algumas maçarocas no avental e voltou para casa. O coração batia-lhe muito depressa e os pulsos e os joelhos tremiam-lhe. Quando a mãe lhe perguntou o que era, custou-lhe responder:

- Os melros estão no milho. Não devo ir dizer ao pai?

- Os melros comem sempre um pouco de milho, não é caso para preocupações - respondeu a mãe. - Podes levar uma bebida fresca ao pai.

No campo de feno, o pai também não ficou muito preocupado com os melros. Disse que já quase os dizimara do campo de aveia, matara um cento ou mais.

- É provável que façam alguns estragos no milho, mas não se pode evitar.

- Mas são tantos! - insistiu Laura. - Pá, se não tiver uma colheita de milho, a Maria poderá... poderá ir para o colégio?

O pai pareceu assustado.

- Achas que é assim tão mau?

- São muitos, Pá.

O pai olhou para o Sol e respondeu:

- Bem, mais uma hora não poderá fazer grande diferença. Darei uma vista de olhos quando for almoçar.

Ao meio-dia, levou a caçadeira para o milharal. Caminhou entre os carreiros de milho e disparou para a nuvem de melros que levantou voo. Cada tiro fazia cair uma chuva de aves mortas, mas a nuvem preta voltava a pousar no milho. Depois de o pai ter disparado todos os seus cartuchos, a revoada de asas não parecia ter diminuído.

Não havia nem um melro no campo de aveia. Tinham-no abandonado - mas haviam comido todos os grãos de aveia que tinham conseguido arrancar das medas. Só restava a palha.

A mãe pensou que ela e as filhas poderiam mantê-los afastados do milho. E tentaram. Até Graça corria de um lado para o outro entre os carreiros, a gritar e a agitar a pequena touca. Mas os melros limitavam-se a levantar voo, a dar uma volta e a pousar de novo nas maçarocas, para rasgarem o folhelho e devorarem os bagos de milho.

- Vão-se cansar para nada, Carolina - disse o pai. - Vou à cidade comprar mais

cartuchos.

Quando o pai saiu, a mãe disse:

- Vejamos se conseguimos afastá-los até ele voltar. Correram de um lado para o outro, ao sol e ao calor, tropeçando no solo irregular, gritando e agitando os braços. Escorria-lhes suor pela cara e pelas costas e as folhas aguçadas do milho cortavam-lhes as mãos e as faces. Doía-lhes a garganta de gritar. As asas negras levantavam voo, mas era sol de pouca dura: os melros voltavam a pousar. Havia sempre dezenas de melros agarrados às maçarocas e bicos aguçados a rasgar o folhelo e a devorar o milho. Por fim, a mãe parou.

- É inútil, filhas.

O pai voltou com mais cartuchos e levou a tarde toda a matar melros. Eram tantos que cada chumbo matava um. Mas parecia que quantos mais ele matava, tantos mais ficavam. Era como se todos os melros do Território viessem a correr para aquele festim de milho.

Ao princípio, eram apenas melros comuns, mas depois chegaram outros maiores e de cabeça amarela, assim como melros de cabeça encarnada e com uma pinta encarnada em cada asa. Chegaram às centenas.

De manhã, levantou-se uma nuvem negra de melros que se abateu sobre o milharal. Depois do pequeno-almoço, o pai entrou em casa com as mãos cheias de aves que abatera.

- Nunca ouvi falar de ninguém que comesse melros, mas a carne destes deve ser boa e estão tão gordos que parecem manteiga.

- Arranja-os, Laura, e vamos comê-los fritos ao almoço - disse a mãe. - Não há nenhum grande prejuízo sem um pequeno ganho.

Laura amanhou os melros e ao meio-dia a mãe aqueceu a frigideira e fritou-os na sua própria gordura. Todos concordaram que nunca houvera naquela mesa carne mais tenra e deliciosa.

Depois do almoço, o pai trouxe outro braçado de melros e um braçado de milho.

- O melhor é darmos a colheita como perdida - disse. - O milho está um pouco verde de mais, mas devemos aproveitar e comer o que pudermos, antes de os melros darem conta dele todo.

70

- Não sei por que não me lembrei mais cedo! - exclamou a mãe. - Laura e Carrie, apressem-se e colham todas as maçarocas que estejam em condições de fazer milho seco. Certamente poderemos reservar algum para comermos no próximo Inverno.

Laura sabia por que motivo a mãe não se lembrara mais cedo: estava muito preocupada. A colheita de milho fora-se e o pai teria de recorrer às economias para pagar os impostos e comprar carvão. Assim, como poderiam mandar Maria para o colégio naquele Outono?

Os melros eram tantos que, entre os carreiros do milho, as suas asas batiam nos braços de Laura e amachucavam-lhe a touca. Sentia pequenas pancadas na cabeça, e Carrie gritou que os pássaros a estavam a picar. Era como se estivessem convencidos de que o milho era deles e lutassem por ele. Voavam contra a cara de Laura e Carrie, Piavam zangados e bicavam-lhes as toucas.

Pouco milho restava. Até as maçarocas mais pequenas, em que os bagos pouco mais eram do que bolhinhas, tinham sido libertas do folhelho e debicadas. Mas Laura e Carrie encheram diversas vezes os aventais de maçarocas só parcialmente comidas.

Quando Laura procurou os melros mortos, a fim de os arranjar para o almoço, não os encontrou e a mãe não lhe quis dizer onde estavam.

- Espera e verás - respondeu-lhe misteriosamente. - Entretanto, vamos cozer este milho e separá-lo das maçarocas, para secar.

Há uma maneira especial de cortar milho de uma maçaroca. A faca tem de cortar a direito, a todo o comprimento das fileiras, a profundidade suficiente para apanhar o bago quase inteiro, mas não tanta que corte nem que seja uma arestazinha da bolsa onde cada bago cresce. Os bagos saem em fatias leitosas, húmidas e pegajosas.

A mãe colocou essas fatias numa velha toalha de mesa limpa e levou-as para o sol, para fora de casa, mas teve o cuidado de as tapar com outro pano, para afastar os melros, os pintos e as moscas. O sol quente secaria o milho e no próximo Inverno, demolido e cozido, seria bom para comer.

- Essa ideia é dos índios - observou o pai, quando chegou a casa para almoçar. - Tens de admitir, Carolina, que eles têm algum préstimo.

- Se têm, já o disseste tantas vezes que é escusado eu dizê-lo também.

A mãe detestava os índios, mas naquele momento estava encantada com um segredo qualquer - que Laura relacionou com os melros desaparecidos.

- Penteia-te e senta-te à mesa, Charles - disse a mãe.

Abriu a porta do forno e tirou a lata de folha do leite, que estava cheia de qualquer coisa espessamente coberta por uma crosta delicadamente acastanhada. Colocou o que quer que era defronte do pai e ele olhou, estupefacto.

- Empadão de galinha! - exclamou.

- Há uma cantiga que diz... - insistiu a mãe.

Laura percebeu aonde ela queria chegar, assim como Carrie e Maria e até Graça:

Uma algibeira cheia de centeio, Duas dúzias de melros Cozidos num empadão!
Quando o empadão foi aberto, As aves desataram a cantar.

Não era um prato delicado Para servir à mesa do rei?

- Macacos me mordam! - exclamou o pai.

Enterrou uma colher grande na crosta e tirou um grande pedaço para o prato. A parte de baixo estava húmida e fofa. Sobre a crosta, o pai deitou colheradas de molho castanho e, ao lado" colocou metade de um melro, acastanhado e tão tenro que a carne se despegava dos ossos. Entregou o primeiro prato à mãe.

O cheiro daquele empadão aberto fizera crescer água na boca de todos, de modo que tiveram de engolir várias vezes em seco, enquanto esperavam a sua vez de serem servidos. Debaixo da mesa, a gatinha roçava-se pelas suas pernas e

soltava tristes miados de fome.

- Na forma couberam doze aves - explicou a mãe. - Duas para cada um. Mas como a Graça não conseguirá comer mais do que uma, são três para ti. Charles.

- Só tu eras capaz de te lembrar de fazer empadão de melros, um ano antes de termos frangos para os fazer - observou o pai; e acrescentou, depois de comer uma garfada: - Isto leva a melhor ao empadão de galinha.

Todos concordaram que empadão de melro ainda era melhor do que empadão de galinha. A acompanhar havia batatinhas novas e ervilhas, rodela de pepino e cenourinhas cozidas, que a mãe desbastara do cenoural da horta, e saboroso requeijão. E nem sequer era domingo! Enquanto houvesse melros e a horta estivesse viçosa, poderiam comer assim todos os dias.

Laura pensou: "A mãe tem razão, há sempre qualquer coisa para ficarmos gratos." No entanto, o seu coração estava pesado. As searas de aveia e de milho estavam perdidas. Ela não sabia se Maria poderia ir, agora, para o colégio. O bonito vestido novo, os outros dois vestidos novos e a bonita roupa interior, teria de ser tudo guardado, à espera do próximo ano. Seria uma cruel decepção para Maria.

O pai comeu a última colherada de natas rosadas e açucaradas do seu pires de tomates e bebeu o seu chá. O almoço terminara. Levantou-se, tirou o chapéu do prego e disse à mãe:

- Amanhã é sábado. Se puderes ir à cidade comigo escolheremos o baú para a Maria.

Maria abafou uma exclamação. Laura perguntou, quase num grito:

- A Maria vai para o colégio? O pai ficou muito admirado.

- Que se passa contigo, Laura?

73

- Como é que ela pode ir? - insistiu Laura. - Não há milho nem aveia.

- Não me apercebera de que já tens idade suficiente para te preocupares. Vou vender a vitela.

- Oh, não! - exclamou Maria. - A vitela, não!

Dali a mais um ano a vitela seria uma vaca e em vez de uma teriam duas vacas. Então haveria leite e manteiga durante todo o ano. Mas se o pai vendesse a vitela, teriam de esperar mais dois anos que a bezerrinha crescesse.

- Vendê-la vai ajudar - explicou o pai. - Devem dar-me nada menos de quinze dólares por ela.

- não se preocupem, filhas - interveio a mãe. - Devemos talhar a obra à medida do pano.

- Oh, Pá, isso vai atrasá-los um ano inteiro - lamentou Maria.

- Deixa lá, Maria. É altura de ires para o colégio e nós agora já estamos afeitos à ideia de que irás. Um bando de atrevidos melros não nos pode deter.

74

CAPÍTULO X - MARIA VAI PARA O COLÉGIO.

Chegou o último dia. No seguinte, Maria ir-se-ia embora.

O pai e a mãe tinham levado para casa o baú novo. Era revestido, por fora, de folha brilhante, com pequenos altinhos que formavam Um padrão. Tiras de reluzente madeira envernizada contornavam-lhe o meio e subiam-lhe pelos cantos e ao longo da tampa curva corriam três tiras iguais. Estavam aparafusadas aos cantos umas peças pequenas, de ferro, a fim de protegerem as tiras de madeira. Quando a tampa descia, duas linguetas de ferro encaixavam-se em duas pequenas aberturas do mesmo metal e uniam-se dois pares de anéis de ferro, de modo que o baú podia ser fechado com cadeados.

- É um baú bom e sólido - disse o pai. - E eu comprei quinze metros de boa corda nova, para o atar.

O rosto de Maria brilhava enquanto ela o percorria cuidadosamente com os dedos sensitivos e Laura lhe falava da folha reluzente e da brilhante madeira amarela.

- É a última moda em baús - afirmou a mãe. - E deve durar-te uma vida, Maria.

No interior, o baú era de madeira lisa e polida. A mãe forrou-o muito bem com jornais e meteu lá dentro, bem apertadinhas, todas as coisas de Maria. Encheu os cantos de jornais amachucados, para que nada se deslocasse durante a acidentada viagem de comboio. Pôs também muitas camadas de jornais, pois receava que Maria não tivesse roupas suficientes para encher o baú. Mas quando tudo ficou arrumado e o mais comprimido possível, o monte coberto de papel subiu o suficiente para encher a tampa curva e a mãe teve de se sentar nela, para que o pai pudesse pôr os cadeados.

Depois o pai passou diversas voltas de corda nova à volta do baú, Puxou-as bem, para as ajustar, e Laura ajudou a manter a corda esticada, enquanto ele dava os nós.

75

- Pronto! - exclamou o pai, por fim. - Um trabalho feito.

Enquanto estiveram ocupados, puderam ignorar no fundo do coração o conhecimento de que Maria ia partir. Mas agora estava tudo feito. Ainda não eram horas de jantar e o tempo que faltava estava vazio, para pensarem.

O pai pigarreou e saiu de casa. A mãe foi buscar o cesto da costura, mas pô-lo em cima da mesa e ficou de pé, a olhar pela janela. Graça pediu:

- Não te vás embora, Maria. Porquê? Porque vais? Não vás, conta-me uma história.

Era a última vez que Maria sentava Graça no colo e lhe contava a história do avô e da pantera na Grande Floresta do Wisconsin. Graça seria uma menina crescida quando Maria voltasse.

- Não, Graça, não deves ser maçadora - disse a mãe, quando a história acabou. - Que gostarias de jantar, Maria? - Seria o último jantar de Maria em casa.

- Tudo quanto puser na mesa será bom, Ma - respondeu Maria.

- Está tanto calor que talvez faça bolas de requeijão com cebola e ervilhas frias, com manteiga... Laura, vai buscar alfaces e tomates à horta.

De súbito, Maria perguntou:

- Posso ir contigo, Laura? Apetece-me um pequeno passeio.

- Não precisam de se apressar - disse-lhes a mãe. - Ainda falta muito tempo para

o jantar.

Foram pelo caminho do estábulo e pelo pequeno cabeço que se lhe seguia. O Sol preparava-se para descansar como um rei, pensou Laura, cerrando à sua volta as maravilhosas cortinas da sua grande cama. Mas Maria não gostava de tais fantasias e, por isso, Laura disse:

- O Sol está a mergulhar em penugentas nuvens brancas que alastram até à beira do mundo. Todos os cimos das nuvens estão carmesins e do alto do céu descem grandes e esplendorosas cortinas rosa e ouro com orlas cor de pérola. Formam uma grande abóbada sobre toda a pradaria. As pequenas faixas de céu, entre elas, são de um verde-claro e puro.

Maria parou.

- Vou sentir saudades dos nossos passeios - disse, com a voz um pouco trémula.

- Também eu. - Laura engoliu em seco. - Mas pensa que vais para o colégio.

76

- Não poderia ir, se não fosses tu. Ajudaste-me sempre a estudar e deste os teus nove dólares à mãe, para mim.

- Não foi muito. Não foi nada comparado com o que eu desejaria poder...

- Foi, sim! - contradisse-a Maria. - Foi muitíssimo! Laura sentiu um nó na garganta. Pestanejou com força e respirou fundo, mas mesmo assim a voz tremeu-lhe:

- Espero que gostes do colégio, Maria.

- Oh, gostarei, gostarei! - exclamou Maria, baixinho. - Imagina, poder estudar e aprender... Oh, e tudo o mais! Até tocar órgão! Ficarei a dever-to em parte, Laura. Apesar de ainda não ensinares, na escola, já me ajudaste a ir.

- Darei aulas assim que tiver idade suficiente - prometeu Laura. - Assim poderei ajudar mais.

- Gostaria que não fosse preciso.

- Mas é. No entanto, enquanto não tiver dezasseis anos não poderei ensinar. É a lei, uma professora tem de ter dezasseis anos.

- Não estarei cá, nessa altura - disse Maria.

De súbito, tiveram a sensação de que ela se ia embora para sempre. Os anos que as esperavam pareceram vazios e assustadores.

- Oh, Laura, nunca estive ausente de casa, antes! Não sei o que farei - confessou Maria, toda a tremer.

- Não haverá novidade - disse Laura, corajosamente. - Os pais vão contigo e eu sei que ficarás bem nos exames. Não tenhas medo.

- Não tenho medo, não terei medo! - afirmou Maria. - Mas sentir-me-ei só. Isso não poderá ser evitado.

- Pois não. - Após alguns momentos, Laura pigarreou e disse à irmã: - O Sol atravessou as nuvens brancas. É uma imensa e possante bola de fogo líquido. As nuvens, por cima dele, tornaram-se escarlates, douradas e purpúreas, e as outras nuvens que cobrem o céu parecem labaredas.

- Tenho a impressão de sentir a sua luz na minha cara - disse Maria. - O céu e os poentes serão diferentes no lóva?

Laura não sabia. Desceram lentamente o pequeno cabeço. Terminara o seu último passeio juntas - ou, pelo menos, o seu último passeio durante tanto tempo que

parecia para sempre.

- Tenho a certeza de que passarei nos exames, porque tu me ajudaste muito - afirmou Maria. - Repetiste comigo todas as palavras das tuas lições, até eu saber tudo quanto os livros escolares dizem. Mas, Laura, que irás tu fazer? O pai está a gastar tanto comigo... O baú, um par de botinas novas, os bilhetes do comboio e tudo o mais.

77

Preocupa-me. Como poderá ele comprar livros escolares e roupas para ti e para a Carrie?

- Não te preocupes, o pai e a mãe saberão desenvencilhar-se. Sabes que conseguem sempre.

Na manhã seguinte, muito cedo, antes mesmo de Laura se vestir, a mãe estava a esquentar e a depenar melros que o pai matara. Fritou-os depois do pequeno-almoço e, assim que arrefeceram, embrulhou-os e meteu-os numa caixa de sapatos, para servirem de farnel no comboio.

O pai, a mãe e Maria tinham tomado banho na véspera à noite. Maria vestiu o seu melhor vestido velho de tecido estampado e calçou as segundas melhores botinas. A mãe vestiu o seu vestido estampado de Verão e o pai o seu fato dos domingos. Um rapaz vizinho tinha acedido a conduzi-los à estação. O pai e a mãe estariam ausentes uma semana e quando regressassem sem a Maria poderiam ir a pé da cidade para casa.

O carroção chegou. O rapaz sardento e de cabelo ruivo a espreitar por um rasgão do chapéu de palha, ajudou o pai a carregar o baú de Maria no veículo. O sol brilhava, quente, e estava vento.

- Carrie e Graça, portem-se bem e obedeçam à Laura - recomendou a mãe. - Laura, não te esqueças de manter a vasilha da água da criação cheia, está atenta aos falcões e esquentar e seca ao sol as latas do leite, todos os dias.

- Sim, Mãe - responderam todas.

- Adeus - disse Maria. - Adeus, Laura. Adeus, Carrie e Graça.

- Adeus - conseguiram dizer Laura e Carrie, enquanto Graça se limitava a olhar, de olhos muito abertos.

O pai ajudou Maria a subir pela roda do carroção, para se sentar no banco com a mãe e o rapaz. Ele sentou-se no baú.

- Pronto, vamos - disse depois ao rapaz. - Adeus, pequenas. O carroção partiu. Graça abriu muito a boca e começou a chorar.

- Que vergonha, Graça! Que vergonha! Uma menina crescida como tu a chorar! - conseguiu Laura dizer, mas com um nó a magoar-lhe a garganta. Carrie também parecia prestes a chorar. - Que vergonha! - repetiu Laura, e Graça engoliu um último soluço.

O pai, a mãe e Maria não olharam para trás. Tinham de partir. O carroção que os transportava deixava silêncio atrás de si. Laura nunca sentira um sossego tão grande. Não era o sossego agradável da pradaria; era uma sensação esquisita, na boca do estômago.

- Vamos - disse. - Vamos para dentro.

O silêncio também invadira a casa. Era um silêncio tão grande que Laura sentia

necessidade de murmurar, em vez de falar.

78

Graça sufocou um soluço. Estavam na sua própria casa e só sentiam à sua volta silêncio e vazio. Maria partira.

Graça recomeçou a chorar e duas grandes lágrimas brilharam nos olhos de Carrie. Não podia ser. Naquele momento, e durante uma semana inteira, estava tudo ao cuidado de Laura e era necessário que a mãe pudesse contar com ela.

- Escutem-me, Carrie e Graça - disse, em tom desembaraçado. -Vamos limpar esta casa de alto a baixo e começamos imediatamente! Assim, quando a mãe chegar, encontrará a limpeza do Ou tono feita.

Nunca houvera na vida de Laura um período tão atarefado. E além disso o trabalho era pesado. Nunca imaginara quanto custava levantar de uma selha uma coberta encharcada e a pingar, torcê-la e pendurá-la na corda. Nunca pensara como, às vezes, era difícil não se zangar com Graça, que estava sempre a querer ajudar, mas que em vez disso só dava mais trabalho. Surpreendia-a também o muito que se sujavam, todas elas, ao limparem uma casa que parecera bastante limpa. Quanto mais duramente trabalhavam, tanto mais sujo tudo parecia.

O pior dia de todos foi um dia muito quente. Tinham arrastado os colchões de palha para fora de casa e tinham-nos despejado e lavado, e depois de secos haviam-nos enchido de feno fresco e perfumado. Tinham tirado das camas, e encostado à parede, a base dos colchões, e Laura entalara um dedo. Depois resolveram desmanchar a armação das camas: Laura puxou de um lado e Carrie do outro, os lados separaram-se da cabeceira e esta caiu inesperadamente na cabeça de Laura, que viu as estrelas.

- Oh, Laura! - exclamou Carrie. - Magoou-te?

- Não muito. - Encostou a cabeceira da cama à parede, mas ela escorregou rapidamente e bateu-lhe no osso do tornozelo. - Ui! -não pôde deixar de gritar, e depois acrescentou: - Se quer ficar caída que fique!

- Temos de esfregar o chão - lembrou-lhe Carrie.

- Bem sei que temos - respondeu Laura, amuada, a agarrar o tornozelo.

Tinha o cabelo desfeito colado ao pescoço suado, o vestido húmido e sujo e as unhas positivamente pretas de porcária. A cara de Carrie estava manchada de pó e suor e ela tinha bocados de feno no cabelo.

- Precisamos de tomar um banho - murmurou Laura e, de súbito, gritou: - Onde está a Graça?

Havia algum tempo que não pensavam na irmãzinha.

80

Graça por uma vez se perdera na pradaria. Em Brookins, duas crianças que se tinham perdido na pradaria haviam morrido antes de serem encontradas.

- Estou aqui - respondeu Graça, suavemente, a entrar em casa. - Está a chover.

- Não! - exclamou Laura.

Mas na realidade pairava uma sombra sobre a casa e caíam alguns pingos grossos. Nisto, trovejou.

- Carrie, os colchões! - gritou Laura. - A roupa das camas!

Saíram a correr. Os colchões não eram muito pesados, mas estavam enormes, cheios de feno, e era difícil pegar-lhes: escorregavam constantemente das mãos de Laura ou de Carrie. Quando chegaram com um a casa, tiveram de o colocar de cutelo, para caber na porta.

- Ou o seguramos assim, direito, ou o empurramos para dentro de casa, mas não podemos fazer as duas coisas - disse Carrie, a ofegar.

A trovoadas já ribombava por cima delas e a chuva caía com força.

- Sai do caminho! - gritou Laura, e lá arranhou forças e maneira de meter o colchão dentro de casa. Mas já era tarde para levar o outro e a roupa de cama estendida na corda. Chovia a bom chover.

A roupa de cama secaria na corda, mas o outro colchão teria de ser outra vez despejado, outra vez lavado e outra vez cheio. Os colchões de palha têm de estar perfeitamente secos, pois de contrário o feno que contém cheira a mofo.

- Podemos tirar tudo do outro quarto para a sala da frente e continuar a esfregar - decidiu Laura.

Assim fizeram. Durante algum tempo, só se ouviram os trovões, o tamborilar da chuva e o passar e o torcer dos panos da casa. Laura e Carrie tinham chegado, de joelhos, quase ao meio do chão do quarto quando Graça anunciou alegremente:

- Estou a ajudar!

Subira para uma cadeira e estava a dar graxa ao fogão - e toda ela era graxa, também, da cabeça aos pés. No chão, à volta do fogão, havia pingos e borões de graxa: Graça enchera a caixa da graxa de água. Ao olhar, sorridente, para Laura, à espera da sua aprovação, deu mais uma lambuzadela ao já muito lambuzado fogão, o pano bateu na caixa da graxa e atirou-a ao chão.

Os olhos azuis da garota encheram-se de lágrimas.

Laura lançou um olhar horrorizado àquela horrível casa que a mãe deixara tão limpa e bonita e conseguiu dizer:

- Deixa lá, Graça, não chores. Eu limpo.

81

Depois sentou-se nas cabeceiras empilhadas das camas, levantou os joelhos e apoiou neles a testa.

- Oh, Carrie, não sei fazer as coisas como a mãe faz! - quase chorou.

Esse dia foi o pior. Na sexta-feira a casa estava quase em ordem e a preocupação delas era que a mãe chegasse demasiado cedo. Trabalharam pela noite fora e no sábado era quase meia-noite quando Laura e Carrie tomaram banho e adormeceram, extenuadas. Mas no domingo a casa estava imaculada.

O chão à volta do fogão estava branco, de tão esfregado, e só restavam vestígios muito ténues de graxa. As camas estavam feitas com as cobertas lavadas e cheiravam deliciosamente a feno fresco. Os vidros das janelas cintilavam. Todas as prateleiras dos armários tinham sido esfregadas e todos os pratos lavados.

- A partir de agora, comeremos pão e beberemos leite, e conservaremos os pratos limpos! - decidiu Laura.

Só faltava lavar e passar a ferro as cortinas e, claro, a habitual lavagem da roupa das segundas-feiras. Sentiram-se gratas pelo facto de o domingo ser um dia de

descanso.

Na segunda-feira, de manhãzinha, Laura lavou as cortinas, que já estavam secas quando ela e Carrie penduraram o resto da roupa na corda. Borrifaram as cortinas, passaram-nas a ferro e penduraram-nas nas janelas. A casa estava perfeita.

- Evitaremos que Graça venha cá para dentro, até o pai e a mãe chegarem - segredou Laura a Carrie.

Como nenhuma delas sentia coragem para dar sequer um passeio, sentaram-se na erva à sombra da casa, a ver Graça correr por ali e á espera de verem o fumo do comboio.

Por fim, viram-no subir da pradaria e esbater-se lentamente ao longo do horizonte, como uma linha de escrita que não conseguiam decifrar. Ouviram o comboio apitar. Passados momentos, apitou de novo e os rolos de fumo recomeçaram a escrever um pouco acima do horizonte. Já estavam quase convencidas de que o pai e a mãe não tinham vindo, quando os viram, pequenos e muito distantes, a caminhar pela estrada que vinha da cidade.

Então toda a saudade de Maria voltou, tão vivamente como se ela tivesse acabado de partir naquele momento.

Foram ao encontro dos pais à beira do Pântano Grande e durante um bocadinho falaram todos ao mesmo tempo.

O pai e a mãe estavam muito satisfeitos com o colégio. Disseram que era um grande edifício de tijolo, um lugar bonito. Maria estaria quente e confortável, quando o Inverno chegasse. Comeriam bem

82

e estaria na companhia de um grupo de raparigas simpáticas. A mãe tinha gostado muito da sua companheira de quarto. As professoras eram bondosas. Maria passara nos exames com distinção. A mãe não vira lá roupas mais bonitas do que as dela. Ela ia estudar Economia política. Literatura e alta Matemática e coser, tricotar, fazer trabalhos com contas e aprender música. O colégio tinha um órgão de sala. Laura ficou tão satisfeita por causa de Maria que quase esqueceu a dor causada pela falta que sentia dela. Maria gostara sempre tanto de estudar! Agora ia ter o gosto de aprender tantas coisas que nunca tivera ensejo de aprender!

"Oh, ela tem de ficar lá. tem de ficar", pensou Laura, e renovou a sua promessa de estudar duramente - apesar de não gostar - e obter um certificado de professora assim que tivesse dezasseis anos, a fim de poder ganhar dinheiro para que Maria pudesse continuar no colégio.

Já se esquecera daquela semana de limpeza doméstica, mas quando entraram em casa a mãe perguntou:

- Carrie, de que sorriem, tu e a Graça? Estão a esconder alguma coisa!

Graça desatou aos pulos e gritou:

- Eu dei graxa no fogão!

- Pois deste, ele está muito bonito - disse a mãe, ao entrar em casa. - Mas, Graça, tenho a certeza de que a Laura te ajudou. Não deves dizer... - De súbito, viu as cortinas. - Oh, Laura, lavaram as cortinas... e as janelas... e... Oh, francamente!

- Fizemos toda a limpeza do Outono, Ma - disseram Laura e Carrie. - Lavámos a roupa da cama, enchemos os colchões, esfregámos o chão, fizemos tudo!

A mãe levantou as mãos, surpreendida, e depois sentou-se, trémula, e baixou-as.
- Meu Deus! - exclamou.

No dia seguinte, quando desfez a mala, foi a sua vez de as surpreender. Veio do quarto com três embrulhinhos achatados e deu um a Laura, outro a Carrie e outro a Graça.

No embrulho de Graça estava um livro de desenhos. Os desenhos coloridos, em papel brilhante, estavam colados em folhas de pano de muitas e bonitas cores e todas as folhas tinham uma cercadura cor-de-rosa.

No embrulho de Laura também estava um bonito livrinho. Era Pouco grosso e mais largo do que alto. Na capa vermelha tinha gravadas a ouro, em letras de fantasia, as palavras

83

Álbum de Autógrafos.

As páginas, de cores diferentes, não tinham nada escrito. Carrie tinha um igualzinho, com a diferença de que a capa do seu era azul e ouro.

- Descobri que esses álbuns de autógrafos estão muito em voga - explicou a mãe. - Todas as raparigas mais elegantes de Vinton os têm.

- Para que servem, exactamente? - perguntou Laura.

- Pedes a uma amiga que escreva um verso numa das páginas em branco e assine o seu nome - explicou a mãe. - Se ela também tiver um álbum de autógrafos, tu fazes o mesmo no dela e ficam assim com uma recordação.

- Agora já não me importarei muito de ir para a escola - disse Carrie. - Mostrarei o meu álbum de autógrafos a todas as meninas desconhecidas e, se elas forem simpáticas para mim, deixo-as escrever nele.

A mãe ficou satisfeita por os álbuns de autógrafos terem agradado a ambas.

- O pai e eu queríamos que as nossas outras filhas tivessem qualquer coisa de Vinton, loba, onde a Maria está no colégio.

84

CAPÍTULO XI - MISS WILDER DÁ AULAS.

Laura e Carrie saíram de casa cedo, no primeiro dia de aulas. Levavam os seus melhores vestidos aos raminhos, pois a mãe dizia que, de qualquer modo, deixariam de lhes servir antes do próximo Verão. Transportavam os livros escolares debaixo do braço e Laura levava a lancheira de folha do almoço.

A frescura da noite ainda se mantinha na primeira claridade do dia. Sob o alto céu azul, o verde da pradaria estava a ficar com os tons de malva e castanho suave.

Soprava um ventinho, que arrastava consigo a fragrância das ervas maduras e o cheiro pungente das flores silvestres. Ao longo de toda a estrada as corolas amarelas pareciam acenar e, às vezes, batiam com um ruído leve na lancheira de folha. Laura seguia por um dos rastros das rodas e Carrie pelo outro.

- Oxalá Miss Wilder seja boa professora - disse Carrie. - Achas que é?

- O pai deve pensar que é, pois faz parte da junta escolar que a admitiu - respondeu Laura. - Mas talvez a tenham contratado por ser irmã daquele rapaz, Wilder. Oh, Carrie, lembras-te dos bonitos cavalos castanhos?!

- Lá por ele ter esses cavalos, não se segue que a irmã seja simpática - argumentou Carrie. - Mas talvez seja.

- Pelo menos sabe ensinar. Tem um certificado. - Laura suspirou, ao pensar no muito que teria de estudar para obter o seu próprio certificado.

A Rua Principal estava a tornar-se mais comprida. Agora havia do lado da casa do pai, defronte do banco, um estábulo público novo. Ao fundo, do outro lado da via férrea, erguia-se um novo e alto silo de cereais.

85

- Porque há todos estes lotes vagos, entre o estábulo e a casa do pai? - perguntou Carrie.

Laura não sabia. Aliás, gostava de ver ali a erva da pradaria. As novas medas de feno do pai erguiam-se, muito grandes, à roda do seu estábulo. No Inverno que aí vinha não teria de ir buscar feno à reserva, para queimar.

Laura e Carrie viraram para oeste, para a Rua Dois. Agora viam-se pequenas cabanas de reservas espalhadas para lá da escola. O novo moinho de farinha estava a trabalhar junto da via férrea e do outro lado dos lotes vagos, entre a Rua Dois e a Rua Três, via-se o esqueleto da nova igreja, a ser construída na Rua Três. Estavam uns homens a trabalhar. Havia muitos desconhecidos no grupo de alunos, reunidos perto da porta da escola.

Carrie abrandou timidamente o passo e os joelhos de Laura ficaram mais fracos, mas ela pensou que tinha de se mostrar corajosa, por causa da irmã, e avançou ousadamente. As palmas das suas mãos ficaram húmidas de suor ao ser olhada por tantos olhos. Deviam ser uns vinte rapazes e raparigas.

Com firme coragem, Laura aproximou-se deles, seguida por Carrie. Os rapazes estavam um bocadinho afastados, de um lado, as raparigas do outro. Laura teve a sensação de que não conseguia chegar aos degraus da escola.

De súbito, viu nos degraus Maria Power e Minnie Johnson. Conhecia-as, tinham andado na escola no Outono passado, antes de começarem as nevascas. Maria Power saudou:

- Olá, Laura Ingalls!

Os seus olhos escuros mostravam contentamento, por verem Laura, e o rosto sardento de Minnie Johnson também. Laura sentiu -se à vontade e pensou que seria sempre muito amiga de Maria Power.

- Nós já escolhemos os nossos lugares, vamos ficar juntas - anunciou Minnie. - Porque não ficas na mesma fila, do outro lado da coxia?

Entraram juntas na escola. Os livros de Maria e de Minnie estavam na carteira de trás, junto da parede, do lado das raparigas. Laura colocou os seus na carteira do outro lado da coxia. Aquelas duas carteiras de trás eram as melhores. Claro que Carrie teria de se sentar mais perto da professora, com as meninas mais pequenas.

Miss Wilder descia a coxia, com a sineta na mão. Tinha cabelo escuro e olhos cinzentos e parecia uma pessoa muito agradável. O seu vestido cinzento-escuro

era muito elegante, como o melhor de Maria: justo e direito à frente, com um folho pregueado a roçar no chão

86

e uma sobressaia drapeada e tufada acima de uma pequena cauda.

- Já escolheram os lugares, não escolheram? - perguntou, agradavelmente.

- Sim, senhora - respondeu Minnie Johnson, timidamente, mas

Maria Power sorriu e acrescentou:

Eu sou Maria Power, esta é Minnie Johnson e esta é Laura Ingalls. Gostaríamos de ficar nestes lugares, se fosse possível, por favor. Somos as mais crescidas da escola.

- Podem ficar com os lugares - respondeu Miss Wilder, muito simpática.

Foi à porta e tocou a sineta. Os alunos entraram, até os lugares ficarem quase todos cheios. Do lado das raparigas só havia uma carteira; do lado dos rapazes os lugares de trás estavam todos vagos, porque os rapazes mais crescidos só viriam para a escola no Inverno. Por enquanto, ainda estavam a trabalhar nas reservas. Laura viu que Carrie estava sentada, toda contente, com Mamie Beardsley, quase à frente, nos lugares das mais pequenas. De súbito, viu uma rapariga desconhecida hesitar na coxia. Parecia mais ou menos da idade de Laura e tão tímida como ela. Era pequena e delgada e tinha suaves e grandes olhos castanhos no rosto pequeno e redondo. O seu cabelo era preto e levemente ondulado e os cabelos curtos à volta da testa estavam encaracolados. Estava rosada, de nervosismo, e olhou timidamente para Laura.

Se Laura a não aceitasse como companheira de carteira, teria de se sentar sozinha na carteira vaga.

Sem hesitar, Laura sorriu e bateu no lugar a seu lado. Os grandes olhos castanhos sorriram, contentes. A recém-chegada colocou os livros na carteira e sentou-se ao lado de Laura.

Depois de pedir silêncio aos alunos, Miss Wilder pegou no livro da chamada e foi de carteira em carteira, a tomar apontamento dos nomes dos alunos. A companheira de carteira de Laura disse que se chamava Ida Wright, mas que a tratavam por Ida Brown: era a filha adoptiva do reverendo Brown e da Sr.a Brown. O reverendo Brown era o novo ministro congregacionista que acabara de chegar à cidade. Laura sabia que os pais não gostavam muito dele, mas ela tinha a certeza de gostar de Ida.

Miss Wilder pusera o livro da chamada na secretária e preparava-se para iniciar a aula quando a porta se abriu de novo. Toda a gente se virou, para ver quem chegara atrasado logo no primeiro dia de aulas.

87

Laura não pôde acreditar nos seus olhos. A rapariga que entrou era Nellie Oleson, de Plum Creek, Minesota.

Estava mais alta do que Laura e tornara-se muito mais magra. Era esbelta e flexível, enquanto Laura continuava roliça e gorducha como um cavalinho francês. Mas Laura reconheceu-a logo, embora já a não visse havia dois anos. O nariz de

Nellie continuava arrebitado e senhor de si, os seus olhos pequenos continuavam muito juntos e a sua boca afectada e desdenhosa.

Nellie era a rapariga que troçara de Laura e Maria por serem apenas camponesas, enquanto o pai dela era estabelecido. Falara à mãe delas de modo insolente e fora má para com o Jack, o bom e fiel bul-dogue que entretanto tinha morrido.

Apesar de ter chegado atrasada, olhava em seu redor como se a escola não fosse suficientemente boa para ela. Usava um vestido cas-tanho-amarelado com uma espécie de casaquinho. Largos folhos pregueados contornavam a bainha da saia, o decote e os punhos largos. Tinha no pescoço um bofe farto, de renda. O seu cabelo louro e liso estava todo penteado para trás, a partir do rosto pontiagudo, e enrolado num carrapito à francesa. Tinha a cabeça muito direita e olhava desdenhosamente do alto da sua importância.

— Gostaria de um lugar cá atrás, por favor — disse a Miss Wilder e lançou a Laura um olhar que dizia: «Sai daí e dá-me esse lugar.» Laura sentou-se ainda mais firmemente onde estava e olhou para Nellie de olhos semicerrados.

Toda a gente olhou para Miss Wilder, para ver o que ela faria. A professora pigarreou novamente. Laura continuou a olhar para Nellie, até a outra desviar os olhos. Olhou para Minnie Johnson e, com uma inclinação de cabeça para o lugar, disse:

— Este serve.

— Mudas, Minnie? — perguntou Miss Wilder, apesar de ter dito que Minnie podia ficar ali.

Minnie respondeu, devagar: «Sim, senhora», e com a mesma lentidão pegou nos livros e foi para a frente, para a carteira vazia. Maria Power não se mexeu e Nellie continuou à espera, na coxia. Não estava para contornar a carteira, a fim de ocupar o lugar que Minnie deixara.

— Maria —disse Miss Wilder—, chega-te para lá e arranja espaço para a nova aluna, a fim de ficarmos todos instalados.

Maria levantou-se e disse, secamente:

— Vou para junto de Minnie. Prefiro.

Nellie sentou-se, a sorrir. Tinha o melhor lugar da sala e a carteira toda só para ela.

Laura sentiu-se mesquinhamente satisfeita ao ouvir dizer a Miss Wilder, para o livro da chamada, que o pai vivia numa reserva a norte da cidade. Portanto, agora a Nellie também era uma camponesa! E, de repente, lembrou-se de que os pais se mudariam para a cidade, a fim de passarem o Inverno: ela e Carrie seriam cidadinas! Miss Wilder bateu na secretária com a régua e disse:

— Atenção, rapazes e raparigas! — E depois fez um pequeno discurso, sempre a sorrir.

Disse:

— Agora estamos todos preparados para iniciar o período escolar e vamos todos fazer o possível para que ele seja um êxito, não é verdade? Sabem que estão aqui para aprenderem o mais que puderem e eu estou cá para os ajudar. Não devem considerar-me uma mestra, mas sim uma amiga. Estou certa de que vamos ser todos os melhores amigos.

Os rapazes mais pequenos não paravam quietos e Laura também tinha vontade

de se mexer. Não podia continuar a olhar para a sorridente Miss Wilder.

88 - 89

Só desejava que ela acabasse de falar. Mas ela continuou, sempre a sorrir:

— Nenhum de nós será, nunca, desagradável ou egoísta, pois não? Tenho a certeza de que nenhum será, também, indisciplinado e, por isso, será escusado pensar em castigos na nossa feliz escola. Seremos todos amigos e amar-nos-emos e ajudar-nos-emos uns aos outros.

Por fim, disse:

— Podem pegar nos livros.

Não houve leitura naquela manhã, pois Miss Wilder teve de ir dividir os alunos pelas suas classes. Laura, Ida, Maria Power, Minnie e Nellie Oleson eram as únicas raparigas crescidas. Constituíam a classe mais adiantada, que seria formada só por elas até os rapazes mais crescidos começarem a vir às aulas. No intervalo, ficaram num grupo, para travarem conhecimento umas com as outras. Ida era tão meiga e simpática como parecia.

— Sou apenas uma filha adoptiva — disse. — A mãe Brown tirou-me de um lar, mas para fazer isso deve ter gostado de mim, não achas?

— Claro que gostou de ti. Não podia deixar de gostar — respondeu Laura, enquanto imaginava o bonito bebé que Ida devia ter sido, com os seus caracóis pretos e os seus grandes e risonhos olhos castanhos.

Mas Nellie queria concentrar em si todas as atenções:

— Francamente, não sei se gostaremos disto aqui — declarou. — Somos do Leste, não estamos habituados a uma região tão agreste nem a pessoas tão grosseiras.

— Vieste do Minesota ocidental, do mesmo lugar de onde nós viemos — lembrou-lhe Laura.

— Oh, isso! — Nellie pôs de parte o Minesota com um gesto da mão. — Estivemos lá pouco tempo. Somos do Leste, do estado de Nova Iorque.

— Todas nós viemos do Leste — disse-lhe Maria Power, secamente. — Andem, vamos lá para fora, para o sol.

— Oh, não! — protestou Nellie. — Este vento bronzeia-me a pele!

Estavam todas bronzeadas, menos Nellie, que continuou, altivamente:

— Posso ter de viver um tempinho nesta região agreste, mas não permitirei que me estrague a pele. No Leste, uma senhora conserva sempre a sua pele branca e as suas mãos macias. — As mãos de Nellie eram brancas e esguias.

90

De qualquer maneira, não tiveram tempo de ir para o sol, pois o recreio acabou. Miss Wilder foi à porta e tocou a sineta.

Nessa noite, em casa, Carrie falou da escola até o pai lhe dizer que estava faladora como um gaio.

— Deixa a Laura dizer também uma palavrinha. Porque estás tão calada, Laura? Correu alguma coisa mal?

Laura falou então de Nellie Oleson e de tudo quanto ela dissera e fizera. E concluiu:

— Miss Wilder não devia ter permitido que ela tirasse o lugar a Maria Power e a Minnie.

— Nem tu devias criticar uma professora, Laura — recordou-lhe a mãe, brandamente.

Laura sentiu-se corar. Sabia que era uma grande oportunidade poder frequentar a escola. Miss Wilder estava lá para a ajudar a aprender e ela devia sentir-se grata, não devia criticar impertinentemente. Devia apenas tentar ser perfeita nas suas lições e no seu comportamento. No entanto, não pôde deixar de pensar: «Mesmo assim, ela não devia ter permitido! Não foi justo.»

— Com que então, os Olesons vieram do estado de Nova Iorque, hem? — comentou o pai, divertido. — Não é grande motivo para se vangloriarem.

Laura lembrou-se de que o pai tinha vivido no estado de Nova Iorque quando era rapaz. O pai continuou:

— Não sei como foi, mas o Oleson perdeu tudo quanto tinha no Minesota. Agora não lhe resta nada no mundo além da sua reserva e disseram-me que a sua família do Leste o está a ajudar, pois de contrário ele não se conseguiria aguentar até às primeiras colheitas. Talvez a Nellie ache que tem de se gabar um pouco, para fazer figura... Eu não me preocuparia.

— Mas ela estava tão bem vestida! — protestou Laura. — E não deve trabalhar nada, para ter a cara e as mãos tão brancas.

— Tu também poderias usar a tua touca, por causa do sol — recordou-lhe a mãe.

— Quanto às suas bonitas roupas, provavelmente saíram de uma barrica e talvez ela seja como a rapariga da canção, que era tão bonita «com um bofe duplo à volta do pescoço e nem uma botina para usar».

Laura pensou que devia ter pena de Nellie, mas a verdade é que não tinha.

Desejava que Nellie Oleson tivesse ficado em Plum Creek.

O pai levantou-se da mesa do jantar e puxou a sua cadeira para junto da porta aberta.

— Traz-me a rebeca, Laura — pediu.

91

— Quero experimentar uma canção que ouvi um tipo cantar, outro dia. Ele assobiava o refrão, mas eu aposto que a rebeca leva a palma ao seu assobio. Laura e Carrie lavaram e limparam a louça em silêncio, para não perderem uma nota da música. O pai cantou, baixo e saudosamente, com a voz doce e clara da rebeca:

Encontra-te comigo, oh, encontra-te comigo

Quando ouvires

O primeiro whip-poor-will(1) cantar...

Whip-poor-will, cantava a rebeca, e repetia, num tom aflautado e trémulo como o

da garganta do pássaro: whip-poor-will. Mais próximo e suplicante: whip-poor-will, e depois distante e suave, mas a aproximar-se: whip-poor-will... E continuou assim até o crepúsculo, que se adensava, ficar cheio do canto dos pássaros. Os pensamentos de Laura libertaram-se dos seus feios enredos e tornaram-se suaves e pacíficos. Pensou: «Serei boa. Não importa quanto a Nellie Oleson for odiosa, eu serei boa.»

*1. Pássaro americano noturno que deve o nome ao som do seu canto: whip-poor-will (aproximadamente: uipe-pur-uil). (N. da T.)

92

CAPÍTULO XII - ACONCHEGADOS PARA O INVERNO.

Durante todo o agradável tempo outonal Laura e Carrie não pararam. De manhã ajudavam a tratar dos animais e a preparar o pequeno-almoço. Depois enchiam a lancheira do almoço, vestiam-se para a escola e punham-se a caminho da cidade. Finda a escola, regressavam apressadas a casa, pois havia que fazer até escurecer.

O sábado era um dia inteiro de azáfama, a prepararem-se para se mudarem para a cidade.

Laura e Carrie apanhavam batatas, depois de o pai as desenterrar. Cortavam a rama aos nabos e ajudavam o pai a empilhá-los no carroção. Arrancavam e cortavam a rama às cenouras, às beterrabas e às cebolas. Apanhavam os tomates e os alquequenges.

Os alquequenges cresciam em moitas baixas e folhosas. Dos caules, debaixo das folhas grandes, pendiam as campânulas hexagonais, cinzento-claras e mais finas do que papel, dentro das quais se encontrava um fruto redondo, dourado e sumarento.

Os tomates de capa eram cobertos para uma espécie de folhelho liso, castanho-baço. Quando a capa se abria, aparecia o tomate redondo, de um tom púrpura luminoso, maior do que um alquequenge, mas muito mais pequeno do que os tomates vermelhos, que ostentavam a sua cor viva.

Durante todo o dia, enquanto as filhas estavam na escola, a mãe fazia compotas de ambas as qualidades de tomates e de alquequenges. Fazia também pickles de tomates verdes, que não teriam tempo de amadurecer antes de começar a gear. A casa estava cheia do odor açucarado dos doces e do cheiro picante dos pickles.

— Desta vez, levaremos as nossas provisões connosco, quando nos mudarmos para a cidade — disse o pai, satisfeito. — E temos de ir em breve.

93

Não quero que outra nevasca de Outubro nos apanhe nesta casinha de paredes delgadas.

— Este Inverno não será tão duro como o último — observou Laura. — O tempo não parece o mesmo.

— Pois não — concordou o pai. — Não é provável que este Inverno seja tão duro, nem que venha tão cedo, como o anterior, mas desta vez quero estar preparado quando ele chegar.

Carregou a palha de aveia e a palha de milho e foi empilhá-las perto das suas medas de feno, na cidade. Carregou também as batatas e os nabos, as beterrabas e as cenouras, e armazenou-as na cave da sua casa na cidade.

Depois, apressadamente, num serão de segunda-feira, que se prolongou pela noite fora, Laura e Carrie ajudaram a mãe a acondicionar roupas, pratos e livros. Foi nessa altura que Laura descobriu um segredo. Estava de joelhos, a tirar roupa interior de Inverno da gaveta do fundo da cómoda da mãe, e debaixo das roupas de flanela encarnada sentiu qualquer coisa dura. Meteu a mão e tirou um livro.

Era um livro completamente novo, com uma bonita encadernação de tecido verde e enfeites dourados. As arestas lisas, rectas e douradas das páginas pareciam de ouro sólido. Na capa, duas linhas curvas de encantadoras letras de fantasia formavam as palavras

Poemas de Tennyson

Laura ficou tão surpreendida e estupefacta com a descoberta daquele rico e belo livro, escondido entre a roupa de flanela, que quase o deixou cair. Abriu-se-lhe nas mãos. À luz do candeeiro, as páginas novas, intactas, ofereciam-se, cada uma com excitantes e ainda não lidas palavras impressas num tipo bonito e bem legível. Finas linhas rectas vermelhas encerravam cada oblongo impresso, como se fosse um tesouro, e do lado de fora das linhas vermelhas ficavam as margens puras, imaculadas.

Perto do fundo, na página do lado esquerdo, havia uma frase breve, em tipo maior: os lotófagos.

«Coragem!», era a primeira palavra, debaixo do título, e Laura leu, ofegante:

«Coragem!», disse ele, a apontar para terra.

«Esta onda crescente para terra nos empurrará em breve.»

À tarde chegaram a uma terra

Em que parecia ser sempre de tarde.

A toda a roda da costa o lânguido ar desfalecia,

Respirando como quem tem um sonho esgotante.

Cheia, acima do vale, brilhava a Lua;

E, como...

Laura parou de ler, assustada. De súbito, compreendeu o que estava a fazer. A mãe devia ter escondido aquele livro e ela não tinha direito nenhum de o ler.

Fechou rapidamente os olhos e depois fechou o livro. Foi quase superior às suas forças não ler só mais uma palavra, só o fim daquele verso. Mas sabia que não devia ceder nem um bocadinho à tentação.

Arrumou o livro onde o encontrara, entre a roupa de flanela encarnada, voltou a pôr a roupa na gaveta, fechou-a e abriu a gaveta de cima. Depois ficou sem saber que fazer.

Devia confessar à mãe o que fizera. Mas compreendeu imediatamente que a mãe tinha o livro guardado para uma surpresa. Pensou, com o coração a bater muito depressa, que os pais deviam ter comprado o livro em Vinton, Iova, e estavam a

reservá-lo para um presente de Natal.

95

Um livro tão rico e tão bonito, um livro de poemas, só podia ser um presente de Natal. E Laura era, agora, a mais velha das filhas que estavam em casa. Devia ser um presente de Natal para ela!

Se confessasse à mãe o que fizera, estragaria aos pais o prazer que esperavam sentir no Natal, ao dar-lho. O pai e a mãe ficariam muito decepcionados.

Tinha a impressão de que encontrara aquele livro havia muito tempo, mas na realidade fora naquele momento, apenas. A mãe entrou, apressada, e disse:

— Eu acabo aqui, Laura. Tu vai para a cama, que já passa da hora.

— Sim, Ma. — Laura compreendeu que a mãe receara que ela abrisse a gaveta de baixo e encontrasse o livro; nunca escondera nenhum segredo culposos da mãe, mas desta vez não disse uma palavra.

Depois da escola, no dia seguinte, ela e Carrie não percorreram o longo estirão até à reserva. Em vez disso, pararam no edifício que o pai construira no gaveto da Rua Principal com a Rua Dois. O pai e a mãe tinham feito a mudança para a cidade, a fim de passarem o Inverno.

O fogão e o armário estavam instalados na cozinha. No andar de cima, as camas estavam armadas debaixo do telhado inclinado, com os fofos colchões de palha submersos sob montes de mantas e almofadas. O único trabalho que a mãe deixara para Laura e Carrie fora o de fazerem as camas. E Laura tinha a certeza de que o livro do Natal, os Poemas de Tennyson, estava escondido na gaveta da cómoda. Claro que ela nunca abriria a gaveta para se certificar.

No entanto, todas as vezes que via a cómoda não podia deixar de pensar:

Cheia, acima do vale, brilhava a Lua; E, como...

Como o quê? Teria de esperar até ao Natal para aprender o resto daquele encantador poema. «Coragem!», disse ele, e apontou para terra. «Esta onda crescente para terra nos empurrará em breve.» À tarde chegaram a uma terra em que parecia ser sempre de tarde... Mas a Laura não parecia que o Natal fosse em breve.

No andar de baixo, a mãe já tornara a grande sala arrumada e agradável. O aquecedor estava reluzente, as cortinas pendiam, lavadas e engomadas, das janelas e os pequenos tapetes de trapos estavam postos no chão varrido. As duas cadeiras de balanço ocupavam o canto soalheiro. A de Maria estava fazia.

Frequentemente, Laura sentia tanto a falta de Maria que até lhe doía. Mas não serviria de nada falar disso. Maria estava no colégio, como quisera. Uma professora escrevera ao pai a dizer que ela estava bem e a fazer progressos rápidos; em breve poderia escrever uma carta.

Por isso, ninguém falava do vazio que todos sentiam. Serena e alegremente, fizeram o jantar e puseram a mesa, e a mãe nem reparou que suspirou, quando disse:

— Bem, estamos todos aconchegados para o Inverno.

— É verdade — confirmou o pai. — Desta vez estamos bem preparados para ele. Não eram os únicos que estavam preparados. Toda a gente da cidade se estivera a preparar para o Inverno. A serração estava cheia de carvão e os comerciantes

tinham abastecido bem as suas lojas. Havia farinha no moinho e trigo nas tulhas. — Teremos carvão para queimar e qualquer coisa que comer durante todo o Inverno, se os comboios não conseguirem passar — acrescentou o pai, satisfeito; era bom sentir-se seguro e próspero, com comida e combustível suficientes para não necessitarem de temer a fome ou o frio.

Laura sentia a falta dos longos e agradáveis passeios para a escola e da escola. Tinham-na encantado. Mas agora não havia pressa nenhuma de manhã, pois não tinha de tratar dos animais. O pai encarregava-se disso, visto não ter de trabalhar na quinta. E o caminho mais curto era melhor para Carrie.

O pai, a mãe e Laura estavam preocupados com Carrie. Ela nunca fora forte e não estava a refazer-se do duro Inverno como deveria. Só a deixavam fazer as tarefas caseiras mais leves e a mãe tentava despertar-lhe o apetite com o que havia de melhor para comer. Mas ela continuava magra e pálida, pequena para a sua idade. Tinha os olhos demasiado grandes no rosto pequeno e pontiagudo. Muitas vezes, de manhã, embora a caminhada fosse apenas de cerca de quilómetro e meio e Laura lhe levasse os livros, Carrie sentia-se cansada antes de chegarem à escola. Certas ocasiões, doía-lhe tanto a cabeça que não dizia as lições como devia ser. Viver na cidade era mais fácil. Seria muito melhor para Carrie.

96 - 97

CAPÍTULO XIII - DIAS DE ESCOLA.

Laura estava a gostar da escola. Já conhecia todos os alunos e ela, Ida, Maria Power e Minnie estavam a tornar-se grandes amigas. No intervalo, ao meio-dia, ficavam sempre juntas.

No tempo seco e soalheiro, os rapazes brincavam e jogavam à bola. Às vezes, limitavam-se a atirar a bola contra o edifício da escola e a correrem aos encontrões e empurrões para a apanharem no meio da erva selvagem da pradaria. Frequentemente, pediam a Laura: «Vem jogar connosco, Laura. Anda, vem!»

Era de maria-rapaz correr e brincar com a sua idade, mas ela gostava tanto de correr, saltar, apanhar e atirar a bola, que às vezes jogava com eles. Os rapazes eram pequenos, ela gostava deles e nunca se queixava quando, uma vez por outra, a brincadeira se tornava mais dura. Um dia, ouviu Charley dizer: «Apesar de ser rapariga, não é uma não-me-toques.»

Ouvir essas palavras fê-la sentir-se satisfeita e bem disposta. Quando até os rapazes pequenos gostam de uma rapariga crescida, ela sabe que toda a gente gosta dela.

As outras raparigas sabiam que Laura não era, realmente, uma maria-rapaz, nem mesmo quando tinha o rosto afogueado de correr e saltar os ganchos se lhe soltavam do cabelo. Às vezes, Ida também jogava e Maria Power e Minnie assistiam e aplaudiam. Só Nellie Oleson torcia o nariz.

Nellie nem sequer queria passear, apesar de a convidarem cortesmente. Era tudo «muito grosseiro, realmente», dizia.

— Tem medo de estragar a sua tez do estado de Nova Iorque — comentava Ida, a

rir.

— Acho que ela fica na aula para travar amizade com Miss Wil-der — opinou Maria Power. — Está sempre a falar com ela.

98

— Pois que fale. Nós divertimo-nos muito mais sem ela — declarou Minnie.

— Miss Wilder também viveu no estado de Nova Iorque. Provavelmente é disso que falam — observou Laura.

Maria Power olhou-a risonhamente, de soslaio, e apertou-lhe o braço. Ninguém disse que Nellie era a «menina bonita da professora», mas foi isso que pensaram. Laura não se importava. Ia à frente da classe em todas as matérias e não precisava de ser a menina bonita da professora para lá continuar.

Todas as noites, depois do jantar, estudava até serem horas de se deitar. Era então que sentia mais dolorosamente a falta de Maria, pois tinham sempre estudado as lições juntas. Mas sabia que, lá muito longe, no Iowa, Maria também estava a estudar, e que, para a irmã poder continuar no colégio e desfrutar de todas as suas maravilhosas oportunidades de aprender, ela, Laura, tinha de obter um certificado de professora.

Tudo isto lhe passou rapidamente pela cabeça, enquanto passeava de braço dado com Maria Power e Ida.

— Sabem o que penso? — perguntou Minnie.

— Não. Que é? — perguntaram-lhe.

— Aposto que a Nellie anda a planear qualquer coisa relacionada com aquilo — disse Minnie, e inclinou a cabeça na direcção de uma parelha que se aproximava, pelos trilhos dos carroções: os Morgans castanhos.

As pernas esguias dos dois cavalos moviam-se rapidamente e os seus cascos levantavam pequenas nuvens de poeira. As suas espáduas reluzentes brilhavam e as suas caudas e as suas crinas pretas ondulavam ao vento. Tinham as orelhas espetadas para a frente e os seus olhos brilhantes viam tudo alegremente.

Pequenas borlas vermelhas adornavam-lhes as rédeas.

O sol cintilava-lhes na curva dos pescoços arqueados, prolongavam-se-lhes pelos flancos e voltava a curvar nas garupas. Vinham atrelados a um reluzente buggy novo. O guarda-lama brilhava, o impecável tejadilho preto curvava sobre o banco, apoiado em brilhantes traves pretas, e as rodas eram vermelhas. Laura nunca vira um buggy assim.

— Porque não inclinaste a cabeça, Laura? — perguntou Ida, depois de o veículo passar velozmente.

— Não o viste tirar-nos o chapéu? — perguntou também Maria Power.

Mas Laura só vira os bonitos cavalos até o buggy passar como uma seta diante dos seus olhos.

99

— Oh, lamento! Não quis ser descortês. São autêntica poesia, não são?

— Não queres dizer que ela se anda a atirar a ele, pois não, Min-nie? — inquiriu Maria Power. — Ele é um homem feito, tem uma reserva e tudo.

— Já a vi olhar para aqueles cavalos — respondeu Minnie. — Aposto que Nellie decidiu dar um passeio atrás deles. Vocês conhecem aquele olhar calculista que ela mostra, às vezes... E agora que ele tem um buggy daqueles...

— Não tinha buggy nenhum no último 4 de Julho — observou Laura.

— Acaba de chegar do Leste — informou Minnie. — Encomendou-o depois de vender o trigo. Teve uma colheita de trigo maravilhosa. — Minnie sabia sempre estas coisas, porque o irmão Arthur lhe dizia.

— Acredito que tens razão — disse Maria Power, devagar. — Acho-a bem capaz disso.

Laura sentiu-se um bocadinho culpada. Não daria graxa a Miss Wilder só para dar um passeio atrás dos cavalos de Almanzo Wilder. No entanto, já pensara muitas vezes que se Miss Wilder gostasse dela, talvez, um dia, a convidasse para isso. Miss Wilder tinha uma reserva naquela estrada, apenas a uns quatrocentos metros da escola. Vivia lá, numa pequena cabana. Almanzo levava-a muitas vezes à escola, de manhã, ou esperava-a para a levar a casa depois das aulas. E sempre que via aqueles cavalos, Laura esperava que, um dia, talvez Miss Wilder a convidasse para um passeio. Seria possível que fosse tão detestável como Nellie Oleson?

E agora que vira o buggy ficara a desejar ainda mais tal passeio. Como podia evitar semelhantes pensamentos se os cavalos eram tão bonitos e o buggy tão veloz?

— São quase horas da sineta — disse Ida, e voltaram todas para trás; não deviam chegar atrasadas.

À entrada, beberam água pela concha que estava mergulhada no balde. Depois entraram na aula, bronzeadas e despenteadas pelo vento, afogueadas e sujas de poeira. Nellie estava toda composta e senhoril, com a pele branca e todos os cabelos no seu lugar.

Olhou-as de alto e sorriu com arrogância. Laura retribuiu-lhe o olhar e Nellie fez um trejeito com os ombros e o queixo.

— Escusas de te julgar tão importante, Laura Ingalls! — exclamou Nellie. — Miss Wilder diz que o teu pai não tem grande coisa a dizer a respeito desta escola, apesar de fazer parte da junta escolar.

— Ora essa! — exclamou Laura, ofegante.

— Acho que ele tem tanto a dizer como qualquer outro, ou talvez mais! — disse Ida, a defender corajosamente a amiga. — Não tem, Laura?

— Com certeza que tem! — afirmou Laura.

— Pois claro — confirmou Maria Power. — Até tem mais, porque Laura e Carrie andam nesta escola e os outros membros da junta não têm filhos.

Laura estava furiosa, cheia de raiva por Nellie se atrever a falar contra o pai. Nos degraus, Miss Wilder tocava a sineta, cujo barulho ecoava na cabeça de Laura.

— É uma pena que os teus pais não passem de camponeses, Nellie — disse. — Se vivesses na cidade, então talvez o teu pai pudesse pertencer à junta escolar e ter alguma coisa a dizer a respeito da escola.

Nellie preparou-se para a esbofetear. Laura viu-a levantar a mão e mal teve tempo de pensar que não devia, não devia, esbofetear Nellie, e esperar não o fazer.

Depois Nellie baixou rapidamente a mão e sentou-se no seu lugar. Miss Wilder entrara.

Os restantes alunos entraram ruidosamente e Laura sentou-se também. Ainda estava tão furiosa que mal via. Sob o tampo da carteira, Ida deu-lhe um apertãozinho no punho fechado, como que a dizer: «Muito bem! Foi bem feito o que lhe disseste!»

100 - 101

CAPÍTULO XIV - MANDADAS PARA CASA.

Miss Wilder intrigava toda a gente, na escola. Claro que desde o primeiro dia que os rapazes tentavam descobrir até onde podiam ir, em traquinice, até ela os obrigar a comportarem-se como devia ser, e ninguém compreendia que tal não acontecesse.

Ao princípio, os rapazes mexiam-se no lugar; depois começaram a fazer pequenos ruídos com os livros e as ardósias. Miss Wilder não prestava atenção, até os ruídos perturbarem as lições. Mas mesmo nessa altura não falava rispidamente ao rapaz mais barulhento e limitava-se a sorrir cortesmente e a pedir que fizessem menos barulho.

— Sei que não têm consciência de que estão a incomodar os outros.

Eles ficavam sem saber que ideia fazer daquilo. Quando ela se virava para o quadro, o barulho tornava-se ainda maior e os rapazes até começavam a murmurar uns com os outros.

Todos os dias Miss Wilder pedia a toda a gente, diversas vezes, que fizesse um pouco menos de barulho, por favor. Isso não era justo para aqueles que não estavam a fazer barulho nenhum. A breve trecho, todos os rapazes cochichavam, davam cotoveladas uns aos outros e às vezes até se batiam à socapa, nos lugares. Algumas das meninas mais pequenas escreviam bilhetinhos umas às outras, nas ardósias.

Mas Miss Wilder continuava sem castigar ninguém. Uma tarde, bateu com a régua na secretária, a chamar a classe toda à ordem, e disse que estava certa de que todos queriam ser bons. Acrescentou que não acreditava em aplicar castigos a crianças. Tencionava discipliná-los pelo amor e não pelo medo. Gostava de todos eles e tinha a certeza

102

de que todos gostavam dela. Enfim, até as raparigas crescidas ficaram embaraçadas com a sua maneira de falar.

— Os pássaros, nos seus pequenos ninhos, dão-se bem — declarou, a sorrir, e Laura e Ida quase se encolheram todas, de embaraço; além do mais, tais palavras demonstravam que ela não percebia nada de pássaros.

Miss Wilder nunca deixava de sorrir, nem mesmo quando havia preocupação nos seus olhos. Só os seus sorrisos para Nellie Oleson pareciam verdadeiros. Parecia convencida de que podia contar com ela.

— Ela é uma... bem, quase uma hipócrita — disse Minnie um dia, em voz baixa, no recreio.

Estavam de pé à janela, a ver os rapazes jogar à bola. Miss Wilder e Nellie conversavam uma com a outra, junto do fogão. Estava frio, à janela, mas as outras alunas preferiam estar ali.

— Não creio que seja realmente isso — comentou Maria Power. — E tu, Laura?

— Não...o. Não exactamente. O que penso é que ela não é muito boa julgadora.

Mas sabe tudo quanto está nos livros. Nesse aspecto, é uma boa professora.

— Pois é — concordou Maria Power. — Mas uma pessoa não pode saber o que vem nos livros e ter um pouco mais de bom senso? Pergunto a mim mesma o que vai acontecer quando os rapazes crescidos vierem para a escola, se ela não é capaz de controlar os pequenos.

Os olhos de Minnie brilharam de excitação e Ida riu-se. Ida mostrava-se sempre boa, alegre e risonha, acontecesse o que acontecesse, mas Maria Power estava séria e Laura preocupada.

— Não deve haver problemas na escola! — exclamou, a pensar que precisava de estudar e obter um certificado.

Agora, que viviam na cidade, Laura e Carrie iam a casa ao meio-dia, para comerem um bom almoço quente. A comida quente devia ser melhor para Carrie, embora não parecesse fazer diferença nenhuma. Continuava pálida e magra e sempre cansada. Às vezes a cabeça doía-lhe tanto que não conseguia aprender a ler. Laura ajudava-a e, de manhã, Carrie sabia as palavras todas. Mas depois, quando era chamada, enganava-se.

Ida e Nellie ainda levavam o almoço para a escola e Miss Wilder também. Comiam todas juntas, aconchegadamente, junto do fogão. Quando as outras chegavam, Ida ia para junto delas, mas Nellie passava muitas vezes a hora toda do almoço a conversar com Miss Wilder.

103

Disse diversas vezes às outras, com um sorriso manhoso:

- Um destes dias vou passear atrás daqueles Morgans, naquele buggy novo.

Esperem e verão!

Elas não duvidavam.

Ao chegar um dia, depois do almoço, Laura levou Carrie para junto do fogão, a fim de lhe tirar os agasalhos ao calor. Miss Wilder e Nellie estavam a conversar animadamente e Laura ouviu Miss Wilder dizer, indignada: «... junta escolar!» Depois viram-na ambas.

— Tenho de tocar a sineta — disse a professora, apressada, e não olhou para Laura, ao passar por ela.

Talvez Miss Wilder tivesse alguma razão de queixa da junta, pensou Laura, e se tivesse lembrado, ao vê-la, que o seu pai era membro dela.

Nessa tarde, na lição de leitura, Carrie voltou a enganar-se em três palavras. O coração de Laura confrangeu-se. Carrie estava tão branca e triste, esforçava-se tanto, mas via-se perfeitamente que a cabeça lhe devia doer muito. Seria um pequeno conforto para ela, pensou Laura, o facto de Mamie Beardsley também ter cometido alguns erros.

Depois Miss Wilder fechou a cartilha e disse tristemente que estava decepcionada e magoada.

— Vai para o teu lugar, Mamie, e estuda outra vez esta lição — ordenou. — E tu, Carrie, vai ao quadro. Quero ver-te escrever «catarata», «separar» e «exasperar» correctamente. Cinquenta vezes cada palavra.

Ordenou-o com uma espécie de triunfo na voz.

Laura tentou dominar o seu mau génio, mas não foi capaz. Estava furiosa. Fazer a pobre Carrie passar aquela vergonha, diante da escola toda, era querer castigá-la. Não era justo! Mamie também se enganara nalgumas palavras. Mas Miss Wilder deixara passar, em Mamie, e castigara Carrie. Devia ver que Carrie se esforçava e não era forte. A professora era mesquinha, mesquinha e cruel, e não era justa!

Mas Laura teve de continuar sentada, sem poder fazer nada. Carrie foi tristemente, mas corajosamente, para o quadro. Tremia e engolia as lágrimas, mas não choraria. Laura via a sua mão magra escrever lentamente uma longa linha de palavras e depois outra. Carrie estava cada vez mais pálida, mas continuava a escrever. De súbito, o seu rosto ficou cinzento e ela agarrou-se à calha do apagador.

Rapidamente, Laura levantou a mão e levantou-se, e quando Miss Wilder olhou para ela falou sem esperar por licença:

— Por favor, Carrie vai desmaiar!

104

A professora virou-se rapidamente e viu Carrie.

— Carrie! Podes sentar-te!

O suor corria pelo rosto da garota, que já não estava tão cinzento. Laura compreendeu que o pior passara.

— Senta-te no banco da frente — disse Miss Wilder, e Carrie conseguiu lá chegar.

Depois Miss Wilder voltou-se para Laura e disse:

— Como não queres que Carrie escreva as palavras mal lidas, podes ir tu ao quadro e escrevê-las.

Toda a classe ficou num silêncio total, a olhar para Laura. Seria uma vergonha para ela, uma das raparigas crescidas ir para o quadro escrever palavras, como castigo. Miss Wilder olhou também para Laura, que lhe sustentou o olhar.

Depois foi para o quadro, pegou no giz e começou a escrever. Sentia a cara a arder, mas passado um momento compreendeu que ninguém estava a troçar dela. Continuou a escrever rapidamente as palavras, todas iguais, umas debaixo das outras.

Ouviu diversas vezes, atrás dela, um «psiu!» baixo e repetido. Toda a classe fazia barulho, como de costume. Depois ouviu murmurar: «psiu, Laura!»

Charley estava a fazer-lhe sinais, e murmurou: «Não escrevas! Diz-lhe que não escreves! Estaremos todos do teu lado!»

Laura sentiu-se encorajada e enternecida. Mas não queria de maneira nenhuma provocar problemas na escola. Sorriu, franziu a testa e abanou a cabeça a Charley. Ele recostou-se no lugar, decepcionado, mas calado. De súbito, Laura captou um olhar furioso da professora. Miss Wilder vira tudo.

Laura virou-se para o quadro e continuou a escrever. Miss Wilder não lhe disse nada, nem a Charley. Laura pensou, ressentida: «Ela não tem o direito de estar furiosa comigo. Podia ao menos ter a delicadeza de compreender que estou a

ajudar a manter a ordem na aula.»

Nessa noite, depois da escola, Charley e os seus amigos, Clarence e Alfredo, foram atrás de Laura, Maria Power e Minnie.

— Amanhã ensino-lhe como é, àquela velhaca! — vangloriou-se Clarence em voz alta, para que Laura o ouvisse. — Ponho-lhe um alfinete dobrado na carteira.

— Mas eu parto primeiro a régua — prometeu-lhe Charley. — Assim, ela não te poderá castigar, se te apanhar.

Laura voltou-se para trás e pediu-lhes:

— Por favor, não façam isso, rapazes. Por favor!

105

— Porque não? Será divertido, e ela não nos fará nada — argumentou Charley. — Será divertido porquê? — perguntou Laura. — Não é maneira de vocês, rapazes, tratarem uma mulher, mesmo que não gostem dela. Desejo que não o façam.

— Bem... — cedeu Clarence. — Pronto, não o farei.

— Nesse caso, nós também não — concordaram Alfredo e Charley.

Laura sabia que cumpririam a sua palavra, embora não o desejassem.

Quando estudava as lições, nessa noite, Laura levantou a cabeça e disse:

— Miss Wilder não gosta de Carrie nem de mim, não sei porquê. A mãe parou de tricotar e respondeu-lhe:

— Deve ser imaginação tua.

E o pai disse, por cima do jornal:

— Tenta não lhe dar motivos de queixa e em breve pensarás de modo diferente.

— Eu não lhe dou motivos para não gostar de mim, Pá — afirmou Laura, veemente. — Talvez a Nellie Oleson a influencie — acrescentou, e voltou a olhar para o livro, enquanto pensava: «Ela dá demasiados ouvidos a Nellie Oleson.»

Laura e Carrie chegaram cedo à escola, na manhã seguinte. Miss Wilder e Nellie estavam sentadas junto do fogão e não se encontrava mais ninguém presente.

Laura deu os bons-dias e ao aproximar-se do calor do fogão a saia prendeu-se-lhe na aresta partida da lata do carvão.

— Oh, que maçada! — exclamou Laura, ao baixar-se para a soltar.

— Rasgaste o vestido, Laura? — perguntou acidamente a professora. — Porque não nos arranjas uma lata nova para o carvão, já que o teu pai pertence à junta escolar e tu podes ter o que queres e como queres?

Laura olhou-a, surpreendida.

— Não posso, não! — exclamou. — Mas é provável que a senhora possa ter uma lata nova, se a quer.

— Oh, obrigada! — agradeceu Miss Wilder.

Laura não compreendia por que motivo a professora lhe falava daquele modo.

Nellie fingiu prestar atenção a um livro, mas o canto da boca arqueou-se-lhe num sorriso velhaco. Sem saber que dizer, Laura ficou calada.

Durante toda a manhã, a classe esteve agitada e barulhenta,

106

mas os rapazes cumpriram a sua promessa. Não foram piores do que era habitual. Não sabiam as lições, pois não estudavam, e Miss Wilder pareceu tão atormentada que Laura teve pena dela.

A tarde começou com mais sossego. Laura estudava a sua lição de Geografia. Ao levantar a cabeça, enquanto decorava as exportações do Brasil, viu Carrie e Mamie Beardsley mergulhadas no estudo. Uniam as cabeças, por cima da cartilha, e moviam silenciosamente os lábios, enquanto soletravam mentalmente as palavras. Nem davam por que estavam a balançar-se para trás e para a frente e que a sua carteira balançava um pouco com elas.

Laura calculou que os parafusos que prendiam a carteira ao chão deviam estar soltos. Mas não importava, pois não fazia barulho nenhum. Olhou de novo para o livro e pensou em portos de mar.

De súbito, ouviu Miss Wilder falar asperamente:

— Carrie e Mamie! Podem largar os livros e limitar-se a balançar a carteira!

Laura levantou a cabeça. Carrie tinha os olhos e a boca abertos, cheia de surpresa. O seu rosto pequeno e pontiagudo ficou branco, de susto, e depois vermelho de vergonha. Ela e Mamie largaram a cartilha e começaram a balançar a carteira obedientemente, mas ainda silenciosamente.

— Precisamos de silêncio, para poder estudar — explicou Miss Wilder, suavemente. — Doravante, quem quer que nos perturbe continuará a fazê-lo até ficar completamente fatigado.

Mamie não ligou grande importância, mas Carrie estava tão envergonhada que lhe apetecia chorar.

— Continuem a balançar essa carteira, meninas, até eu lhes dar autorização para pararem — ordenou Miss Wilder, de novo com aquela estranha nota de triunfo na voz. Voltou-se para o quadro, onde explicava um problema de aritmética aos rapazes, que não prestavam atenção nenhuma.

Laura tentou pensar de novo no Brasil, mas não foi capaz. Passados momentos, Mamie deu uma pequena sacudidela de cabeça e, ousadamente, passou para outra cadeira, do outro lado da coxia.

Carrie continuou a balançar, mas a carteira era demasiado pesada só para uma garota e, lentamente, o movimento foi parando até se extinguir.

— Continua a balançar, Carrie — disse Miss Wilder, suavemente; mas não disse nada a Mamie.

O rosto de Laura corou de fúria. Nem sequer tentou controlar o mau génio.

Detestava a professora por ser tão mesquinha e injusta. Mamie estava tranquilamente sentada, recusando-se a cumprir a sua parte do castigo,

107

e Miss Wilder nem uma palavra lhe dizia. Carrie não tinha força para balançar a pesada carteira sozinha. Quase incapaz de se dominar, Laura mordeu o lábio e ficou imóvel.

Com certeza a professora mandaria Carrie parar em breve, pensou. Carrie estava branca. Fazia o possível por balançar a carteira, mas ela era tão pesada... O movimento foi diminuindo. Por fim, apesar de empregar toda a força, Carrie quase não a podia mover.

— Mais depressa, Carrie! Mais depressa! — ordenou Miss Wilder. — Querias balançar a carteira. Pois balance-a!
Laura levantou-se. A fúria apoderou-se dela e ela não tentou resistir-lhe, entregou-se-lhe por completo.
— Miss Wilder, se quer que a carteira balance mais depressa, eu balanço-a para si!
Miss Wilder aproveitou logo o oferecimento, de bom grado:
— Podes fazer isso mesmo! Escusas de trazer o livro, basta que balances a carteira.
Laura meteu pela coxia abaixo e segredou a Carrie:
— Fica quieta e descansa.

108

Depois apoiou firmemente os pés no chão e balançou a carteira.
Não fora sem razão que o pai dissera sempre que ela era forte como um cavallinho francês.
Tumpe!, faziam as pernas de trás da carteira, ao bater no chão.
Tumpe!, desciam as pernas da frente.
Todos os parafusos se soltaram e:
Tumpe, TUMPE! Tumpe!, TUMPE!, fazia a carteira ritmada-mente, enquanto Laura balançava, satisfeita, e Carrie se deixava ficar sentada, a descansar.
Nem sequer o peso e o movimento diminuíram a fúria de Laura. Pelo contrário, foi ficando cada vez mais furiosa, à medida que balançava a carteira mais ruidosa e rapidamente.
Tumpe, TUMPE! Tumpe, TUMPE!
Já ninguém podia estudar.
Tumpe, TUMPE! Tumpe, TUMPE!
Miss Wilder quase não podia ouvir a própria voz. Ruidosamente, chamou a terceira classe, para leitura.
Tumpe, TUMPE! Tumpe, TUMPE!
Ninguém conseguia ler, ninguém conseguia sequer ser ouvido.
Tumpe, TUMPE! Tumpe, TUMPE! Tumpe...
Em voz muito alta, Miss Wilder disse:
— Laura, tu e Carrie estão dispensadas da aula. Podem ir para casa o resto do dia.
TUMPE!, obrigou Laura a carteira a fazer. Depois o silêncio foi total.
Toda a gente ouvira falar de ser mandado embora da escola para casa. Mas nunca ninguém fora, ainda. Era um castigo pior do que apanhar chicotadas. Só havia um castigo mais temível: ser expulso da escola.
Laura mantinha a cabeça erguida, mas quase não via. Reuniu os livros da irmã e Carrie seguiu-a, encolhida, e esperou a tremer junto da porta, enquanto Laura reunia os seus próprios livros. O silêncio era total. Por simpatia, Maria Power e Minnie não olharam para Laura. Nellie Oleson parecia também estar a prestar atenção a um livro, mas o sorriso velhaco tremia-lhe ao canto da boca. Ida lançou a Laura um olhar pesaroso, de compreensão.
Carrie tinha aberto a porta; Laura saiu e fechou-a.

À entrada, vestiram os agasalhos. Fora da escola, pareceu tudo estranho e vazio, pois não se via ninguém, não estava ninguém na estrada de acesso à cidade. Eram cerca de duas horas, uma hora a que não as esperavam em casa.
— Oh, Laura, que vamos fazer? — perguntou Carrie, tristemente.

109

— Vamos para casa, claro. — Efectivamente, já iam a caminho de casa e a escola já se encontrava a alguma distância atrás delas.

— Que dirão o pai e a mãe? — insistiu Carrie, com voz trémula.

— Sabê-lo-emos quando eles o disserem. Não ralharão contigo, pois tu não tens culpa. A culpa é minha, por ter balançado a carteira com tanta força. Mas estou satisfeita por tê-lo feito! Era capaz de o fazer outra vez!

Carrie não queria saber de quem era a culpa. Não há conforto em coisa alguma para quem teme ir para casa.

— Oh, Laura!

A mão enluvada de Carrie deslizou para a de Laura e, de mãos dadas, continuaram a andar, sem dizer mais nada. Atravessaram a Rua Principal e chegaram à porta, que Laura abriu. Entraram.

O pai, que estava sentado à secretária a escrever, voltou a cabeça. A mãe levantou-se da cadeira e o novelo de lã rolou pelo chão. A Bichana saltou logo para ele, toda contente.

— Mas que...? — começou a mãe. — Filhas, que aconteceu? A Carrie está doente?

— Fomos mandadas embora da escola — respondeu Laura.

A mãe sentou-se e olhou desalentada para o pai. Após um silêncio pesado, o pai perguntou, com voz severa:

— Porquê?

— A culpa foi minha, Pá — apressou-se Carrie a responder. — Não tive intenção, mas foi. Quem começou foi a Mamie e eu.

— Não, a culpa foi minha — contradisse-a Laura, e contou o que acontecera.

Quando terminou, o silêncio tornou-se de novo pesado. Depois o pai voltou a falar severamente:

— Amanhã de manhã voltam para a escola, como se nada disto tivesse acontecido. Miss Wilder pode ter errado, mas é a professora. Não posso permitir que as minhas filhas criem problemas na escola.

— Não, Pá, não criamos — prometeram as duas.

— Agora dispam os vestidos da escola e estudem — disse a mãe. — Podem estudar aqui o resto da tarde. Amanhã farão o que o pai disse e é provável que fique tudo por aí.

110

CAPÍTULO XV - A VISITA DA JUNTA ESCOLAR.

Laura teve a impressão de que Nellie Oleson pareceu surpreendida e

decepcionada quando ela e Carrie chegaram à escola, na manhã seguinte. Talvez tivesse esperado que elas não voltassem.

— Oh, estou tão contente por teres voltado! — exclamou Maria Power, e Ida deu um apertãozinho amigável ao braço de Laura.

— Não permitirias que a maldade dela te afastasse da escola, pois não, Laura? — perguntou Ida.

— Eu não permitiria que coisa nenhuma me impedisse de receber instrução — respondeu Laura.

— Creio que não receberias instrução se fosses expulsa da escola — interveio Nellie.

Laura olhou-a e respondeu-lhe:

— Não fiz, nem farei, nada para ser expulsa.

— De qualquer modo, não poderias ser, com o teu pai na junta escolar... Pois não?

— Gostaria que deixasses de mencionar o facto de o meu pai pertencer à junta escolar! — explodiu Laura. — Não sei que tens tu a ver com isso se...

A sineta começou a tocar e foram todos para os seus lugares.

Carrie teve o cuidado de se comportar bem e, em obediência ao pai, Laura comportou-se igualmente bem. Não pensou, nessa altura, no versículo da Bíblia que fala do púcaro e do prato que só estavam limpos do lado de fora, mas a verdade é que ela era como esse púcaro e esse prato. Detestava Miss Wilder. Ainda sentia um acerbo ressentimento pela cruel injustiça da professora para com Carrie. Desejava vingar-se dela. Exteriormente, reluzia de bom comportamento, mas não fazia o mínimo esforço para ser verdadeiramente boa por dentro.

111

A escola nunca estivera tão barulhenta. Em toda a sala batiam livros, arrastavam pés e havia murmúrio de vozes. Só as raparigas crescidas e Carrie estavam quietas e a estudar. Fosse para que lado fosse que Miss Wilder se voltasse, atrás dela erguia-se a indisciplina e o barulho. De súbito, soou um grito estridente. Charley levantara-se de um pulo e tinha as mãos nos fundilhos das calças.

— Um alfinete! — gritou. — Um alfinete na minha carteira! E levantou um alfinete dobrado, para Miss Wilder ver.

Os lábios da professora comprimiram-se. Desta vez não sorriu.

— Vem cá, Charley! — ordenou, vivamente.

Charley piscou o olho aos colegas e dirigiu-se, a arrastar os pés, para a secretária de Miss Wilder.

— Estende a mão — ordenou a professora, e meteu a mão na gaveta, à procura da régua.

Tacteu um momento e, depois, olhou para a gaveta. A régua não estava lá.

— Alguém viu a minha régua? — perguntou.

Não se levantou uma única mão. O rosto de Miss Wilder corou de cólera. Ordenou a Charley:

— Vai para aquele canto, de cara para a parede!

Charley foi para o canto, a esfregar o traseiro como se ainda sentisse a picada do alfinete. Clarence e Alfredo riram alto. Miss Wilder olhou rapidamente para eles e

mais rapidamente ainda Charley olhou por cima do ombro e fez-lhe uma destas caretas que os rapazes todos desataram a rir. Charley foi tão rápido que a professora só lhe viu a parte de trás da cabeça quando se virou muito depressa para ver o que causara o riso.

Virou-se três ou quatro vezes, rapidamente, para um lado e para outro, e Charley virou-se outras tantas, ainda mais depressa, a fazer-lhe caretas. Toda a classe ria à gargalhada. Só Laura e Carrie conseguiam manter-se perfeitamente sérias. Até as outras raparigas crescidas sufocavam o riso com o lenço apertado na boca. Miss Wilder bateu na secretária, a ordenar silêncio — mas teve de bater com as mãos, visto não ter régua. E não conseguiu o desejado silêncio. Não podia vigiar Charley constantemente, e todas as vezes que virava a cabeça ele fazia-lhe uma careta e as gargalhadas estalavam.

Os rapazes não tinham quebrado a promessa feita a Laura, mas estavam a comportar-se ainda pior do que se a não tivessem cumprido. E Laura não se importava. Para dizer a verdade, até estava satisfeita com eles.

112

Quando Clarence se esgueirou do lugar e se pôs de gatas na coxia, ela sorriu-lhe. No intervalo, deixou-se ficar na classe. Tinha a certeza de que os rapazes estavam a planear mais tunantices e não queria ouvi-los.

Depois do intervalo, a desordem foi ainda maior. Do lado da sala pertencente aos rapazes voavam papéis amarrotados e bolas de saliva. Todas as raparigas mais pequenas segredavam e passavam bilhetinhos. Enquanto Miss Wilder estava no quadro, Clarence desceu a coxia de gatas, Alfredo seguiu-o e Charley, ligeiro como um gato, correu pela coxia abaixo e saltou-lhes por cima.

Olharam para Laura, a pedir a sua aprovação, e ela sorriu-lhes.

— De que estás a rir, Laura? — perguntou Miss Wilder vivamente, ao virar-se do quadro.

— Eu estava a rir? — Laura levantou os olhos do livro e pareceu surpreendida.

A sala estava silenciosa, os rapazes estavam no seu lugar e toda a gente parecia estudar aplicadamente.

— Bem, vê se não te ris! — replicou a professora em tom ameaçador, voltou-se para o quadro e quase toda a gente, menos Laura e Carrie, desatou a rir.

Durante todo o resto da manhã Laura esteve calada e com os olhos nos livros, lançando apenas de vez em quando um olhar a Carrie. Numa dessas vezes, Carrie olhou para trás, para a irmã. Laura levou um dedo aos lábios e Carrie inclinou-se de novo para os livros.

Com tanto barulho e tanta confusão todas as vezes que virava costas, a própria Miss Wilder foi ficando confusa. Ao meio-dia mandou os alunos sair meia hora mais cedo e Laura e Carrie tiveram de novo de explicar em casa porque chegavam tão cedo.

Contaram a desordem que reinava na escola e o pai ficou com um ar sério. Mas limitou-se a dizer:

— Vocês tenham o cuidado de se comportar bem. Não se esqueçam disso.

Elas não esqueceram. No dia seguinte, a desordem foi maior. Toda a escola troçava quase abertamente de Miss Wilder. Laura estava apavorada com o que

desencadeara apenas com dois sorrisos à tunantice dos garotos. No entanto, não tentaria pôr-lhe cobro. Nunca perdoaria a injustiça de Miss Wilder para com Carrie. Não queria perdoar-lhe.

Agora que toda a gente troçava de Miss Wilder e a provocava ou pelo menos se ria dela, Nellie juntou-se aos indisciplinados. Continuava a ser a menina bonita da professora,

113

mas contava às outras raparigas tudo quanto Miss Wilder dizia e ria-se dela. Um dia, disse-lhes que o nome da professora era Eliza Jane.

— É um segredo — frisou Nellie. — Ela disse-me há muito tempo, mas não quer que mais ninguém saiba.

— Não percebo porquê — disse Ida. — Eliza Jane é um bonito nome.

— Posso explicar-lhes porquê — prontificou-se Nellie. — Quando ela era pequena, no estado de Nova Iorque, uma miúda suja foi para a escola e Miss Wilder teve de se sentar ao lado dela e... — Nellie chegou mais as outras para si e segredou: — ...apanhou piolhos.

Chegaram-se todas para trás e Maria Power exclamou:

— Não devias dizer coisas tão feias, Nellie!

— Eu não teria dito se a Ida não me perguntasse — declarou Nellie.

— Mas, Nellie Oleson, eu não perguntei nada! — desmentiu Ida.

— Perguntaste, sim! — afirmou Nellie, às gargalhadinhas. — Mas isso não é tudo.

A mãe dela escreveu um bilhete à professora e a professora mandou a miúda suja para casa e, assim, toda a gente ficou a saber. A mãe de Miss Wilder não a deixou ir à escola uma manhã inteira, para a catar com um pente fino. Miss Wilder fartou-se de chorar e teve tanto medo de voltar para a escola que foi devagar e chegou atrasada. No recreio, toda a classe fez uma roda à sua volta e começou a gritar: «Preguiçosa, piolhosa, Lizy Jane!» E a partir desse dia até hoje, ela não suporta o seu nome. Enquanto permaneceu nessa escola, todos quantos se zangavam com ela na escola chamavam-lhe: «Preguiçosa, piolhosa, Lizy Jane!» Nellie disse-o tão comicamente que elas se riram, embora se sentissem um bocadinho envergonhadas com tal procedimento. Depois, combinaram que nunca diriam nada a Nellie, pois ela tinha duas caras.

A escola tornara-se tão barulhenta que não era realmente uma escola. Quando Miss Wilder tocava a sineta, os alunos entravam alegremente, para a irem arreliar. Ela não podia vigiar todos ao mesmo tempo e quase nunca apanhava nenhum. Eles batiam com as ardósias e com os livros, atiravam papéis e cuspiam, assobiavam por entre os dentes e davam corridinhas pelas coxias. Estavam todos contra Miss Wilder e deliciavam-se a atormentá-la, a intrigá-la e a zombar dela. O sentimento existente contra a professora quase assustava Laura. Agora ninguém conseguia detê-los. A desordem era tal que Laura não conseguia estudar. E se não aprendesse as lições não poderia obter um certificado de professora a tempo de ajudar Maria a continuar no colégio.

114

Talvez Maria tivesse de deixar o colégio, porque ela, Laura, sorrisa duas vezes de maroteiras.

Sabia agora que não devia tê-lo feito. Mas não se arrependia, verdadeiramente. Não perdoava a Miss Wilder. Sentia-se dura e afogueada como um carvão aceso quando se lembrava da maneira como Miss Wilder tratara Carrie.

Numa sexta-feira de manhã, Ida desistiu de tentar estudar na confusão e começou a desenhar na ardósia. Toda a primeira classe de leitura estava a cometer erros de propósito e a rir deles. Miss Wilder mandou a classe para o quadro, escrever a lição. Ficou assim apanhada entre os alunos que estavam no quadro e os que estavam nos seus lugares. Ida estava toda entretida a desenhar, a balançar os pés e a trautear baixinho, sem dar por isso, e Laura tapava os ouvidos e tentava estudar.

Quando a professora mandou sair para o recreio, Ida mostrou a Laura o desenho que tinha feito. Era uma caricatura de Miss Wilder, tão bem feita que parecia exactamente ela, mas mais carregada. Por baixo, Ida escrevera:

Divertimo-nos à farta na escola. Ri e engorda é a única norma. Riem-se todos até lhe doer a barriga Da preguiçosa, piolhosa, Lizy Jane.

— Não consigo acertar os versos — queixou-se Ida.

Maria Power e Minnie estavam a admirar o desenho e a rir, e Maria Power disse:

— Porque não pedes à Laura que te ajude? Ela faz bem versos.

— Oh, Laura, ajudas? Por favor! — pediu Ida.

Laura pegou na pedra e, na pena e enquanto as outras esperavam, pensou numa melodia e ajustou-lhe as palavras. A sua única intenção era agradar a Ida e talvez, também um bocadinho, mostrar o que era capaz de fazer. Escreveu, no lugar dos versos que Ida apagara:

Ir para a escola é giro a valer, De tanto rir estamos a engordar. De quem? Ora, ninguém se engane: Da preguiçosa, piolhosa, Lizy Jane.

Ida ficou encantada e as outras também. Maria Power observou:

— Eu bem te disse que Laura era capaz.

115

Nesse momento, Miss Wilder tocou a sineta. O intervalo passara num instante.

Os rapazes entraram, a fazer todo o barulho que podiam, e quando Charley passou e viu a ardósia, Ida riu-se e deixou-o levá-la.

— Oh, não! — exclamou Laura, baixinho, mas já era tarde de mais.

Até ao meio-dia, os rapazes passaram a ardósia de uns para os outros, e Laura receou que Miss Wilder a apreendesse, com o desenho de Ida e a caligrafia dela. Laura soltou um grande suspiro de alívio quando a ardósia voltou à sua carteira e, rapidamente, Ida a limpou com o trapo húmido.

Quando saíram para o sol frio, a fim de irem almoçar a casa, Laura ouviu os rapazes cantar ao longo da estrada que levava à Rua Principal:

Ir para a escola é giro a valer, De tanto rir estamos a engordar. De quem? Ora, ninguém se engane: Da preguiçosa, piolhosa, Lizy Jane!

Laura ficou boquiaberta e até se sentiu indisposta.

— Eles não devem! — exclamou. — Temos de os deter. Oh, Maria Power, Minnie, vamos depressa! — E chamou: — Rapazes! Charley, Clarence!

— Eles não te ouvem — disse Minnie. — E mesmo que ouvissem não conseguiríamos detê-los.

Os rapazes já se estavam a separar na Rua Principal. Laura suspirou de alívio, ao ver que estavam a conversar, mas logo a seguir um recomeçou a cantar e os outros fizeram coro: Ir para a escola é giro a valer..., gritaram, rua acima, rua abaixo. Da preguiçosa, piolhosa, Lizy Jane!

— Oh, porque não têm mais juízo?! — perguntou Laura, exasperada.

— Laura, só há uma coisa a fazer — disse Maria Power. — Não digas quem escreveu aquilo. Sei que a Ida não dirá. Eu também não direi, nem a Minnie... Pois não, Minnie?

— Juro — prometeu Minnie. — E a Nellie Oleson?

— Não sabe. Passou o recreio todo a falar com Miss Wilder — lembrou-lhes Maria Power. — E tu nunca dirás, pois não, Laura?

— A não ser que o meu pai ou a minha mãe mo perguntem claramente.

— O mais natural é não se lembrarem disso e assim nunca ninguém saberá — disse Maria Power, a tentar confortá-la.

Enquanto almoçavam, Charley e Clarence passaram a cantar os horríveis versos e o pai observou:

— Parece uma canção que eu não sei. Alguma vez ouviste uma canção acerca de uma preguiçosa, piolhosa, Lizy Jane?

— Nunca — respondeu a mãe. — Não me parece uma canção decente.

Laura não disse uma palavra. Pensou que nunca se sentira tão infeliz.

Os rapazes cantavam os versos à volta da escola. Willie, o irmão de Nellie, estava com eles. Dentro da escola, Ida e Nellie estavam à janela mais distante de Miss Wilder. A professora devia ter compreendido que Nellie revelara o segredo.

Nellie ficou furiosa. Quis saber quem escrevera os versos, mas Ida não lhe disse e nenhuma das outras diria. Sem dúvida que o seu irmão, Willie, sabia ou viria a descobrir. Depois dir-lhe-ia e ela diria a Miss Wilder.

Depois da escola, nessa noite, e novamente no sábado, ouviram-se os rapazes cantar os versos. Com um tempo limpo como aquele, estavam todos fora de casa. Laura quase agradeceria uma nevasca, para que ficassem, fechados em casa. Nunca se sentira tão envergonhada, pois espalhara a mexeriquice de Nellie mais do que a própria Nellie teria sido capaz. Censurava-se a si própria, mas ainda censurava mais Miss Wilder. Se a professora tivesse sido razoavelmente justa com Carrie, ela nunca se teria metido em semelhantes apuros.

Nessa tarde, Maria Power foi visitá-la. Era frequente, nas tardes de sábado, Maria e Laura visitarem-se e trabalharem juntas. Sentaram-se na agradável e soalhenta sala da frente.

Laura estava a fazer uma romeira de croché de macia lã branca, para o presente de Natal de Maria, no colégio, e Maria Power, estava a tricotar uma gravata de seda para o pai. A mãe balançava-se na cadeira e tricotava, e às vezes lia-lhes passagens interessantes do seu jornal da igreja, The Advance. Graça brincava por ali e Carrie cosia uma cobertura de nove bocados.

Eram umas tardes muito agradáveis. O sol de Inverno entrava pela janela e a sala estava agradavelmente aquecida pelo aquecedor a carvão. A Bichana, já uma gata grande, ronronava preguiçosamente ao sol, num tapete de trapos, ou arqueava-se contra a porta, a pedir com um miau que a deixassem sair para ver os cães.

A Bichana tornara-se famosa na cidade. Era uma gata tão bonita, de um azul e branco tão limpo, de corpo esbelto e cauda comprida,

116 - 117

que toda a gente gostaria de lhe fazer festas. Mas ela era uma gata de uma só família, e só essa lhe podia tocar. Quando outra pessoa qualquer parava para a afagar, ela rosnava e saltava de garras estendidas para a cara do incauto. Geralmente, havia alguém que gritava, a tempo: «Não toque nessa gata!» Gostava de se sentar no degrau da frente, a admirar a cidade. Rapazes, e às vezes até homens, lançavam um cão novo contra ela, para se divertirem. A Bichana continuava placidamente sentada, enquanto o cão rosnava e ladrava, mas estava sempre preparada. Quando o cão atacava, ela saltava com um miado de gelar o coração e aterrava com todas as garras saídas no lombo do cão, que se apressava a ir embora.

Os cães pareciam setas, com a Bichana silenciosamente empoleirada no lombo. Quando a gata achava que estava suficientemente longe de casa, saltava da boleia, mas o cão continuava disparado. Então a Bichana regressava a casa de cauda orgulhosamente erguida. Só um cão novo se deixava lançar contra ela'. Nada podia causar maior prazer do que aquelas tardes de sábado, em que a amizade de Maria Power tornava ainda mais agradável o aconchego do lar e a Bichana podia fornecer interessante distração. Mas agora Laura nem isso era capaz de saborear como devia ser. Temia ouvir os rapazes cantarem os horríveis versos e tinha um peso no peito.

«Devia confessar tudo ao pai e à mãe», pensava. E voltava a sentir uma fúria descontrolada contra Miss Wilder. Não tivera intenção de fazer mal nenhum quando escrevera aqueles versos, e escrevera-os no recreio e não nas horas de aula. Era difícil explicar. Talvez, como a mãe dissera, tudo acabasse por esquecer. Mas também era possível que naquele momento alguém estivesse a contar ao pai.

Maria Power também estava perturbada. Enganavam-se ambas no trabalho e tinham de desmanchar pontos. Nunca tinham conseguido fazer tão pouco numa tarde de sábado. Nenhuma delas disse uma palavra acerca da escola, que perdera todo o encanto. Não tinham pressa nenhuma de que chegasse a manhã de segunda-feira.

Essa manhã de segunda-feira foi a pior de todas. Ninguém fingia, sequer, estudar. Os rapazes assobiavam, gritavam e brigavam nas coxias. Todas as alunas mais novas, tirando Carrie, segredavam, davam risadinhas e até passavam de carteira para carteira. O «Silêncio, por favor!» de Miss Wilder mal se ouvia.

Bateram à porta. Laura e Ida, que estavam mais perto da porta, ouviram-no. Entreolharam-se e quando bateram de novo Ida levantou a mão. Miss Wilder não lhe prestou atenção.

118

De súbito, soou uma pancada forte na porta interior do vestíbulo. Dessa vez toda a gente ouviu. A porta abriu-se e o barulho transformou-se em silêncio. A sala

tornou-se completamente silenciosa quando o pai de Laura entrou. Atrás dele entraram dois homens que Laura não conhecia.

— Bons dias, Miss Wilder — cumprimentou o pai. — A junta escolar achou que era altura de visitar a escola.

— É de facto tempo de fazer alguma coisa — redarguiu Miss Wilder.

Depois corou e empalideceu, disse «bons dias» aos outros dois homens e convidou-os, juntamente com o pai de Laura, para a frente da sala. Eles pararam, a observar.

Todos os alunos estavam perfeitamente quietos. O coração de Laura galopava.

— Constou-nos que tem tido uns pequenos problemas — disse o homem alto e solene, em tom grave, mas amável.

— É verdade, e sinto-me muito grata por esta oportunidade de lhes relatar os factos — respondeu Miss Wilder, irritada. — É Laura Ingalls quem causa todos os problemas desta escola. Julga que pode mandar na escola, lá porque o pai pertence à junta escolar. Sim, Sr. Ingalls, é verdade! Vangloria-se de que pode mandar na escola. Não imaginava que eu viesse a sabê-lo, mas soube! — lançou a Laura um olhar de irritado triunfo.

Laura estava pasmada. Nunca pensara que Miss Wilder fosse capaz de mentir.

— Lamento ouvi-la dizer isso, Miss Wilder — declarou o pai de Laura. — Estou certo de que Laura não tencionava causar problemas.

Laura levantou a mão, mas o pai abanou levemente a cabeça.

— É também ela que instiga os rapazes a serem indisciplinados. É esse o único mal deles. Laura Ingalls incita-os a toda a espécie de maldades e desobediência. O pai de Laura olhou para Charley e os seus olhos brilharam.

— Meu rapaz, ouvi dizer que foste castigado por te sentares num alfinete dobrado.

— Oh, não senhor! — respondeu Charley, que parecia uma imagem da inocência.

— Não fui castigado por me sentar nele e, sim, por me levantar dele.

O membro brincalhão da junta escolar disfarçou subitamente uma gargalhada com um ataque de tosse. Até o bigode do homem solene estremeceu. Miss Wilder ficou escarlate. O pai de Laura permaneceu perfeitamente sério. Mais ninguém teve vontade de sorrir.

119

Lentamente, e a pesar bem as palavras, o pai de Laura disse:

— Desejamos que saiba, Miss Wilder, que a junta escolar está consigo na vontade de manter a ordem nesta escola. — Olhou severamente para toda a classe e acrescentou: — Todos vós, alunos, deveis obedecer a Miss Wilder, comportar-vos bem e aprender as lições. Queremos uma boa escola e vamos tê-la.

Quando falava assim, o pai de Laura falava muito a sério e o que dizia era para se cumprir.

Reinou silêncio na sala, um silêncio que se prolongou depois de a junta escolar se despedir de Miss Wilder e sair. Ninguém se mexeu nem cochichou. Todos os alunos estudaram, sossegadamente, e classe após classe recitou diligentemente a sua lição.

Em casa, Laura também andou silenciosa, sem saber o que o pai lhe iria dizer.

Não lhe competia a ela falar do que acontecera enquanto ele não falasse. O pai só

falou depois de lavada a louça e quando estavam todos sentados, para o serão, à volta do candeeiro.

Então o pai pousou o jornal e disse, devagar:

— É tempo de explicares o que disseste a alguém que possa ter dado a Miss Wilder a ideia de que pensavas que podias mandar na escola por eu fazer parte da junta escolar.

— Nunca disse tal coisa, nem disse, nem pensei — respondeu Laura, veemente.

120

— Eu sei que não. Mas houve qualquer coisa que lhe deu a ela essa ideia. Vê se te lembras do que poderá ter sido.

Laura tentou pensar. Não estava preparada para aquela pergunta, pois mentalmente estivera a defender-se e a declarar que Miss Wilder tinha dito uma mentira, sem procurar a razão que levava Miss Wilder a dizê-la.

— Falaste a alguém a respeito de eu fazer parte da junta? — tentou o pai ajudá-la. Nellie Oleson falara frequentemente disso, mas Laura só desejara que ela se calasse. Depois lembrou-se da briga em que Nellie quase a esbofeteara.

— Nellie Oleson disse-me que Miss Wilder lhe tinha dito que o Pá não tinha grande coisa a dizer a respeito da escola, apesar de pertencer à junta escolar. E eu disse...

Na ocasião estava tão zangada que era difícil recordar-se, agora, do que respondera, exactamente.

— Eu disse que o Pá tinha tanto a dizer a respeito da escola como qualquer outro. E acrescentei: «É uma pena o teu pai não ter uma casa na cidade. Se vocês não fossem apenas camponeses, talvez o teu pai pudesse pertencer à junta escolar.»

— Oh, Laura, isso enraiveceu-a! — exclamou a mãe, tristemente.

— Era o que eu queria — declarou Laura. — Queria que ficasse furiosa. Quando vivíamos em Plum Creek, ela andava sempre a trovar da Maria e de mim por sermos camponesas. Agora já sabe como é.

— Laura, Laura! — protestou a mãe, angustiada. — Como podes ser tão rancorosa? Isso foi há anos.

— E ela também foi atrevida consigo. E má com o Jack — disse Laura, com as lágrimas a picar-lhe os olhos.

— Não te preocupes com isso — disse o pai. — O Jack era um bom cão e já teve a sua recompensa. O caso é que a Nellie desvirtuou o que tu disseste e contou-o como entendeu a Miss Wilder, daí resultando todos estes aborrecimentos. — Pegou de novo no jornal. — Bem, Laura, talvez tenhas aprendido uma lição valiosa. Lembra-te de que um cão que vai buscar um osso tem de carregar com um osso.

Durante um bocado, houve silêncio e Carrie recomeçou a estudar a lição de leitura. Depois a mãe disse:

— Se fosses buscar o teu álbum, Laura, gostaria de lá escrever uma coisa.

Laura foi buscar o álbum ao andar de cima e a mãe sentou-se à secretária e escreveu cuidadosamente, com a sua pequena caneta de madrepérola. Secou muito bem a página, por cima do candeeiro, e devolveu o álbum a Laura.

Laura leu, na lisa página cor de creme, na caligrafia fina da mãe:

Se os caminhos da sabdoria sensatamente procuras,
cinco coisas deves com cuidado observar:

A quem falas,
de quem falas,
como, quando e onde.

tua mãe afectuosa,

C. Le Ingalls

Smet, 15 de novembro de 1881

CAPÍTULO XVI - CARTÕES COM O NOME.

Depois de todos os preparativos para o Inverno, parecia que não haveria Inverno. Os dias estavam claros e soalheiros e o chão gelado estava limpo de neve. O período escolar do Outono terminou e Miss Wilder voltou para o Minesota. O novo professor, Sr. Clewett, era sereno, mas firme, um bom disciplinador. Agora não se ouvia um som na escola, a não ser as vozes baixas das diversas classes a recitar as lições, e nas filas de carteiras todos os alunos estudavam diligentemente.

Todos os rapazes crescidos tinham voltado. Cap Garland estava presente, com o rosto bronzeado de um tom castanho-avermelhado-escuro, e o seu cabelo claro e os seus claros olhos azuis pareciam quase brancos. O seu sorriso ainda brilhava com a rapidez do relâmpago e mais quente do que o sol. Todos se lembravam de que ele fizera a terrível viagem com Almanzo Wilder, no Inverno anterior, para trazer o trigo que os salvara a todos de morrer de fome. Compareceram igualmente Ben Woodworth, Fred Gilbert — cujo pai trouxera o último correio antes de os comboios pararem — e Arthur Johnson, irmão de Minnie. Continuava a não nevar. Ao intervalo para o almoço os rapazes jogavam basebol e as raparigas crescidas já não brincavam fora da escola.

Nellie trabalhava no seu croché. Ida, Minnie e Maria Power paravam à janela, a ver os jogos de bola. Às vezes, Laura ia para junto delas, mas geralmente ficava na carteira a estudar. Sentia uma pressa, quase um medo de não passar nos exames e obter o certificado de professora, quando tivesse dezasseis anos. Já tinha quase quinze.

— Anda, Laura. Vem ver este jogo de bola — pediu-lhe Ida, uma tarde. — Tens um

ano inteiro para estudar, antes de precisares de saber tanto.

Laura fechou o livro, feliz por as amigas desejarem a sua companhia. Nellie sacudiu desdenhosamente a cabeça e disse:

— Ainda bem que não preciso de ser professora. Os meus pais conseguem arranjar-se sem eu ter de trabalhar.

Com um esforço, Laura conservou a voz baixa e respondeu suavemente:

— Claro que não precisas, Nellie; mas, compreendes, nós não somos parentes pobres ajudados pela nossa família do Leste.

Nellie ficou tão furiosa que gaguejou ao tentar falar e Maria Power interrompeu-a friamente:

— Se a Laura quer ensinar, não me parece que isso seja da conta de ninguém.

Ela é inteligente, será uma boa professora.

— Claro — confirmou Ida. — Ela está muito à frente de... Deixou a frase por terminar, porque a porta se abriu e Cap Garland entrou. Vinha directamente da cidade e tinha na mão um embrulhinho de papel às riscas.

— Olá, pequenas — cumprimentou a olhar para Maria Power, e o seu sorriso iluminou-se ao estender-lhe o pacotinho. — Queres um chupa?

Nellie foi desembaraçada.

— Oh, Cappie! — exclamou, e tirou-lhe o pacotinho da mão. — Como adivinhaste que eu gostava tanto de chupas? E os melhores da cidade! — Sorriu ao rapaz com uma expressão que Laura nunca lhe vira e Cap pareceu primeiro assustado e depois acanhado. — Vocês querem? — ofereceu Nellie generosamente a cada uma das colegas e depois de tirar um chupa para si meteu o pacotinho na algibeira da saia.

Cap olhou suplicante para Maria Power, mas ela sacudiu a cabeça e olhou para outro lado. Atrapalhado, ele tartamudeou:

— Ainda bem que gostaste. — E saiu para ir jogar à bola.

No dia seguinte, ao meio-dia, voltou a trazer chupas. Tentou dá-los a Maria Power, e Nellie foi, mais uma vez, demasiado rápida.

— Oh, Cappie, és um grande querido, por me trazeres mais doces — disse, a sorrir, e desta vez afastou-se um bocadinho das outras, só com olhos para Cap. — Não quero ser uma gluttona e comê-los todos. Tira um bocado, Cappie — convidou.

O rapaz tirou um chupa e ela comeu rapidamente o resto todo, enquanto murmurava que ele era uma simpatia e muito alto e forte.

Cap pareceu atrapalhado, mas ao mesmo tempo satisfeito.

124

Laura compreendeu que ele nunca seria capaz de levar a melhor sobre Nellie. E Maria Power, pelo seu lado, era demasiado orgulhosa para entrar em competição com ela. Furiosa, Laura perguntou a si mesma se uma rapariga como Nellie poderia apoderar-se sempre do que queria. E não se tratava só dos doces. Até o Sr. Clewett tocar a sineta, Nellie manteve Cap a seu lado e a escutá-la. As outras fingiram não reparar neles, Laura pediu a Maria Power que escrevesse no seu livro de autógrafos. Todas as raparigas andavam a escrever nos álbuns umas das outras. Menos Nellie, que não tinha álbum de autógrafos.

Maria Power sentou-se na carteira e, cuidadosamente, começou a escrever a tinta, enquanto as outras esperavam, para ler os versos quando ela terminasse. A sua caligrafia era bonita e os versos escolhidos não-o eram menos:

A rosa do vale pode fenecer,
Da juventude os prazeres passarão,
Mas a amizade sempre há-de florescer,
Enquanto todas as outras flores murcharão.

O álbum de Laura já tinha muitos tesouros. Tinha os versos que a mãe escrevera e, na página seguinte, os de Ida:

No cofre de ouro da recordação Guarda uma pérola por mim, A tua amiga do coração,

Ida B. Wright.

De vez em quando, Cap olhava-as desalentadamente, por cima do ombro de Nellie, mas elas não lhe prestavam nenhuma atenção, nem a ele nem a ela. Minnie Johnson pediu a Laura que escrevesse no seu álbum e Laura respondeu-lhe: «Escrevo, se escreveres no meu.»

— Farei o possível, mas não sei escrever tão bem como a Maria. Ela escreve lindamente — disse Minnie, e sentou-se a escrever:

Quando o nome que escrevo aqui Já mal se puder ler E as folhas do teu álbum Estiverem pelo tempo a amarelecer,

125

Continua a pensar ternamente Em mim e não esqueças Que esteja onde estiver Me lembrarei de ti eternamente.

Minnie Johnson.

A sineta tocou e foram todos para os seus lugares. No recreio dessa tarde, Nellie desdenhou dos livros de autógrafos. ;

— Estão fora de moda — sentenciou. — Já tive um, mas agora não quero essa velharia para nada. — Ninguém a acreditou, claro. — No Leste, de onde vim, a grande moda agora são os cartões com nomes.

— Que é isso? — perguntou Ida.

Nellie fingiu-se surpreendida e depois sorriu:

— Claro que não podes saber. Trarei os meus para a escola e mostrar-te-ei, mas não te darei nenhum, porque tu não tens para dar também. É moderno trocar cartões com o nome. No Leste, anda toda a gente a trocá-los.

Não a acreditaram. Os álbuns de autógrafos não podiam estar fora de moda, porque eram quase novos. A mãe trouxera o de Laura de Vinton, loba, apenas em Setembro passado. Quando iam para casa, depois da escola, Minnie Johnson

disse:

— Ela estava só a vangloriar-se. Não acredito que tenha cartões com o nome, nem que haja tal coisa.

Mas na manhã seguinte ela e Maria Power estavam tão ansiosas por ver Laura que esperaram que ela saísse de casa. Maria Power sabia novidades acerca dos cartões com o nome. Jake Hopp, que dirigia o jornal, tinha-os no escritório, ao lado do banco. Eram cartões coloridos, com desenhos de cores de pássaros e flores, e o Sr. Hopp imprimia neles o nome da pessoa que quisesse comprá-los.

— Não acredito que Nellie Oleson os tenha — insistiu Minnie. — Calhou a descobri-los antes de nós, tenciona arranjar alguns e fingiu que vêm do Leste.

— Quanto custam? — perguntou Laura.

— Depende dos desenhos e do tipo de impressão das letras — respondeu-lhe Maria. — Encomendei uma dúzia, com letras simples, por vinte e cinco centimos. Laura não disse mais nada. O pai de Maria Power era o alfaiate da cidade e tinha trabalho todo o ano, mas agora não havia trabalho de carpinteiro na cidade, nem haveria antes da Primavera. O pai tinha de alimentar cinco pessoas em casa e de manter a Maria no colégio.

126

Era loucura pensar, sequer, em gastar vinte e cinco centimos por simples prazer. Nellie não levava os cartões com o nome naquela manhã. Minnie perguntou-lhe, assim que se reuniram à volta do fogão, onde ela estava a aquecer as mãos depois da longa e fria caminhada para a escola.

— Oh, esqueci-me por completo! — exclamou. — Tenho de atar um cordelinho ao dedo para me lembrar.

O olhar que Minnie lançou a Maria Power e a Laura significava: «Eu não lhes disse?»

Ao meio-dia, Cap voltou a trazer doces e, como de costume, Nellie estava mais perto da porta. Começou a exclamar, afectada: «Oh, Cappie!», mas, quando ia a deitar a mão ao embrulhinho de doces, Laura antecipou-se-lhe, tirou-lho da mão, surpreendida, e entregou-o a Maria Power.

Ficou toda a gente estupefacta, até Laura. Mas depois o sorriso de Cap inundou-lhe o rosto todo e ele olhou gratamente para Laura e depois para Maria.

— Obrigada — agradeceu-lhe Maria. — Vamos apreciar todas muito os doces. — Ofereceu o pacotinho às outras, enquanto, ao sair para jogar à bola, Cap lançava para trás um sorriso de contentamento.

— Come um bocado, Nellie — convidou Maria.

— Ah, pois como! — Nellie tirou o bocado maior. — Gosto dos doces do Cap, mas quanto a ele... pf!, podes ficar com o labreguito.

Maria Power corou, mas não respondeu. Laura sentiu a sua própria cara esquentar e não se conteve:

— Creio que te serviria muito bem se pudesses apanhá-lo. Soubeste sempre que ele trazia os doces para a Maria.

— Ora, poderia fazer dele o que quisesse com o meu dedo pequenino, se estivesse para isso — vangloriou-se Nellie. — Ele não é assim tão importante. Quem desejo conhecer é aquele amigo dele, o jovem Sr. Wilder com um nome

esquisito. Verão — acrescentou, a sorrir —, ainda hei-de passear puxada pelos cavalos dele!

Sim, com certeza que passearia, pensou Laura. Nellie entendera-se tão bem com Miss Wilder que até admirava que o irmão da professora ainda a não tivesse convidado para um passeio. Quanto a si, Laura sabia que estragara qualquer possibilidade de tal prazer.

Os cartões de Maria Power ficaram prontos na semana seguinte e ela levou-os para a escola. Eram lindos. De um verde muito claro, com um passarinho a balouçar-se e a cantar num ramo florido. Em baixo estava impresso, em letras pretas: maria power.

127

Maria deu um a Minnie, outro a Ida e outro a Laura, embora elas não tivessem para lhe retribuir.

Nesse dia, Nellie levou os seus para a escola. Eram amarelo-claros, com um raminho de amores-perfeitos e um arabesco onde se lia: «Pensa em mim.» O nome estava impresso em letras que pareciam caligrafia. Nellie trocou um com Maria.

No dia seguinte, Minnie disse que também ia comprar alguns. O pai tinha-lhe dado o dinheiro e ela encomendá-los-ia depois da escola, se as outras fossem com ela. Ida não podia ir. Disse, alegremente:

— Não posso perder tempo. Como sou filha adoptiva, tenho de ir depressa para casa, a fim de ajudar o mais possível na lida caseira. Também não posso pedir que me comprem cartões com o nome. o pai Brown é pregador e semelhantes coisas são uma vaidade para ele. Por isso, limitar-me-ei a admirar os teus quando os trouxeres, Minnie.

— Não é uma jóia? — perguntou Maria Power, depois de Ida as deixar.

Ninguém podia evitar de gostar de Ida. Laura gostaria de ser como ela, mas não era. Secretamente, desejava tanto ter cartões com o nome que quase sentia inveja de Maria Power e de Minnie.

No escritório do jornal, o Sr. Hopp, com o seu avental manchado de tinta, espalhou os cartões-amostra no balcão, para elas verem. Parecia que cada cartão era mais bonito do que o anterior. E Laura foi suficientemente má para se sentir contente ao verificar que os de Nellie também constavam do mostruário, o que provava que ela os comprara ali.

Eram todos de lindas cores muito claras e alguns até tinham cercaduras douradas. Podia-se escolher entre seis ramos de flores diferentes e um tinha um ninho aconchegado entre as flores, dois pássaros na beira do ninho e por cima a palavra «Amor».

— Esse é um cartão para um jovem cavalheiro — explicou-lhes o Sr. Hopp. — Só um jovem é suficientemente ousado para entregar um cartão com a palavra «Amor» escrita.

— Claro — murmurou Minnie, corada.

Era tão difícil escolher entre eles, que, por fim, o Sr. Hopp disse:

— Escolham à vontade, sem pressa, que eu vou continuar a trabalhar no jornal. Foi espalhar tinta no tipo e colocar-lhe em cima folhas de papel. Acendeu o

candeeiro antes de Minnie se decidir, finalmente, pelo azul-claro. Depois seguiram apressadas para casa, em virtude de se terem atrasado tanto.

O pai estava a lavar as mãos e a mãe a pôr o jantar na mesa, quando Laura chegou, ofegante.

— Onde estiveste, Laura? — perguntou a mãe, calmamente.

— Desculpe, Ma. Só tencionava demorar-me um bocadinho — explicou Laura, e depois falou-lhes dos cartões com o nome.

Não disse, claro, que também gostaria de os ter. O pai observou que o Jake estava a fazer bom negócio, com tais novidades.

— Quanto custam? — perguntou, e Laura respondeu-lhe que os mais baratos custavam vinte e cinco cêntimos a dúzia.

Eram quase horas de deitar e Laura estava a olhar para a parede e a pensar na Guerra de 1812 quando o pai dobrou o jornal, o pousou na mesa e disse:

— Laura...

— Pá?

— Gostavas de ter alguns desses modernos cartões com o nome, não gostavas?

— Estava a pensar o mesmo, Charles — disse a mãe.

128 - 129

— Bem, lá gostar, gostava — admitiu Laura. — Mas não preciso deles.

Os olhos do pai sorriram-lhe, brilhantes, enquanto tirava algumas moedas da algibeira e escolhia duas moedas de dez cêntimos e uma de cinco.

— Acho que podes tê-los. Meia Canequinha. Aqui tens. Laura hesitou.

— Acha realmente que posso? Podemos comprá-los?

— Laura! — admoestou a mãe. — Estás a questionar o que o pai faz?

— Oh, Pá. obrigada. — agradeceu Laura, muito depressa.

— És uma boa rapariga, Laura — disse a mãe —, e nós queremos que tenhas os prazeres das outras raparigas da tua idade. Amanhã de manhã, antes de a escola começar, se te despachares depressa podes ir encomendar os teus cartões.

Nessa noite, na sua cama solitária, sem Maria, Laura sentiu-se envergonhada.

Não era realmente boa como a mãe, Maria e Mr. Brown. Naquele preciso momento, sentia-se muito feliz por ir ter cartões, não só por serem realmente bonitos, mas também, em parte; mesquinamente, para não ficar atrás de Nellie Oleson, e, em parte por ter coisas tão bonitas como Maria Power e Minnie tinham. O Sr. Hopp prometeu que os cartões ficariam prontos na quarta* -feira ao meio-dia, e nesse dia Laura quase não foi capaz de almoçar. A mãe desculpou-a de lavar a louça e ela foi a correr ao escritório do jornal. Lá estavam, os delicados cartões cor-de-rosa com um raminho de rosas de tom mais carregado e centáureas azuis. O seu nome estava impresso em tipo fino e muito claro: «Laura Elizabetr Ingalls.»

Quase não teve tempo de os admirar, pois não podia chegar atrasada à escola. A um comprido quarteirão da Rua Dois, seguia ela apressada pelo passeio de madeira, quando, de súbito, parou a seu lado um buggy reluzente.

Laura levantou a cabeça, surpreendida por ver os Morgans castanhos. O jovem Sr. Wilder estava parado ao lado do veículo, de boné na mão. Estendeu a outra mão para ela e disse:

— Quer uma boleia até à escola? Chegará mais depressa. Pegou-lhe na mão, ajudou-a a entrar no buggy e entrou ao lado dela. Laura ficou quase muda de surpresa, timidez e prazer por ir realmente ser levada por aqueles bonitos cavalos. Os animais trotaram alegremente, mas muito devagar, com as orelhas pequenas a fremir, à espera da ordem de irem mais depressa.

— Sou... sou Laura Ingalls — disse Laura, e pensou que era uma tolice: claro que ele devia saber quem ela era.

— Conheço o seu pai e tenho-a visto muito por aí — respondeu ele. — A minha irmã falava muito de si.

— Tem uns cavalos tão bonitos! Como se chamam? — Sabia como os animais se chamavam, mas precisava de dizer qualquer coisa.

— A deste lado é a Lady e o outro é o Príncipe.

Laura desejou que ele os deixasse ir mais depressa, tão depressa quanto eles pudessem. Mas não seria delicado pedir.

Pensou em falar do tempo, mas pareceu-lhe idiota.

Não conseguia lembrar-se de nada para dizer, e durante aquele tempo todo só tinham percorrido um quarteirão.

— Fui buscar os meus cartões com o nome — ouviu-se Laura dizer.

— Sim? Os meus são apenas cartões simples. Trouxe-os do Minnesota.

Tirou um da algibeira e estendeu-lho. Conduzia calmamente com uma das mãos, com as rédeas soltas entre os dedos enluvados. O cartão era simples e branco e tinha impresso, em antiga letra inglesa, o nome: «Almanzo James Wilder.»

— É um nome um bocado esquisito — comentou.

Laura tentou pensar em qualquer coisa simpática para dizer a esse respeito, mas só lhe ocorreu:

— É muito fora do vulgar.

— Estava-me destinado — respondeu ele, um pouco carrancudo. — A minha gente tem a mania de que deve haver sempre um Almanzo na família, porque há muito, no tempo das Cruzadas, houve um Wilder que foi combater nelas e um árabe, ou lá o que foi, lhe salvou a vida. Esse homem chama-se El Manzoor. Passado algum tempo, modificaram o nome para inglês, mas não me parece que seja possível melhorá-lo muito.

130 - 131

— Acho que é um nome muito interessante — disse Laura, sinceramente. Pensava realmente assim, mas não sabia que fazer do cartão. Parecia-lhe grosseiro devolver-lho, mas talvez ele não quisesse que ficasse com ele. Segurou-o de maneira que ele pudesse tirá-lo, se quisesse. A parelha contornou a esquina da Rua Dois. Tomada de pânico, Laura perguntou a si mesma se, no caso de ele não querer reaver o seu cartão, deveria dar-lhe um dos dela. Nellie dissera que era apropriado trocar cartões.

Chegou-o um bocadinho mais para junto de Almanzo, para que o pudesse ver bem, mas ele limitou-se a continuar a conduzir.

— Quer... quer que lhe devolva o seu cartão? — perguntou Laura.

— Pode ficar com ele, se quiser.

— Então... quer um dos meus? — tirou um do embrulho e deu-lho.
Ele olhou-o e agradeceu.

— É um cartão muito bonito — disse, ao pô-lo na algibeira. Tinham chegado à escola. Wilder segurou as rédeas, enquanto saltava do buggy, tirava o boné e oferecia a mão para a ajudar a descer. Mas Laura não precisava de ajuda. Mal lhe tocou na luva com a ponta da mitene, ao descer, ligeira, para o chão. — Obrigada pela boleia.

— Não tem de quê.

O cabelo dele não era preto, como Laura pensara, mas sim castanho-escuro. E os seus olhos eram de um azul tão escuro que nem parecia mais claro do que o bronzeado carregado do rosto. Tinha um ar firme, inspirador de confiança, mas ao mesmo tempo alegre.

— Olá, Wilder! — saudou-o Cap Garland, e Almanzo acenou-lhe, em resposta, ao partir. O Sr. Clewett estava a tocar a sineta e os rapazes a entrar, em magote. Quando Laura se instalou no seu lugar, Ida mal teve tempo de lhe dar um apertãozinho no braço e murmurar, encantada:

— Oh, só queria que visses a cara dela quando chegaste no buggy!

Maria Power e Minnie sorriam a Laura, do outro lado da coxia, mas Nellie mantinha os olhos obstinadamente afastados.

132

CAPÍTULO XVII - A REUNIÃO SOCIAL.

Numa tarde de sábado, Maria Power apareceu, ofegante, para visitar Laura. As suas faces estavam rosadas de excitação. A Sociedade Feminina de Auxílio promovia uma reunião social, na noite da próxima sexta-feira, nas salas da Sr.a Tinkham, por cima da loja de móveis. Eram dez cêntimos por pessoa.

— Irei se tu fores, Laura — disse Maria Power. — Oh, Sr.a In-galls, ela pode ir, por favor?

Laura não desejava perguntar o que era uma reunião social a dez cêntimos por pessoa. Apesar de gostar muito de Maria Power, sentia-se em ligeira desvantagem com ela. As roupas de Maria assentavam-lhe maravilhosamente, porque era o pai alfaiate quem lhas fazia, e ela penteava-se à nova moda, com franja.

A mãe disse que Laura podia ir à reunião. Era a primeira vez que ouvia dizer que estava organizada uma Sociedade Feminina de Auxílio.

Para dizer a verdade, os pais de Laura estavam tristemente decepcionados pelo facto de o querido reverendo Alden, de Plum Creek, não ser o pregador. Ele quisera ser e a Igreja mandara-o, mas quando chegara encontrara o reverendo Brown já instalado. Por isso, o querido reverendo Alden partira como missionário para o Oeste despovoado.

Claro que os pais de Laura não podiam perder o interesse pela Igreja e a mãe trabalharia na Sociedade Feminina. No entanto, não sentiam o mesmo que sentiriam se o reverendo Alden fosse o pregador.

Laura e Maria Power levaram toda a semana seguinte à espera da reunião social. Como custava dez cêntimos, Minnie e Ida duvidavam que pudessem ir. E Nellie

declarou que, francamente, não lhe interessava.

133

A sexta-feira pareceu nunca mais acabar, para Maria Power e Laura, tão impacientes estavam pela chegada da noite. Nessa noite, Laura não tirou o vestido da escola. Em vez disso, pôs um avental comprido e pregou o peitilho debaixo do queixo. Jantaram cedo e, assim que lavou a louça, Laura começou a preparar-se para a reunião.

A mãe ajudou-a a escovar cuidadosamente o vestido, que era de fazenda de lã castanha e feito no estilo princesa. A gola era uma tira alta e apertada sob o queixo de Laura, e a saia chegava-lhe à orla das botinas. Era um vestido muito bonito, com debruns vermelhos à volta dos punhos e da gola. Os botões, de alto a baixo da frente do corpo, eram de chifre castanho com um minúsculo castelinho no centro.

De pé diante do espelho da sala da frente, onde estava o candeeiro, Laura escovou e entrançou cuidadosamente o cabelo, pô-lo para cima e depois novamente para baixo. Não conseguia arranjá-lo a seu gosto.

— Oh, Ma, gostava que deixasse cortar uma franja! — quase suplicou. — A Maria Power usa franja, que está tão na moda.

— O teu cabelo fica bem como está — respondeu a mãe. — A Maria Power é boa rapariga, mas eu acho que a nova moda merece bem o nome de «franja de maluca» que lhe dão.

— O teu cabelo está lindo, Laura — consolou-a Carrie. — É de um castanho muito bonito, tão comprido e basto, e brilha à luz.

Mas Laura continuou a olhar, desconsolada, para a sua imagem. Pensava nos cabelos curtos que estavam sempre a crescer-lhe à volta da testa. Não se viam, quando os escovava para trás, mas desta vez penteou-os todos para baixo.

Formavam uma pequena franja.

— Oh, Ma, por favor! — suplicou. — Eu não cortaria uma franja grande, como a da Maria Power, mas, por favor, deixe-me cortar só um bocadinho mais, para os poder encracolar à volta da testa.

— Está bem, pronto — consentiu a mãe.

Laura foi buscar a tesoura ao cesto de costura da mãe e, de pé defronte do espelho, cortou o cabelo por cima da testa, a formar uma franja estreita, de cerca de cinco centímetros. Pusera a comprida pena da ardósia no aquecedor e quando a achou suficientemente quente pegou-lhe pela ponta fria e enrolou madeixas do cabelo curto à ponta aquecida. A segurar bem cada madeixa à roda da pena, foi encracolando a franja toda.

O resto do cabelo penteou-o bem liso para trás e entrançou-o.

134

Depois enrolou a comprida trança a parte de trás da cabeça e prendeu-a com ganchos.

— Volta-te e deixa-me ver-te — disse a mãe. Laura obedeceu.

— Gosta, Ma?

— Fica-te bem — admitiu a mãe. — No entanto, gostava mais como estava antes.
— Vira-te para este lado e deixa-me ver-te — pediu o pai. Olhou um longo momento e os seus olhos brilharam de contentamento.
— Bem, se tens de usar essa «franja de maluca», ainda bem que não te fica mal — comentou o pai, e voltou a ler o jornal.
— Acho bonita — disse Carrie, docemente. — Estás muito bem. Laura vestiu o casaco castanho e pôs cuidadosamente a touca de pala, de fazenda castanha forrada de azul. As orlas castanhas e azul dos tecidos estavam pespontadas e a touca tinha umas abas compridas, que se enrolavam ao pescoço como um cachecol.
Laura lançou mais uma olhadela ao espelho. As suas faces estavam rosadas de excitação e a franja encaracolada ficava-lhe realmente bem — e à moda — sob o forro azul da touca, que lhe tornava os olhos muito azuis.
A mãe deu-lhe dez cêntimos e disse-lhe:
— Passa um serão agradável, Laura. Tenho a certeza de que te não esquecerás das tuas maneiras.

135

— Achas melhor levá-la até à porta, Carolina? — perguntou o pai.
— Ainda é cedo, é só atravessar a rua e ela vai com a Maria Power — respondeu a mãe.
Laura saiu para a noite escura e estrelada, com o coração a bater depressa. A sua respiração fazia nuvenzinhas brancas no ar gelado. A luz de candeeiros projectava manchas luminosas no passeio, defronte da loja de ferragens e da drogaria, e por cima da loja de móveis às escuras brilhavam duas janelas. Maria Power saiu da loja de alfaiate e subiram juntas a escada exterior que ficava entre a alfaiataria e a loja de móveis.
Maria Power bateu à porta e a Sr.a Tinkham abriu. Era uma mulher pequenina, de vestido preto com folhos de renda branca no pescoço e nos punhos. Deu boas-noites e aceitou os dez cêntimos de Maria Power e os de Laura. Depois disse:
— Venham por aqui, para deixarem os agasalhos.
Laura passara a semana toda impaciente por saber o que era uma reunião social. E agora chegara o momento e ela estava ali. Encontravam-se diversas pessoas sentadas numa sala iluminada, e ela sentiu-se embaraçada ao passar por elas, enquanto seguia apressadamente a Sr.a Tinkham a um pequeno quarto. Ela e Maria Power puseram os casacos e as toucas em cima da cama. Depois, silenciosamente, sentaram-se em cadeiras na sala maior.
O Sr. e a Sr.a Johnson estavam sentados um de cada lado da janela, que tinha cortinas de cambraia as pintas e, defronte, uma mesa de centro polida, com um grande candeeiro de vidro com chaminé de porcelana branca enfeitada com rosas vermelhas. Ao lado do candeeiro estava um álbum de fotografias de pelúcia verde. Uma alegre carpete florida cobria o chão todo. No meio da carpete estava um aquecedor alto e reluzente, com portinholas de mica. As cadeiras à volta das paredes eram todas de madeira polidas. O Sr. e Sr.a Woodworth estavam sentados num sofá com espaldar e extremidades altas e de madeira reluzente e assentos de uma crina preta e brilhante.

Só as paredes de tábuas eram como as da sala da frente da casa de Laura e estavam cheias de quadros que representavam pessoas e lugares que ela não conhecia. Alguns tinham largas e pesadas molduras douradas. Claro que o Sr. Tinkham era dono da loja de móveis.

Florença, a irmã mais velha de Cap Garland, estava presente, com a mãe. Também estavam presentes a Sr.a Beardsley e a Sr.a Bradley, esta a mulher do droguista. Estavam todas apertadas e silenciosas.

136

Maria Power e Laura também não falaram. Não sabiam o que dizer. Alguém bateu à porta. A Sr.a Tinkham apressou-se a ir abrir e entraram o reverendo e a Sr.a Brown. A voz forte do pregador encheu a sala, a cumprimentar toda a gente, e depois conversou com a Sr.a Tinkham a respeito do lar que deixara no Massachusetts.

— Não se parecia muito com este lugar — disse o reverendo. — Mas aqui todos nós somos estranhos.

O pregador fascinava Laura, que não gostava dele. O pai dizia que se reclamava primo de John Brown Ossawatimie, que matara tantos homens no Kansas e acabara por levar ao desencadeamento da Guerra Civil. O reverendo Brown parecia exactamente o retrato de John Brown do livro de História de Laura. Tinha rosto largo e ossudo. Os seus olhos, profundamente mergulhados nas órbitas sob as hirsutas sobrancelhas brancas, brilhavam ardentemente, mesmo quando sorria. O casaco dançava-lhe no corpo grande e as mãos, que saíam das mangas, eram grandes, grosseiras e tinham os nós dos dedos muito salientes. Apresentava-se mal arranjado. À volta da boca, a comprida barba branca estava manchada de amarelo, como se deixasse escorrer suco de tabaco.

Falava muito e, depois da sua chegada, os outros falaram mais, também — menos Maria Power e Laura. As duas raparigas tentavam estar quietas, cortesmente, mas de vez em quando tinham de se mexer. Decorreu muito tempo antes da Sr.a Tinkham começar a trazer pratos da cozinha. Em cada prato havia um pires pequeno, de pudim de baunilha, e uma fatia de bolo.

Depois de comer, Laura disse baixinho a Maria Power:

— Vamos para casa. E Maria respondeu:

— Anda, vamos!

Puseram os pratos vazios numa pequena mesinha que estava perto, vestiram os casacos e puseram as toucas e despediram-se da Sr.a Tinkham.

De novo na rua, Laura respirou fundo.

— Ufa! Se aquilo era uma reunião social, não gosto de reuniões sociais!

— Nem eu — concordou Maria Power. — Estou arrependida de ter ido. Preferia ter os dez cêntimos.

O pai e a mãe levantaram a cabeça, surpreendidos, quando Laura entrou, e Carrie perguntou, ansiosamente:

— Divertiste-te, Laura?

— Não, não me diverti — teve Laura de admitir.

137

— A Má é que devia ter ido, em meu lugar. A Maria Power e eu éramos as únicas raparigas e não tínhamos ninguém com quem falar.

— Tratou-se apenas da primeira reunião social — desculpou a mãe. — Quando as pessoas daqui estiverem melhor relacionadas, as reuniões sociais serão, com certeza, mais interessantes. Sei, pelo que leio em *The Advance*, que as reuniões sociais da Igreja são muito apreciadas.

138

CAPÍTULO XVIII - SERÕES LITERÁRIOS.

O Natal aproximava-se e continuava a não haver neve. Não houvera uma única nevasca. De manhã, o chão apresentava uma espécie de penugem de geada branca, que desaparecia mal o Sol nascia. Quando Laura e Carrie iam apressadas para a escola, só a parte de baixo do passeio e a sombra das lojas ainda conservavam alguma geada. O vento mordia-lhes o nariz e gelava-lhes as mãos enluvadas e elas nem tentavam falar através dos cachecóis.

O vento tinha um som desolado, o sol era fraco e no céu não se viam aves. Na interminável e soturna pradaria a erva caía, morta. A escola parecia velha, cinzenta e cansada.

Dir-se-ia que o Inverno nunca começaria e nunca acabaria. Não acontecia nada, nunca, além de ir para a escola e regressar a casa, lições na escola e lições em casa. O dia de amanhã seria igual ao de hoje e Laura tinha a impressão de que em toda a sua vida não haveria mais nada além de estudar e ensinar. Nem o Natal seria um verdadeiro Natal, sem Maria.

Laura supunha que o livro de poemas ainda estava escondido na gaveta da cómoda da mãe. Todas as vezes que passava pela cómoda, ao cimo da escada, no quarto da mãe, pensava no livro e no poema que não acabara de ler.

«Coragem!», disse ele e apontou para terra. Esta onda crescente em breve nos empurrará para terra.» Pensara esse mesmo pensamento tantas vezes que perdera o encanto. E até a esperança de receber o livro, no Natal, deixara de ser emocionante.

Chegou de novo a noite de sexta-feira. Laura e Carrie lavaram e limparam a louça, como de costume, e como de costume levaram os livros para a mesa iluminada. O pai estava na sua cadeira, a ler o jornal. A mãe balançava-se devagarinho e as suas agulhas de tricotar

139

entrechocavam-se, como sempre. Como de costume, Laura abriu o livro de História.

De súbito, não pôde suportar mais. Empurrou a cadeira para trás, fechou o livro e bateu com ele na mesa. O pai e a mãe sobressaltaram-se e olharam-na, surpreendidos.

— Não me importo! — gritou. — Não quero estudar! Não quero aprender! Não

quero ensinar, nunca!

A mãe olhou-a o mais severamente que era capaz.

— Laura! Sei que não serias capaz de praguejar, mas perder a tramontana e bater com as coisas é tão mau como dizer as palavras. Que não haja mais pragas mudas.

Laura não respondeu.

— Que se passa, Laura? — perguntou o pai. — Por que motivo não queres aprender e ensinar?

— Oh, não sei! — respondeu Laura, desesperada. — Estou tão cansada de tudo! Queria... queria que acontecesse qualquer coisa. Queria ir para o Oeste. Creio que quero apenas brincar e sei que sou muito crescida para isso. — Quase soluçou, coisa que nunca fazia.

— Francamente, Laura! — exclamou a mãe.

— Não te preocupes — disse o pai, apaziguadoramente. — Tens estudado de mais, é só isso.

— Sim, guarda os livros por esta noite — concordou a mãe. — No último maço de Youth's Companions ainda há algumas histórias que não lemos. Podes ler-nos uma, Laura. Não gostarias?

— Sim, Mãe — respondeu Laura, desanimada.

Nem sequer ler uma história era o que lhe apetecia. Não sabia o que queria, mas sabia que, fosse o que fosse, não poderia tê-lo. Foi buscar os Youth's Companions e puxou outra vez a cadeira para a mesa.

— Escolhe a história que quiseres, Carrie — pediu.

Leu alto, pacientemente, enquanto Carrie e Graça escutavam de olhos muito abertos e a mãe se balançava na cadeira e as suas agulhas se entrechocavam. O pai tinha ido ao outro lado da rua, passar o serão a conversar com os homens à volta do fogão da loja de ferragens do Sr. Fuller.

De súbito, a porta abriu-se e o pai entrou, a dizer:

— Ponham as toucas, Carolina e pequenas! Há uma reunião na escola!

— Mas que... — começou a mãe.

— Vai toda a gente! — interrompeu-a o pai. — Vamos formar uma sociedade literária.

A mãe pôs a malha de lado.

140

— Laura e Carrie, agasalhem-se enquanto eu embrulho a Graça. Num instante, ficaram prontas para seguir a lanterna acesa do pai. Quando a mãe apagou o candeeiro, o pai pegou-lhe:

— É melhor levá-lo; precisaremos de luz na escola — explicou.

Viam-se outras lanternas vir pela Rua Principal e romper a escuridão da Rua Dois, à frente. O pai chamou o Sr. Clewett, que estava perto e tinha a chave da escola. As carteiras pareciam estranhas à trémula luz das lanternas. Outros também se tinham lembrado de levar candeeiros. O Sr. Clewett acendeu um grande, na sua secretária, e Gerald Fuller pregou um prego na parede e pendurou um candeeiro com um reflector de folha. Tinha fechado a sua loja, para assistir à reunião. Todos os lojistas estavam a fechar as lojas e a dirigir-se para a escola. Quase toda a

gente da cidade comparecia. O candeeiro do pai ajudava as lanternas a iluminar bem a sala de aulas.

As carteiras estavam cheias e havia muitos homens de pé, atrás delas, quando o Sr. Clewett pediu silêncio. Informou que o propósito daquela reunião era organizar uma sociedade literária.

— A primeira coisa a fazer — declarou — é uma lista dos membros. Depois anotarei propostas para um presidente temporário. O presidente temporário será empossado e tratará então de nomear e escolher por votação membros permanentes da direcção.

Ficou toda a gente um pouco desanimada e a sentir-se menos alegre. No entanto, não deixava de ser interessante saber quem podia ser presidente. Foi então que o pai de Laura se levantou do seu lugar e disse:

— Sr. Clewett e concidadãos, viemos aqui em busca de qualquer coisa que nos divirta e anime um pouco. Não parece necessário organizar nada.

»Pelo que me tem sido dado ver, o mal de organizar uma coisa é que, a breve trecho, as pessoas começam a prestar mais atenção à organização do que àquilo para que estão organizadas. Presumo que neste momento estamos mais ou menos de acordo quanto ao que desejamos. Se começamos a organizar e a eleger, é muito provável que concordemos menos quanto a quem deva ser eleito para os cargos. Sugiro por isso que vamos para a frente e façamos o que queremos fazer sem quaisquer cargos disto ou daquilo. Temos o professor, Sr. Clewett, para servir de orientador. Ele que apresente um programa, em todas as reuniões, para a reunião seguinte. Quem tiver uma boa ideia, exponha-a, e quem for encarregado de alguma coisa que dê o seu contributo para os programas, o melhor que puder, e proporcione uns bons momentos a toda a gente.

— Assim é que é, Ingalls! — exclamou o Sr. Clancy.

141

O pai sentou-se. Muitos bateram palmas. O Sr. Clewett disse:

— Quem é a favor diga «Sim!».

Ouviu-se um grande coro de «Sim!», e ficou estabelecido que seria como o pai de Laura propusera.

Por momentos, ninguém soube que fazer a seguir. O Sr. Clewett falou de novo:

—Não temos nenhum programa para esta reunião.

Alguns homens responderam:

— Ora bolas, não vamos já para casa!

O barbeiro sugeriu que se cantasse e alguém perguntou:

— Tem alguns alunos que saibam recitar textos? Que tal, Clewett?

Depois uma voz alvitrou:

— Que tal um desafio de palavras? Houve vários que concordaram logo:

— É isso mesmo! É essa a ideia! Vamos ao desafio de palavras! O Sr. Clewett indicou o pai de Laura e Gerald Fuller como chefes das equipas.

142

Ouviram-se muitos gracejos quando eles ocuparam os dois cantos da frente da sala e começaram a chamar nomes.

Laura estava sentada, ansiosamente à espera. Os adultos foram escolhidos primeiro, claro. Levantaram-se um por um e as duas filas foram-se tornando mais compridas. Laura receou que Gerald Fuller a chamasse antes do pai. Não queria jogar contra o pai. Por fim, houve uma pausa ansiosa. Era a vez de o pai de Laura escolher e, embora ele dissesse uma graça que fez rir toda a gente, Laura compreendeu que estava hesitante. Finalmente, decidiu-se e chamou:

— Laura Ingalls.

Ela apressou-se a ocupar o lugar seguinte na fila do pai. A mãe já lá estava, antes dela. Então Gerald Fuller chamou:

— Foster!

Último dos adultos, o Sr. Foster ocupou na outra fila o lugar equivalente ao de Laura. Talvez o pai o devesse ter escolhido, por ser adulto, mas preferira-a a ela. Com certeza, pensou Laura, o Sr. Foster não devia perceber muito de ortografia. Era um dos colonos que conduziam juntas de bois e no último Inverno saltara estupidamente da égua de Almanzo Wilder, Lady, e deixara-a fugir, enquanto disparava contra a manada de antílopes, apesar de ela não estar ao alcance de tiro.

Rapidamente, os alunos da escola foram escolhidos, até os mais pequenos. As duas filas iam da secretária do professor, a toda a roda das paredes, até à porta. O Sr. Clewett abriu, então, o livro de leitura.

Primeiro, leu as palavras do livro: «Boi, dói, rói, soe, herói...» e apontou para o Sr. Barclay. Confuso, o Sr. Barclay soletrou: «Herói: h-e, he, r-o-e, heroe.» A grande gargalhada que soou surpreendeu-o, mas fez coro com ela e foi sentar-se. Tinha sido o primeiro a cair.

As palavras tornaram-se mais compridas. Foram caindo cada vez mais participantes. Primeiro a fila de Gerald Fuller ficou mais pequena, depois foi a do pai de Laura e, a seguir, novamente a de Gerald Fuller. O riso e a excitação aqueceram toda a gente. Laura estava no seu elemento. Adorava dizer a ortografia das palavras. Com os dedos dos pés numa fenda do chão e as mãos atrás das costas soletrava todas as palavras que lhe calhavam. Saíram quatro do lado inimigo e três do lado do pai e depois chegou a vez de Laura. Respirou fundo e soletrou, sem dificuldade: «Diferenciação: d-i, di; f-e, fe, dife; r-e-n, ren, diferen; c-i-a, cia, diferencia; ç-ã-o, ção, diferenciação!»

Lentamente, quase todos os lugares se encheram de pessoas ofegantes e risonhas, que tinham soletrado mal.

143

Restavam seis na fila de Gerald Fuller e apenas cinco na do pai de Laura: o pai e a mãe, Florência Garland, Ben Woodworth e Laura.

«Repetitivo», disse o Sr. Clewett... e lá se foi mais um do outro lado, deixando os números iguais. A voz branda da mãe soletrou: «Repetitivo: r-e, re; p-e, pe, repe; t-i, ti, repeti; t-i, ti, repetiti; v-o, vo, repetitivo.»

«Mimosáceo», disse o Sr. Clewett. Gerald Fuller soletrou: «Mi-mosáceo: m-i, mi; m-o, mo, mimo; s-á, sá, mimosa; c-i...» Olhou para o Sr. Clewett e tentou de novo:

«c-e... Esta deitou-me abaixo», disse, e foi-se sentar.

«Mimosáceo», disse Florência Garland. «M-i, mi, m-o, mo, mi- , mo, s-á, sá, mimosa, s-s-i...» E tinha sido professora!

A tentativa seguinte deitou mais um do lado de Gerald Fuller abaixo e depois Ben abanou a cabeça e desistiu sem tentar. Laura endireitou-se mais, à espera de soletrar a palavra. À cabeça da outra fila, o Sr. Foster começou: «Mimosáceo: m-i, mi; m-o, mo, mimo; s-á, sá, mimosa; c-e-o, ceo, mimosáceo.»

Soaram fortes aplausos e um homem gritou: «Boa, Foster!» O Sr. Foster despira o seu casaco grosso e estava em mangas de camisa de xadrez, a sorrir, embaraçado. Mas tinha um brilho nos olhos. Ninguém suspeitara de que ele era um brilhante soletrador.

As palavras sucederam-se, rápidas e difíceis, as mais complicadas do fim do livro. Do outro lado, perderam todos menos o Sr. Foster. A mãe perdeu também e só restavam o pai e Laura para vencer o Sr. Foster.

Nenhum deles falhou uma palavra. Num silêncio total, o pai soletrou, o Sr. Foster soletrou, Laura soletrou e depois foi de novo a vez do Sr. Foster. Eram dois contra um, mas parecia que não conseguiriam vencê-lo.

Depois o Sr. Clewett disse «Xantoxiláceas», e era a vez de Laura.

«Xantoxiláceas», disse. Para sua surpresa, sentiu-se subitamente confusa. Fechou os olhos. Quase via a palavra na última página do livro, mas não conseguia pensar. Teve a sensação de ficar muito tempo num silêncio pesado, alvo da atenção de todos os olhos.

«Xantoxiláceas», repetiu desesperadamente, e começou a soletrar muito depressa: «X-a-n, xan; t-o, to, xanto; x-i, xi, xantoxi...» Hesitou um momento e continuou, num fôlego: «l-i-á...» O Sr. Clewett abanou a cabeça.

Trémula, Laura sentou-se. Já só restava o pai.

O Sr. Foster pigarreou e soletrou: «Xantoxiláceas: X-a-n, xan; t-o, to, xanto; x-i, xi, xantoxi...» Laura não podia respirar. Ninguém respirava. «l-á, lá, xantoxilá, c-i-a-s»...

144

Seguiu-se um silêncio que parecia nunca mais acabar e, por fim, o Sr. Foster disse:

— Bem, perdi — e sentou-se.

A assistência aplaudiu-o, do mesmo modo, pelo muito que aguentara. Naquela noite tornara-se respeitado.

«Xantoxiláceas», disse o pai. Já parecia impossível que alguém fosse capaz de soletrar aquela horrível palavra, mas Laura pensou que o pai conseguiria. Tinha de conseguir!

«X-a-n, xan; t-o, to, xanto; x-i, xi, xantoxi...» Pareceu tornar-se um pouco mais lento, ao continuar: «l-á, lá, xantoxilá; c-e-a-s, ceas; xantoxiláceas.»

O Sr. Clewett fechou o livro de leitura. Nunca se tinham ouvido aplausos tão estrondosos como os que o pai recebeu. Tinha levado a palma à cidade toda, a soletrar.

Depois, ainda quentes e animados, trataram todos de vestir os agasalhos.

— Há muito tempo que não me divertia tanto — disse a Sr.a Bradley à mãe.

— O melhor de tudo é pensar que teremos outra reunião na próxima sexta-feira — observou a Sr.a Garland.

Ainda a conversar, a multidão saiu da escola e brilharam lanternas na direcção da Rua Principal.

— Então, Laura, sentes-te melhor? — perguntou o pai.

— Oh, sim! Como nos divertimos!

145

CAPÍTULO XIX - TURBILHÃO DE ALEGRIA.

Agora havia sempre a noite de sexta-feira como uma meta, e após o segundo serão literário estabeleceu-se uma tal rivalidade entre os apresentadores que quase todos os dias havia novidades.

O segundo serão literário foi inteiramente dedicado a charadas e o pai levou a palma, pois ninguém conseguiu decifrar a sua.

Representou-a sozinho, com as suas roupas de todos os dias, a subir a coxa central com duas pequenas batatas à sua frente, na lâmina do seu machado. Mais nada.

Depois parou de olhos brilhantes, a desafiar a assistência e a dar-lhe pequenas achegas. «Tem a ver com a Bíblia», disse. «Ora, todos vocês sabem o que é.» «É uma coisa que consultam frequentemente.» E até acrescentou: «Ajuda a compreender São Paulo.» E troçou: «Não me digam que desistem todos!» Tiveram mesmo de desistir todos e Laura estava quase a rebentar de orgulho e satisfação quando, por fim, o pai explicou:

— É Comentadores dos Actos.

À medida que as pessoas foram aprendendo o sentido, desataram a rir e a aplaudir.

De regresso a casa, Laura ouviu o Sr. Bradley dizer:

— Teremos de esforçar um bocado para vencer aquela brincadeira do Ingalls!

Gerald Fuller perguntou, com o seu sotaque inglês:

— A propósito, haverá talento suficiente para um programa musical?

No seguinte serão literário houve música. O pai, com a sua rabeca, e Gerald Fuller, com o seu acordeão, tocaram coisas tão bonitas que toda a assistência ficou encantada. Sempre que paravam, soavam aplausos a pedir mais.

Parecia impossível que pudesse haver um serão mais maravilhoso. Mas agora toda a cidade estava entusiasmada e vinham famílias, de carroção, das suas reservas, para assistirem aos serões literários. Os homens da cidade não se poupavam a esforços. Planearam um soberbo serão musical, ensaiaram e pediram o órgão da Sr.a Bradley emprestado.

Nessa sexta-feira, envolveram cuidadosamente o órgão em mantas e cobertores de cavalos, carregaram-no no-carroção puxado por bois do Sr. Foster e levaram-no com todas as cautelas para a escola. Era um bonito órgão, todo de madeira reluzente, com pedais forrados com pedaços de carpete e a parte de cima a subir em pináculos de madeira afuselados, prateleirinhas e espelhos do feitio de diamantes. A prateleira das músicas era uma autêntica renda de madeira com

tecido vermelho por trás, a ver-se através dos buracos, e uma peça redonda de ambos os lados, para colocar um candeeiro.

A secretária do professor foi afastada e o órgão colocado no seu lugar. O Sr. Clewett escreveu o programa no quadro. Haveria música de órgão em solo, música de órgão com acompanhamento da rabeca do pai de Laura e música de órgão a acompanhar o canto de quartetos, duetos e solos. A Sr.a Bradley cantou: Recua, volta para trás, Ó Tempo, na tua fuga! Deixa-me ser de novo criança Só esta noite.

Era tão triste que Laura quase não pôde suportar e sentiu um nó na garganta. Brilhou uma lágrima na face da mãe, antes que ela tivesse tempo de a desfazer com o lenço. Todas as mulheres limpavam os olhos e os homens pigarrearam e assoaram-se.

Toda a gente afirmou que não poderia, realmente, haver nada melhor do que um programa musical. Mas o pai de Laura disse, misteriosamente: «Esperem e verão.»

Como se os serões não bastassem, o edifício da igreja tinha finalmente telhado e agora todos os domingos havia dois serviços religiosos e catequese.

Era uma igreja bonita, embora ainda tão nova que parecia inacabada. De facto, ainda não havia sino no campanário nem qualquer acabamento nas paredes de tábuas. Do lado de fora, o tempo ainda as não acinzentara e do lado de dentro eram apenas tábuas nuas. O púlpito e os compridos bancos com compartimentos

146 - 147

nas extremidades também eram de madeira tosca, mas era tudo novo e a cheirar a limpo.

No pequeno vestíbulo da entrada havia espaço suficiente para sacudir a neve das botas e botinas e para ajeitar o vestuário descomposto pelo vento, antes de entrar na igreja propriamente dita. O aquecedor a carvão e as pessoas aqueciam a igreja, e a Sr.a Bradley emprestara o seu órgão, para haver música juntamente com o canto.

Laura até apreciou a pregação do reverendo Brown. O que ele disse não fazia sentido, para ela, mas ele parecia o retrato do John Brown do seu livro de História, mas o retrato com vida. Os seus olhos brilhavam e fulminavam, as suas barbas brancas adejavam e as suas grandes mãos acenavam, enclavinavam-se e cerravam-se em punhos que batiam no púlpito e tremiam no ar. Laura também se divertiu a modificar mentalmente as suas frases, para lhes melhorar a gramática. Não precisava de decorar o sermão, pois em casa o pai só lhe pedia, e a Carrie, que repetissem o trecho correctamente. Depois, quando o sermão terminou, houve mais canto.

O melhor de tudo foi o Hino XVIII, quando as notas do órgão ecoaram e toda a gente cantou vigorosamente:

Avançamos empunhando o nosso bordão
Num deserto selvagem, em terra estranha,
Mas a nossa fé é luminosa e forte a nossa esperança
E o Bom Velho Caminho o nosso canto de peregrinos.

Depois, todos juntos, erguendo a voz num coro mais alto do que a música do órgão:

O Bom Velho Caminho por nossos pais pisado É o Caminho da Vida e conduz a Deus, É o único caminho para os reinos do Dia, Vamos para casa pelo Bom Velho Caminho:

Com a catequese e a igreja de manhã, o almoço de domingo e a lavagem da louça, e com a nova ida à igreja à noite, os domingos voavam, praticamente. Havia de novo escola na segunda-feira e a excitação crescente de esperar pelo serão literário de sexta-feira. O sábado não chegava para discutir tudo o que se passava e chegava novamente o domingo.

Como se tudo isso não fosse mais do que suficiente, o Auxílio Feminino planeava uma grande celebração de acção de graças, para ajudar a pagar a igreja. Seria um jantar de Nova Inglaterra.

148 - 149

Laura correu da escola para casa a fim de ajudar a mãe a descascar, partir e cozer a maior abóbora que o pai colhera no último Verão. Também escolheu cuidadosamente e lavou uma grande quantidade de pequenos feijões brancos. A mãe ia fazer uma gigantesca tarte de abóbora e a maior lata de leite cheia de feijões no forno, para levar para o jantar de Nova Inglaterra.

Não houve escola no dia de acção de graças. Também não houve almoço. Foi um dia estranho, passado a vigiar ansiosamente a tarte e os feijões e a esperar pela noite. À tarde, tomaram banho, à vez, na selha levada para a cozinha, à luz do dia. Era muito estranho tomarem banho à luz do dia e numa quinta-feira.

Depois, cuidadosamente, Laura escovou o seu vestido da escola, escovou, penteou e entrançou o cabelo e encaracolou de novo a franja. A mãe vestiu o seu segundo melhor vestido e o pai aparou a barba e vestiu o fato dos domingos. A hora de acender a luz, quando estavam todos com uma grande vontade de jantar, a mãe embrulhou a grande lata de feijões em papel pardo e num xaile, para os conservar quentes, enquanto Laura vestia os agasalhos a Graça e se apressava a vestir também o casaco e a pôr a touca. O pai levou os feijões e a mãe segurou com ambas as mãos a grande tarte de abóbora, cozida na sua maior forma quadrada de pão. Laura e Carrie, a pegar uma em cada asa, levaram um cesto cheio de pratos e Graça agarrou-se à outra mão de Laura.

Assim que passaram pelo lado da loja do Sr. Fuller, puderam ver, do outro lado dos lotes vagos que ficavam atrás, a igreja toda iluminada. Começavam já a juntar-se carroções, pares e póneis de sela, e as pessoas entravam no vestíbulo iluminado.

Todos os candeeiros de parede do interior da igreja estavam acesos. Os seus depósitos de vidro estavam cheios de querosene e a luz reflectia-se, muito brilhante, dos reflectores de folha, colocados atrás dos limpa-chaminés de vidro. Os bancos tinham sido todos encostados às paredes e duas mesas compridas, com toalhas brancas, ocupavam o meio da sala.

— Oh, olha! — exclamou Carrie.

Laura estacou, um instante. Até o pai e a mãe quase pararam, embora já não tivessem idade para demonstrar surpresa. Uma pessoa adulta nunca deve revelar os seus sentimentos pela fala ou pela atitude. Por isso, Laura limitou-se a olhar e a recomendar a Graça que não fizesse barulho, embora estivesse tão agitada e admirada como Carrie.

Mesmo no meio de uma das mesas estava de pé um porco muito tostadinho, que tinha na boca uma bonita maçã vermelha.

150

Acima de todos os odores deliciosos que vinham das mesas erguia-se o cheiro ainda mais delicioso da carne de porco assada.

Laura e Carrie nunca tinham visto tanta comida em toda a sua vida. As mesas estavam carregadas. Havia pratos de cogulo de puré de batata, de nabo e de abóbora amarela, todos a escorrer manteiga derretida pelos lados, de pequenas covas abertas nos cumes. Havia grandes taças de milho seco, demolido para ficar de novo macio e depois cozinhado com natas. Havia pratos cheios até mais não poder de quadrados dourados de pão de milho e fatias de pão branco e escuro pão integral, de sabor a nozes. Havia pickles de pepinos, de beterraba e de tomates verdes, e taças de vidro, de pé alto, cheias de doce de tomate e geleia de ameixas bravas. Em cada mesa havia um empadão comprido, largo e alto de galinha, com fumo a subir pelas fendas da crosta fofa.

O mais maravilhoso de tudo era o porco. Parecia vivo, amparado por paus curtos por cima de uma grande travessa cheia de maçãs assadas. E cheirava tão bem! Melhor do que qualquer cheiro de qualquer outra comida era aquele odor gordo e suculento do porco assado, que Laura não cheirava havia tanto tempo.

As pessoas já estavam a sentar-se às mesas, a encher e reencher os pratos, a passar pratos umas para as outras, a comer e a conversar. De um lado do porco, já estavam a retirar a carne gorda e clara, fumegante sob a crosta de gordura estaladiça.

— Quanta carne de porco têm aí? — ouviu Laura um homem perguntar, ao passar o seu prato para o servirem de novo, e o homem que estava a trincar respondeu-lhe:

— Não sei dizer exactamente, mas pesava uns bons vinte quilos, depois de arranjado.

Não havia um único lugar vago à mesa. De um lado para o outro, atrás das cadeiras, a Sr.a Tinkham e a Sr.a Bradley não paravam, a encher copos de chá e café por entre os ombros das pessoas. Outras senhoras levavam os pratos sujos e substituíam-nos por outros limpos. Assim que alguém acabava de comer e se levantava, o lugar era logo ocupado, embora o jantar custasse cinquenta cêntimos. A igreja estava quase cheia de gente e continuava a chegar mais.

Tudo aquilo era novidade para Laura. Sentia-se perdida e não sabia que fazer, até que viu Ida toda atarefada a lavar pratos, numa mesa posta a um canto. A mãe começara a ajudar a servir à mesa e, por isso, Laura foi ajudar Ida.

— Não trouxeste um avental? — perguntou-lhe a amiga. — Então prega esta toalha, para eu não te salpicar o vestido.

Como era filha de um pregador, Ida estava habituada ao trabalho de igreja.

151

Tinha as mangas arregaçadas, o vestido protegido por um enorme avental e ria e tagarelava enquanto lavava pratos a grande velocidade e Laura os limpava com igual rapidez.

— Oh, este jantar está a ser um grande êxito! — exclamou Ida, satisfeita. — Alguma vez imaginaste que viria tanta gente?

— Não — respondeu Laura, e perguntou, baixinho: — Sobrará alguma coisa para nós comermos?

— Oh, sim! — respondeu Ida, confiante, e acrescentou, também em voz baixa: — A mãe Brown encarrega-se sempre disso. Deixou de reserva duas das melhores tartes e um bolo de camadas.

Laura não tinha grande interesse por tartes de fruta nem pelo bolo, mas desejou que ainda restasse alguma carne de porco quando chegasse a sua vez de irem para a mesa.

Ainda restava algum quando o pai arranjou lugares para Carrie e Graça e para ele. Laura viu-os a comer todos regalados, enquanto ela continuava a limpar pratos. Com a mesma rapidez com que os limpava, os pratos e os copos eram levados para as mesas, enquanto outros, sujos, se iam empilhando, parecia que ainda mais rapidamente, à volta do alguidar.

— Precisamos aqui de ajuda — disse Ida, alegremente. Ninguém esperara tanta gente. A mãe de Laura parecia voar de um lado para o outro, assim como a maioria das outras senhoras. Lealmente, Laura continuou a limpar pratos. Não deixaria Ida sozinha com tal tarefa, embora sentisse cada vez mais fome e cada vez tivesse menos esperança de que restasse alguma coisa para comer.

Passou muito tempo antes de as mesas começarem a ficar vazias. Por fim, só as senhoras do Auxílio Feminino e Ida e Laura ainda tinham fome. Lavaram e limparam outra vez pratos, copos e talheres, foi novamente posta uma mesa e puderam, enfim, sentar-se. Onde estivera o porco estava um monte de ossos, mas Laura consolou-se ao verificar que tinham muita carne agarrada. E também ainda restava algum empadão de galinha. Calmamente, a Sr.a Brown foi buscar o bolo de camadas e as tartes que pusera de reserva.

Durante um bocadinho, Laura e Ida descansaram e comeram, enquanto as senhoras elogiavam os cozinhados umas das outras e diziam que o jantar tinha sido um grande êxito. Falava-se muito ao longo dos bancos cheios de gente, junto das paredes, e havia homens a conversar aos cantos e à volta do fogão.

Depois as mesas foram finalmente levantadas. Laura e Ida voltaram a lavar e a limpar pratos e as mulheres escolheram-nos e meteram-nos em cestos com a comida que sobrara. Constituiu um cumprimento para a arte culinária da mãe de Laura o facto de não ter sobrado

152

nem um niquinho de tarte de abóbora nem uma colherada de feijões. Ida lavou a

forma e a lata, Laura limpou-as e a mãe meteu-as no seu cesto.

A Sr.^a Bradley estava a tocar órgão e o pai de Laura e alguns outros estavam a cantar, mas Graça adormecera e eram horas de voltar para casa.

— Sei que estás cansada, Carolina — disse o pai, enquanto levava Graça ao colo para casa, a mãe empunhava a lanterna para alumiar o caminho e Laura e Carrie os seguiam com o cesto dos pratos. — Mas a reunião social da Sociedade de Auxílio foi um grande êxito.

— Estou realmente cansada — respondeu a mãe, com um leve tom agastado na voz branda, o que surpreendeu Laura. — E não se tratou de uma reunião social e sim de um jantar da Nova Inglaterra.

O pai não disse mais nada. O relógio batia as onze horas quando ele abriu a porta. No dia seguinte seria dia de escola e à noite haveria o serão literário.

Haveria um debate sobre o tema: «Lincoln foi maior do que Washington.» Laura estava ansiosa por o ouvir, pois o advogado Barnes encarregar-se-ia da afirmativa e os seus argumentos seriam bons.

— Será instrutivo — disse à mãe, enquanto se preparavam apressadamente para ir ao serão.

Na realidade, Laura travava um debate consigo mesma, pois sabia que deveria estar a estudar. Perdera dois serões inteiros de estudo naquela semana. No entanto, haveria alguns dias de férias no Natal, entre os dois períodos escolares, e ela poderia recuperar o tempo perdido.

A caixa com os presentes de Natal já fora enviada a Maria. Nela a mãe acondicionara a romeira que Laura fizera, de lã macia e tão branca como os grandes flocos de neve que caíam suavemente do lado de fora das janelas. Acondicionou também a gola de renda que ela fizera, de finíssima linha de coser, e os seis lenços de fina cambráia que Carrie tinha feito. Três deles eram orlados de estreita renda feita à máquina e outros três tinham uma bainha simples. Graça ainda não sabia fazer um presente de Natal, mas juntara dinheiro para comprar meio metro de fita azul com a qual a mãe fizera um laço para Maria prender ao pescoço, na gola de renda branca. Depois tinham todos escrito uma extensa carta de Natal, dentro da qual o pai metera uma nota de cinco dólares.

— É para ela comprar as pequenas coisas de que precisa — explicou.

A professora de Maria escrevera a elogiá-la muito. Dizia

153

que Maria poderia mandar para casa uma amostra do seu trabalho com contas se as pudesse comprar, e que ela precisava de uma ardósia especial para escrever e que, mais tarde, talvez precisasse ainda de outra ardósia de outro tipo, para escrever em braille, uma espécie de escrita que os cegos podiam ler com os dedos.

— A Maria saberá que pensamos todos nela nesta época de Natal — disse a mãe, e sentiram-se todos mais felizes por saberem que a caixa ia a caminho.

No entanto, sem Maria, o Natal não parecia Natal. Só Graça se mostrou completamente feliz quando, ao pequeno-almoço, abriram os presentes de Natal.

Para Graça havia uma boneca a sério, com cabeça e mãos de louça e sapatinhos pretos cosidos aos pés de tecido. O pai pusera rolos numa caixa de charutos, para servir de berço à boneca, e Laura, Carrie e a mãe tinham feito pequenos lençóis, uma almofada e uma cobertazinha de retalhos, além de uma camisa e um barrete de dormir para a boneca. Graça ficou muito feliz.

Juntas, Laura e Carrie, tinham comprado um dedal de prata alemã para a mãe e uma gravata de seda azul para o pai. No prato de Laura estava um livro azul e dourado, os Poemas de Tennyson. Os pais não desconfiaram de que ela não ficou surpreendida. Também tinham trazido de lova um livro para Carrie, que tinham conservado escondido. Chamava-se Histórias da Charneca.

Foi tudo quanto houve no Natal. Depois de feito o trabalho da manhã, Laura pôde finalmente sentar-se e ler Os Lotafagos. Mas até esse poema foi uma decepção, pois na terra onde parecia ser sempre de tarde os marinheiros demonstraram que não eram bons. Pareceram julgar-se com direito de viver naquela terra mágica e andar a preguiçar pelos cantos e a protestar. Quando pensavam em mexer-se, acabavam por lamuriar: «Porque havemos de labutar sobre a onda balouçante?» Porquê? Ora essa! — pensou Laura, indignada. Não era trabalho de marinheiro, labutar sempre sobre a onda balouçante? Mas não, eles queriam preguiçar e sonhar. Laura fechou o livro.

Sabia que um livro daqueles tinha com certeza poemas bonitos, mas sentia tanto a falta de Maria que não tinha coragem para os ler.

Depois o pai chegou todo apressado dos correios com uma carta. A caligrafia era desconhecida, mas tinha como assinatura Maria! Ela explicava que colocava o papel numa ardósia metálica com sulcos e, tateando os sulcos, podia formar as letras com um lápis de grafite. A carta era o seu presente de Natal para eles todos. Mandava dizer que gostava do colégio e que os professores diziam que ela ia bem nos estudos. Estava a aprender a ler e a escrever em braille.

154

Gostaria de poder estar com eles no Natal e pedia que pensassem nela no dia de Natal, pois ela também pensaria em todos.

O dia passou serenamente depois de a carta ser lida. A certa altura, Laura disse: — Se a Maria cá estivesse, como gostaria dos serões literários!

De súbito, pensou que estava tudo a mudar muito depressa. Dali a seis anos Maria regressaria a casa e nada voltaria a ser, nunca, como tinha sido.

Laura não estudou nada nas férias do Natal e o mês de Janeiro passou tão depressa que quase a deixou sem fôlego. O Inverno foi tão brando que a escola não precisou de fechar um único dia. Todas as noites de sexta-feira havia um serão literário, cada um mais empolgante do que o anterior.

Num deles, foram apresentadas as figuras de cera da Sr.a Jarley. Nessa noite veio gente de vários quilómetros em redor. Havia cavalos, carroções e póneis de sela presos a todos os postes. Não faltavam os Morgans castanhos, bem tapados com cobertores, e Almanzo Wilder estava com Cap Garland na escola cheia de gente. Uma cortina de lençóis brancos ocultava o estrado do professor. Quando a cortina foi afastada, ergueu-se uma grande exclamação abafada: a todo o comprimento

da parede e de cada extremidade do estrado estava uma série de figuras de cera, em tamanho natural. Pelo menos pareciam feitas de cera. Tinham o rosto branco como cera, com sobancelhas pretas e lábios vermelhos pintados. Envoltas em pregas de tecido branco, cada figura estava tão imóvel como uma imagem esculpida.

Depois de olhar durante alguns momentos para as figuras de cera, a Sr.a Jarley saiu de trás da cortina corrida. Ninguém sabia quem ela era. Usava um vestido preto comprido e solto e uma touca achatada e empunhava o comprido ponteiro do professor. Em voz profunda, ordenou:

— George Washington, ordeno-te que te mexas e vivas! — e tocou com o ponteiro numa das figuras.

A figura mexeu-se! Com movimentos breves e rígidos, um braço ergueu-se e levantou acima das pregas de tecido branco uma mão cor de cera, a segurar um machado. O braço fez movimentos, como se estivesse a usar o machado.

A Sr.a Jarley chamou cada figura pelo seu nome, tocou-lhe com o ponteiro e elas moveram-se rigidamente. Daniel Boone levantou e apontou uma espingarda. A rainha Isabel pôs e tirou uma alta coroa dourada. A mão hirta de Sir Walter Raleigh aproximou e afastou um cachimbo dos lábios imóveis.

155

Uma por uma, todas as figuras se movimentaram. E continuaram a mover-se de um modo tão rígido e sem vida, de figuras articuladas, que custava a acreditar que estivessem realmente vivas.

Quando, finalmente, a cortina foi de novo corrida, ouviu-se como que um suspiro profundo seguido de ruidosos aplausos. Todas as figuras de cera, agora naturalmente vivas, tiveram de comparecer à frente da cortina, enquanto os aplausos se tornavam cada vez mais calorosos. A Sr.a Jarley tirou a touca e era... Gerald Fuller! A coroa e a cabeleira da rainha Isabel caíram e revelaram o Sr. Bradley. As gargalhadas pareciam nunca mais acabar.

— Hoje foi o apogeu, com certeza — disse a mãe, ao regressarem a casa.

— Nunca se sabe — respondeu o pai, arreliador, como se soubesse mais do que dizia. — Esta cidade agora está toda desperta.

No dia seguinte, Maria Power foi visitar Laura e falaram toda a tarde das figuras de cera. Nessa noite, quando se sentou para estudar, Laura fartou-se de bocejar.

— O melhor é ir-me deitar — disse. — Tenho tanto so... — e bocejou descomunamente.

— Já são duas noites que perdes esta semana — observou a mãe. — E amanhã à noite há a igreja. Ultimamente andamos a viver num tal turbilhão de alegria que, francamente... Bateram à porta?

A pancada repetiu-se e a mãe foi ver quem era. Charley estava à porta, mas recusou-se a entrar. A mãe aceitou o sobrescrito que ele lhe estendeu e fechou a porta.

— É para ti, Laura.

Carrie e Graça ficaram de olhos arregalados e o pai e a mãe esperaram, enquanto Laura lia o endereço do sobrescrito: «Menina Laura Ingalls, De Smet, Território do Dakota.»

— Mas que será isto? — perguntou.

Abriu cuidadosamente o sobrescrito com um gancho do cabelo e tirou uma folha dobrada de papel com uma cercadura dourada. Desdobrou o papel e leu, alto:

Ben M. Woodworth

solicita o prazer da sua
companhia em sua casa, na noite
de sábado, 28 de Janeiro.

Jantar às oito horas.

Tal qual como a mãe fazia, às vezes, Laura deixou-se cair molemente na cadeira.
A mãe tirou-lhe o convite da mão e leu de novo.

156

— É uma festa — disse. — Um jantar de festa.

— Oh, Laura, foste convidada para uma festa! — exclamou Carrie, e depois perguntou: — Como é uma festa?

— Não sei — respondeu Laura. — Que hei-de fazer, Ma? Nunca fui a uma festa. Como me devo comportar numa festa?

— Foste ensinada a saber comportar-te seja onde for, Laura — respondeu a mãe.

— Basta que te comportes apropriadamente, como sabes comportar-te.

Era verdade, sem dúvida, mas não constituía nenhum conforto para Laura.

157

CAPÍTULO XX - A FESTA DE ANIVERSÁRIO

Durante toda a semana seguinte Laura pensou na festa. Queria e não queria ir. Uma vez, havia muito tempo, quando era pequena, tinha ido à festa de Nellie Oleson, mas isso fora uma festa de meninas pequenas. Agora seria diferente. Na escola, Ida, Maria Power e Minnie também estavam todas agitadas por causa da festa. Arthur tinha dito a Minnie que seria uma festa de aniversário, a festa de anos do Ben. Por delicadeza, quase não podiam falar do assunto, pois Nellie estava com elas no recreio e não tinha sido convidada. Não poderia comparecer, visto viver no campo.

. Na noite da festa, Laura estava vestida e pronta às sete horas. Maria Power ficara de a ir buscar, a fim de seguirem as duas para a estação, mas só viria dali a meia hora.

Laura tentou ler de novo o seu poema de Tennyson favorito:

Vem ao jardim, Maud,
Que o morcego negro —a noite— voou,
Vem ao jardim, Maud,
Que estou sozinho, ao portão;

E o olor da madressilva espalhou-se,
E o almíscar da rosa anda no ar.

Não conseguia estar quieta. Lançou mais um olhar ao espelho da parede. Desejava tanto ser alta e delgada que quase esperou ver uma rapariga alta e esbelta. Mas o espelho mostrou-lhe uma jovem baixa e roliça, com um vestido de domingo de casimira azul.

Pelo menos era um vestido de jovem senhora, tão comprido que lhe ocultava os canos altos das botinas. A saia farta estava presa atrás, numa grande abundância de tecido. O corpo do vestido era justo, terminava em bico à frente e atrás e era todo abotoado à frente, bem aconchegado, com botões verdes. Uma faixa de xadrez azul, dourado e verde contornava toda a largura da saia, logo acima da bainha, e tiras estreitas do mesmo xadrez orlavam os bicos do corpo e os punhos das mangas compridas e justas. A gola direita era de xadrez, com um folho de renda branca no interior, e a mãe emprestara a Laura o seu alfinete de madrepérola, para unir a gola debaixo do queixo.

Laura não encontrou qualquer defeito no vestido. Mas — oh! — como desejava ser alta e esbelta como Nellie Oleson! A sua cintura era redonda como o tronco de uma árvore jovem, os seus braços eram delgados, mas igualmente redondos, e as suas mãos pequeninas eram gorduchas e tinham um ar de eficiência. Não eram finas e lânguidas como as de Nellie.

Até o rosto que o espelho reproduzia era todo curvas. O queixo era uma curva suave e a boca vermelha tinha um lábio superior curto e arqueado. O nariz era quase direito, mas a pontinha um nada arrebitada impedia-o de ser grego. Os olhos, pareceu a Laura, eram muito afastados um do outro e de um azul mais suave do que os do pai. Estavam muito abertos e ansiosos e não tinham o brilho cintilante dos dele.

Em linha recta, através da testa, tinha a franja encaracolada. Pelo menos o seu cabelo era basto e muito comprido, embora não fosse dourado. Estava penteado para trás, muito liso, a partir da franja e até à pesada trança enrolada que lhe cobria toda a parte de trás da cabeça. O peso do cabelo fazia-a sentir-se verdadeiramente crescida. Virou lentamente a cabeça para ver o brilho da luz do candeeiro reflectir-se na sua suavidade castanha. De repente, porém, compreendeu que estava a comportar-se como se se envaidecesse do seu cabelo.

Foi à janela. Maria Power ainda não estava à vista. Laura tinha tanto receio da festa que não podia, simplesmente, ir.

— Senta-te e espera sossegada, Laura — admoestou-a brandamente a mãe. Nesse momento, Laura viu Maria Power e, febrilmente, vestiu o casaco e pôs o capuz.

Laura e Maria Power quase não disseram nada enquanto percorreram a Rua Principal até ao fim e depois seguiram a via férrea até à estação, onde os Woodworth viviam. As janelas do andar de cima estavam brilhantemente iluminadas e havia um candeeiro aceso no escritório do telégrafo, no rés-do-chão, onde o irmão mais velho de Ben,

Jim, ainda estava a trabalhar. Era o telegrafista. O matraquear do telégrafo eléctrico ouvia-se perfeitamente na noite fria.

— Suponho que vamos para a sala de espera — observou Maria Power. — Batemos ou limitamo-nos a entrar?

— Não sei — confessou Laura.

Estranhamente, sentiu-se um bocadinho melhor devido ao facto de Maria Power também estar hesitante. Mas continuava a ter um nó na garganta e o pulso agitado. A sala de espera era um lugar público, mas a sua porta estava fechada e ia haver uma festa.

Maria Power hesitou e depois bateu. Não bateu com força, mas o som fê-las a ambas estremecer.

Não apareceu ninguém. Ousadamente, Laura disse:

— Entremos!

Quando falou, agarrou a maçaneta da porta e, ao mesmo tempo, Ben Woodworth abriu-a do lado de dentro.

Laura ficou tão atrapalhada que nem foi capaz de retribuir as suas boas-noites. Ben vestia o fato de domingo e usava colarinho branco engomado. Tinha o cabelo húmido e cuidadosamente penteado.

— A minha mãe está lá em cima — informou. Seguiram-no através da sala de espera e pela escada acima, até

um pequeno vestíbulo, ao cimo da escada, onde a mãe dele as esperava. Era uma senhora tão pequena como Laura, mas um pouco mais cheia e a delicadeza em pessoa. Vestia um vestido cinzento, de tecido fino e macio, com folhos muito brancos no pescoço e nos punhos. Mostrou-se tão cordial que Laura se sentiu imediatamente à vontade.

Tiraram os agasalhos, no quarto. O aposento era tão elegante como a Sr.a Woodworth. Hesitaram em colocar os casacos na bonita cama, com colcha de renda branca e almofadas de folhos. Cortinados de fina musselina branca, com folhos, ocultavam a janela, e numa mesinha estava um candeeiro, em cima de um napperon de renda. Havia outro, a condizer, em cima da cómoda e o cimo da moldura do espelho também estava enfeitado com renda branca.

Maria Power e Laura olharam para o espelho e, com os dedos, afofaram as franjas, ligeiramente achatadas pelos capuzes. Depois, no tom mais amigável possível, a Sr.a Woodworth disse:

— Se já acabaram de se arranjar, venham para a sala de estar. Ida, Minnie, Arthur, Cap e Ben já lá se encontravam. A

Sr.a Woodworth disse, sorridente:

— Quando o Jim subir, do trabalho, o nosso grupo estará completo. — Sentou-se e começou a conversar agradavelmente.

A sala era confortável, com candeeiros velados e aquecida pelo aquecedor. Cortinados de tecido vermelho-escuro adornavam as janelas e as cadeiras não estavam encostadas à parede e, sim, reunidas à volta do aquecedor, cujos carvões se viam brilhar através da porta de mica. Além do álbum de fotografias de

pelúcia, que se encontrava no meio do tampo de mármore da mesa, havia diversos outros livros na prateleira inferior. Laura estava ansiosa por vê-los, mas seria descortês não prestar atenção à Sr.a Woodworth.

Passados alguns momentos, a Sr.a Woodworth pediu licença e foi à cozinha. Ficaram todos silenciosos. Laura achou que devia dizer qualquer coisa, mas não lhe ocorreu nada. Os seus pés pareciam demasiado grandes e não sabia que fazer das mãos.

Através de uma porta, viu uma mesa comprida, com uma toalha branca. Brilhavam nela porcelanas e pratos, à luz de um candeeiro suspenso do tecto por compridas correntes douradas. Pendentes de vidro cintilante contornavam o quebra-luz branco leitoso do candeeiro.

Era tudo muito bonito, mas Laura não podia esquecer os seus pés. Tentou ocultá-los melhor debaixo da saia. Olhou para as outras raparigas e pensou que devia dizer qualquer coisa, pois ninguém parecia capaz de abrir a boca. No entanto, ela também não conseguiu quebrar o silêncio. O seu coração entristeceu quando pensou que, afinal, uma festa era tão desagradável como uma reunião social. Nesse momento, ouviu passos pela escada acima e Jim entrou na sala. Olhou-os a todos e perguntou, gravemente:

— Estão a brincar a uma reunião de quacres?

Riram-se todos. Depois disso foram capazes de falar, embora sem deixarem de ouvir pequenos tinidos de louça vindos da outra sala, onde a Sr.a Woodworth dava os últimos retoques na mesa. Jim sentia-se tão à vontade que levantou a voz e perguntou:

— O jantar está pronto, mãe?

— Está, sim — respondeu a Sr.a Woodworth, da porta. — Querem fazer o favor de vir para a sala de jantar?

Parecia que os Woodworth usavam aquela sala só para nela comerem.

Estavam postos oito pratos, todos eles cheios de fumegante sopa de ostras. O lugar de Ben era à cabeceira da mesa; o de Jim na outra extremidade. A Sr.a Woodworth disse aos outros onde se deviam sentar e acrescentou que os serviria. Agora os pés de Laura estavam debaixo da mesa, as suas mãos tinham alguma coisa que fazer e era tudo tão bonito e alegre que deixou de se sentir acanhada.

161

No centro da mesa estava um galheteiro de prata com frascos de vidro lapidado contendo vinagre, mostarda e molho de pimenta, além de um pimenteiro e um saleiro altos. Os pratos eram de porcelana branca com uma cercadura de minúsculas flores de cores variadas. Ao lado de cada prato havia um guardanapo branco, dobrado de tal modo que se abria parcialmente como uma flor grande. O mais maravilhoso de tudo é que defronte de cada prato estava uma laranja, mas uma laranja disposta como uma flor. A casca tinha sido cortada, a partir do cimo, em pequenas secções pontiagudas, e cada secção estava enrolada para baixo, como as pétalas vermelho-douradas de uma flor. Dentro das pétalas, a polpa de laranja arqueava-se para cima, coberta pela sua fina pele branca.

A sopa de ostras era um petisco suficiente para transformar um jantar numa festa, e, para a acompanhar, a Sr.a Woodworth passou uma taça de pequenos biscoitos

redondos de ostra. Quando a última gota da deliciosa sopa tinha sido comida, a Sr.a Woodworth levou os pratos e pôs na mesa uma travessa de pastéis de batata. Os bolinhos achatados de batatas esmagadas estavam castanho-dourados, da fritura. Trouxe em seguida uma travessa cheia de cremosas e castanhas bolas de bacalhau e um prato de pequenos biscoitos quentes. Ofereceu manteiga num prato de vidro redondo.

A Sr.a Woodworth insistiu para que se servissem generosamente, e não uma, mas duas vezes. A seguir trouxe chávenas de café e ofereceu natas e açúcar.

Depois de tudo aquilo, levantou de novo a mesa e trouxe um bolo de aniversário com cobertura branca. Colocou-o à frente de Ben e pôs-lhe ao lado uma rima de pratos pequenos. Ben levantou-se para cortar o bolo, pôs uma fatia em cada pratinho e a Sr.a Woodworth distribuiu-os. Esperaram que Ben tivesse cortado a sua fatia de bolo.

Laura pensava na laranja que tinha à sua frente. Se aquelas laranjas eram para ser comidas, ela não sabia quando nem como. Eram tão bonitas que seria uma pena estragá-las. No entanto, ela comera, uma vez, parte de uma laranja e, por isso, sabia como eram boas.

Toda a gente começou a comer o bolo, mas ninguém tocou na laranja. Laura pensou que talvez as laranjas fossem para levar para casa. Talvez pudesse levar a sua e reparti-la com os pais, a Carrie e Graça.

Então todos viram Ben pegar na sua laranja. Segurou-a cuidadosamente por cima do prato, tirou as cascas em forma de pétalas e separou os gomos. Deu uma dentada num gomo e depois uma dentada no bolo.

162

Laura pegou na sua laranja e todos os outros fizeram o mesmo. Tiraram-lhes cuidadosamente a casca, separaram os gomos e comeram-nas com as fatias de bolo.

As cascas estavam todas limpas nos pratos quando o jantar terminou. Laura lembrou-se de limpar delicadamente os lábios com o guardanapo e de o dobrar e as outras raparigas fizeram o mesmo.

— Agora vamos lá para baixo brincar — disse Ben.

Quando se levantaram da mesa, Laura perguntou, em voz baixa, a Maria Power:

— Não devíamos ajudar a lavar a louça? E Ida perguntou, sem rodeios:

— Não devemos ajudar primeiro a lavar a louça, Sr.a Woodworth?

A Sr.a Woodworth agradeceu-lhes, mas respondeu:

— Vão e brinquem, pequenas! Não se importem com a louça. A grande sala de espera do rés-do-chão estava iluminada pelos candeeiros de parede e bem aquecida pelo fogão.

163

Havia espaço suficiente para os jogos mais movimentados. Primeiro jogaram ao lenço e depois à cabra-cega. Quando, por fim, se deixaram cair, ofegantes, nos bancos, para descansar, Jim disse:

— Sei um jogo que nunca jogaram. Quiseram logo todos saber de que se tratava.

— Bem, não creio que tenha nome, pois é muito novo — respondeu Jim. — Venham todos ao meu escritório e eu mostro-lhes como se joga.

No pequeno escritório quase não havia espaço para se colocarem todos em semicírculo, como Jim lhes mandou, ficando ele numa extremidade e Ben na outra e comprimidos contra a mesa de trabalho do primeiro. Jim disse-lhes que dessem as mãos.

— Agora fiquem quietos. — Ficaram todos quietos, a pensar no que viria a seguir. De súbito, um formigueiro quente percorreu rapidamente Laura. Todas as mãos unidas estremeceram, as raparigas gritaram e os rapazes ainda mais. Laura estava terrivelmente assustada, tão assustada que não gritou nem se mexeu. Todos os outros começaram a perguntar, muito agitados:

— Que foi? Que fizeste, Jim? Como fizeste aquilo, Jim? Cap disse:

— Sei que foi a tua electricidade, Jim, mas como o fizeste? Jim riu-se e perguntou:

— Não sentiste nada, Laura?

— Oh, sim, senti!

— Então porque não gritaste? — quis Jim saber.

— De que valia? — perguntou-lhe Laura, e ele não lhe soube responder. — Mas que foi? — inquiriu ela, com todos os outros, e Jim só soube dizer:

— Ninguém sabe.

O pai também dissera que ninguém sabia o que era a electricidade. Benjamin Franklin descobrira que era relâmpagos, mas ninguém sabia o que eram relâmpagos. Agora fazia funcionar o telégrafo eléctrico e ainda ninguém sabia o que era.

Sentiram-se todos estranhos, ao olhar para a pequena máquina de latão, da mesa, capaz de enviar as suas mensagens tão longe e tão depressa. Jim tocou-lhe e fez um clique:

— Ouviu-se em São Paulo — disse.

— Neste momento? — perguntou Minnie, e Jim confirmou:

— Neste momento.

Estavam de pé, silenciosos, quando o pai de Laura abriu a porta e entrou.

— A festa terminou? — perguntou. — Vim buscar a minha filha, para a levar para casa.

O grande relógio estava a bater as dez horas. Ninguém se apercebera de que era tão tarde.

Enquanto os rapazes vestiam os sobretudos e punham os bonés, que tinham estado pendurados na sala de espera, as raparigas foram ao primeiro andar agradecer à Sr.^a Woodworth e dar-lhes as boas-noites. No bonito quarto, abotoaram os casacos e puseram os capuzes e disseram que se tinham divertido muito. Agora que a temida festa terminara, Laura só lamentava que não tivesse durado mais tempo.

Em baixo, o reverendo Brown estava à espera de Ida. Laura e Maria Power foram para casa com o pai da primeira.

A mãe estava levantada, à espera, quando Laura e o pai chegaram.

— Adivinho que te divertiste muito, pelo modo como os teus olhos brilham — disse a mãe, a sorrir, a Laura. — Agora deita-te sem fazer barulho, porque a Carrie e a Graça estão a dormir. Amanhã poderás falar-nos a todos da festa.

— Oh, Ma, houve uma laranja inteira para cada um! — não se conteve Laura que

não dissesse, mas guardou o resto para contar quando estivessem todos juntos.

164 - 165

CAPÍTULO XXI - DIAS LOUCOS.

Depois da festa, Laura quase não se preocupou em estudar. A festa estabelecera uma amizade tão agradável entre as raparigas crescidas e os rapazes que nos intervalos e ao meio-dia, quando o tempo estava mau, ficavam todos reunidos à volta do fogão, a conversar e a brincar.

Os dias agradáveis entre as tempestades de neve ainda eram mais animados. Então brincavam todos cá fora, a atirar bolas de neve uns aos outros. Não era próprio de meninas, mas era tão divertido! Entravam na escola ofegantes e a rir, sacudiam a neve dos sapatos e dos casacos, à entrada, e iam para os seus lugares quentes, afogeados e saciados de ar puro.

Laura divertia-se tanto que quase se esquecia de tirar o máximo partido possível da sua oportunidade de frequentar a escola. Continuava à frente de todas as matérias, mas as suas notas já não eram 100. Cometia erros em Aritmética e às vezes até em História. Uma vez, a sua nota em Aritmética desceu para 93. No entanto, ela pensava que poderia recuperar o tempo perdido estudando com afinco no próximo Verão, embora soubesse de cor os versos, que diziam:

Perdida, entre o sol-nascente e o sol-poente,
Uma hora de ouro cravejada com sessenta minutos de diamante.
Não se oferecem alvíssaras, pois perdeu-se para sempre.

Os rapazes mais pequenos levaram para a escola os trenós que tinham recebido como presente de Natal. Às vezes, os mais crescidos pediam-lhos emprestados e davam boleias de trenó às raparigas. Mas os rapazes é que tinham de puxar, pois não havia encostas para deslizar e naquele Inverno não houvera nevascas para fazerem grandes e sólidos montes de neve.

166

Depois, Cap e Ben fizeram um trenó manual, com tamanho suficiente para as quatro raparigas se acomodarem. Os quatro rapazes puxavam-no. Nos intervalos, corriam a grande velocidade, pela estrada da pradaria fora, e voltavam. Ao meio-dia tinham tempo para ir ainda mais longe.

Por fim, Nellie Oleson não pôde suportar ficar sozinha à janela, a ver aquilo. Sempre desdenhara brincar fora da escola, ao frio, porque podia estragar a sua pele delicada e tornar-lhe ásperas as mãos, mas um dia, no intervalo para o almoço, disse que sairia para uma volta de trenó.

O trenó não tinha tamanho suficiente para cinco, mas os rapazes teimaram em não deixar nenhuma das outras em terra. Bem apertadas, conseguiram instalar as

cinco no trenó. As raparigas ficaram com os pés esticados, aos lados, e tiveram de arregaçar as saias até as meias de lã se verem, acima das botinas. Mas lá foram, pela estrada nevada fora.

Estavam despenteadas e coradas do frio, do vento, do riso e da excitação, quando os rapazes descreveram um círculo na pradaria e correram na direcção da cidade, a puxar o trenó atrás deles. Passaram velozmente pela escola e Cap gritou:

— Vamos subir e descer a Rua Principal!

Os outros concordaram, a rir e a gritar, e correram ainda mais depressa.

Nellie gritou, esganiçada:

— Parem imediatamente! Parem! Estou a dizer-lhes que parem!

Ida gritou:

— Oh, rapazes, não façam isso! —, mas não conseguiu deixar de rir.

Laura também se ria, por causa do espectáculo que deviam apresentar de pernas estendidas, saias tufadas pelo vento e cachecóis e lenços da cabeça batidos pela ventania. Os gritos de Nellie só serviram para aumentar o divertimento dos rapazes e fazê-los aumentar a velocidade. Eles não iriam, com certeza, para a Rua Principal, pensou Laura, certamente voltavam para trás de um momento para o outro.

— Não! Não! Arthur, não! — gritou Minnie, enquanto Maria

Power suplicava:

— Não façam isso! Oh, por favor não façam isso!

Laura viu os cavalos Morgan presos ao poste e cobertos por mantas. Almanzo Wilder, com um grande casaco de peles, estava a soltá-los. Virou-se, para ver qual era a causa dos gritos das raparigas, e nesse mesmo instante Laura compreendeu que os rapazes

167

tencionavam realmente levá-las para além dele, expô-las aos olhos da Rua Principal. Não tinha graça nenhuma.

As outras raparigas estavam a fazer tal alarido que Laura teve de falar baixo para ser ouvida:

— Cap! Por favor, fá-los parar. A Maria não quer ir pela Rua Principal.

Cap começou imediatamente a virar. Os outros rapazes puxaram em sentido contrário, mas ele disse:

— Vamos! — e virou o trenó.

Iam a caminho da escola e a sineta estava a tocar. À porta da escola, saltaram todas bem dispostas do trenó. Menos Nellie, que estava furiosa.

— Vocês julgam-se muito espertos! — barafustou. — Seus... seus ignorantes ocidentais!

Os rapazes olharam-na, sérios e calados. Não podiam dizer o que queriam, porque ela era uma rapariga. Então Cap olhou ansiosamente para Maria Power, e ela sorriu-lhe.

— Obrigada pelo passeio, rapazes — agradeceu Laura.

— Sim, obrigada a todos. Foi muito divertido! — acrescentou Ida.
— Obrigada — agradeceu Maria Power, a sorrir a Cap, e o sorriso rápido dele iluminou-lhe o rosto todo.
— Vamos outra vez, no intervalo — prometeu ele, ao entrarem todos na escola.

Em Março a neve estava a derreter-se e os exames finais estavam à porta. Mas Laura continuou a não estudar como deveria. Todas as conversas se concentravam agora no último serão literário daquele Inverno. O que seria, era um segredo que todos tentavam adivinhar. Até a família de Nellie viria e ela estrearia um vestido novo.

Em casa, em vez de estudar, Laura passou com a esponja pelo seu vestido de casimira azul, passou-o a ferro e deu uns retoques no folho de renda. Gostaria tanto de ter um chapéu em vez do capuz, e a mãe comprou-lhe meio metro de bonito veludo castanho.

— Sei que terás o maior cuidado com o chapéu —disse a mãe, a justificar a extravagância— e que ele servirá ainda durante alguns Invernos.

Por isso, aos sábados, Maria Power e Laura fizeram os seus chapéus. O de Maria era de tecido azul-escuro, debruado com uma tira de veludo azul e preto, tudo do saco de trapos do pai. O de Laura era de um encantador veludo castanho, muito suave ao toque e com um brilho sedoso dourado-fulvo. Usou-o pela primeira vez para ir ao serão literário.

Na escola não se viram quaisquer preparativos, além de que a secretária do professor tinha sido tirada do estrado. As pessoas sentaram-se às três em cada carteira e encheram a mais não poder todo o restante espaço. Até na secretária do professor estavam rapazes em pé, muito apertados uns contra os outros. O Sr. Bradley e o advogado Barnes mandaram recuar a massa de espectadores, para que a coxia central ficasse desimpedida. Ninguém sabia porquê, nem o que estava a acontecer, quando se ouviu um grande grito das pessoas que estavam no exterior e queriam entrar.

Depois avançaram pela coxia central cinco homens de cara enfarruscada de preto e fatos velhos. Tinham círculos brancos à volta dos olhos e a sua boca era grande e vermelha. Marcharam para o estrado e então, voltados em fila para a frente, avançaram subitamente e desataram a cantar:

Oh, falai dos vossos guardas Mulligans! A estes negrinhos ninguém vence!
E marcharam para a frente e para trás, para trás e para a frente, sem parar.
Oh, FALAI DOS VOSSOS GUARDAS MULLICANS!
A estes negrinhos ninguém vence! Marchamos a compasso e fazemos um vistão
Olhem só para os pés destes negrinhos.

O homem do meio sapateava. Encostados à parede, os restantes quatro homens enfarruscados tocavam: um, tocava berimbau; outro, uma harmónica; um terceiro marcava o compasso com dois ossos, e o quarto batia com as mãos e os pés. Os aplausos começaram e parecia não haver nada capaz de os deter. Os pés não podiam estar quietos. Toda a multidão era arrastada pela música sincopada, pelos sorridentes rostos negros de olhos brancos e pela dança desenfreada. Não havia tempo para pensar. Quando a dança parou, começaram os gracejos.

Os olhos cercados de branco reviravam-se, as grandes bocas vermelhas tartamudeavam perguntas e respostas que eram a coisa mais engraçada que já tinham ouvido. Depois voltou a música e a dança desenfreada. Quando, de súbito, os cinco negros correram pela coxia abaixo e desapareceram, estava toda a gente cansada de rir e aplaudir. Não parecia possível que todo o serão tivesse passado.

168 - 169

Os famosos minsirei shows⁽¹⁾ de Nova Iorque não podiam com certeza ser melhores do que aqueles. Depois toda a gente começou a perguntar: quem eram eles?

Com as suas vestimentas e as caras enfarruscadas, fora difícil identificá-los. Laura tinha a certeza de que o sapateador era Gerald Fuller, pois uma vez vira-o dançar no passeio defronte da sua loja de ferragens. E ao lembrar-se das mãos mascarradas que vira a segurar os ossos compridos e achatados entre os dedos, e a entrechocá-los fora do compasso, quase juraria que esse negro era o pai — se tivesse barba comprida, claro.

— O Pá não podia ter cortado a barba, pois não? — perguntou à mãe, que lhe respondeu, horrorizada:

— Meu Deus, não! —E depois acrescentou:— Espero que não.

*1. Espectáculo de variedades que foi popular nos Estados Unidos e em que os participantes, geralmente com a cara enfarruscada de negro cantavam, dançavam e gracejavam, numa paródia à vida dos Negros. (N. da T.)

170

— O Pá deve ter sido um dos negros —disse Carrie—, pois não veio connosco.

— Sim, eu sei que ele andou a ensaiar para fazer parte do minstrel show — confirmou a mãe, a andar mais depressa.

— Mas nenhum dos negros tinha barba, Mãe — recordou-lhe Carrie.

— Valha-me Deus! —exclamou a mãe.— Oh, valha-me Deus! — Estivera tão entusiasmada que nem se lembrara disso. — Ele não fazia uma coisa dessas — murmurou, e depois perguntou a Laura: — Achas que faria?

— Não sei —respondeu Laura, a pensar que, para uma noite daquelas, o pai teria sacrificado até a barba; no entanto, não sabia ao certo.

Seguiram, apressadas, para casa. O pai não estava. Pareceu decorrer muito tempo — mais do que na realidade decorreu — até ele chegar e perguntar alegremente:

— Então, que tal o espectáculo?

A sua comprida barba castanha estava como sempre estivera.

— Que fez à sua barba? — perguntou Laura.

O pai fingiu-se surpreendido e intrigado e perguntou por sua vez:

— Porquê? Que tem a minha barba?

— Charles, serás a minha morte — disse a mãe, sem poder conter o riso.

Olhando com atenção, Laura viu uma manchazinha branca nas rugas de riso dos cantos dos seus olhos e descobriu um restinho de gordura muito preta na sua barba.

— Já sei! Enegreceu-a e escondeu-a atrás da gola alta! — afirmou, e ele não pôde negar: tinha sido o negro que entrechocava os ossos.

A mãe disse que uma noite assim sucedia uma vez na vida, e ficaram todos levantados até tarde, a falar do espectáculo. Não haveria mais serões literários naquele Inverno, pois a Primavera aproximava-se.

— Mudar-nos-emos para a reserva assim que a escola acabar — decidiu o pai. — Que dizem a isso, hem?

— Tenho de começar a arranjar as minhas sementes para a horta — disse a mãe, pensativamente.

— Ficarei contente por ir — disse Carrie. — A Graça e eu apanharemos outra vez violetas. Não ficarás contente, Graça! — Mas Graça estava quase a dormir ao colo da mãe, na cadeira de balanço, e limitou-se a abrir um olho e a murmurar:

— Vi'letas.

171

— E tu, Laura? — perguntou o pai. — Tenho andado a pensar que talvez preferisses ficar na cidade.

— Talvez — admitiu Laura. — Nunca imaginei que gostasse tanto de viver na cidade como gosto. Mas irá toda a gente para as suas reservas, durante todo o Verão... e nós voltaremos para a cidade no próximo Inverno, não voltaremos?

— Penso que sim — respondeu o pai. — Parece-me o melhor, já que não consigo alugar esta construção e é mais seguro para vocês irem para a escola. Embora, este Inverno, pudéssemos ter ficado na reserva. Enfim, as coisas são como são. Preparámo-nos para um Inverno duro e não houve nem uma nevasca para amostra.

Disse-o tão comicamente que desataram todas a rir.

Depois disso, tiveram de começar a pensar na mudança e, com o ar a aquecer e a cheirar a terra húmida, Laura sentiu menos inclinação do que nunca para estudar. Sabia que ficaria bem nos exames, embora as suas notas não fossem tão altas como deveriam ser.

Quando a consciência a atormentava, pensava, rebelde, que durante todo o Verão não veria Ida, nem Maria Power, nem Minnie, nem os rapazes. Prometeu a si mesma que no próximo Verão estudaria realmente a valer.

Nos exames não teve uma nota perfeita. Em História obteve apenas 99 e em Aritmética apenas 92 +. Foi isso que conseguiu e já nada o poderia modificar. De súbito, compreendeu que não poderia continuar a ser indulgente consigo própria. Já só faltavam dez meses para ter dezasseis anos. O Verão esperava-a, com céu azul e grandes nuvens brancas, as violetas a florir no chafurdo dos búfalos e as rosas bravas a salpicarem de pétalas a erva da pradaria, mas ela

teria de ficar em casa a estudar. Não podia deixar de ser. Se o não fizesse, talvez na próxima Primavera não conseguisse obter um certificado de professora e Maria poderia ter de deixar o colégio.

172

CAPÍTULO XXII - INESPERADAMENTE, EM ABRIL.

Estava tudo arrumado na pequena casa da reserva. Fora de casa, a neve desaparecera toda e uma névoa verde de erva nova cobria a pradaria. A terra lavrada, preta e perfumada, estendia-se sob o sol quente.

Nessa manhã, Laura estudara durante duas horas. Naquele momento, ao levantar a mesa do almoço, viu a ardósia e os livros escolares à sua espera e sentiu a brisa suave a tentá-la para dar um passeio com Carrie e Graça, no bom tempo primaveril. Mas sabia que tinha de estudar.

— Acho que esta tarde vou à cidade — disse o pai, ao pôr o chapéu. — Queres que te traga alguma coisa, Carolina?

De súbito, a brisa tornou-se gelada e Laura olhou muito depressa pela janela.

— Pá! Uma nuvem de nevasca!

— Não pode ser! Nesta altura de Abril? — redarguiu o pai, mas voltou-se, para ver com os seus olhos.

O sol extinguiu-se e o som do vento mudou. A tempestade atingiu a pequena casa. Uma brancura turbilhonante exerceu pressão contra a janela e o frio entrou.

— Pensando melhor, acho mais acertado ficar em casa esta tarde — comentou o pai.

Puxou uma cadeira para junto do fogão e sentou-se.

— Ainda bem que os animais estão todos no estábulo. Ia à cidade comprar cordas para os prender cá fora.

A Bichana estava desvairada. Era a primeira nevasca que conhecia e não sabia que fazer quando todo o seu pêlo se punha em pé e estalava. Ao tentar acalmá-la, Graça descobriu que o seu corpo soltava uma faísca,

173

quando lhe tocava. Não havia nada a fazer, a não ser não lhe tocar.

A nevasca durou três dias e três noites. O pai meteu as galinhas no estábulo, com medo de que gelassem. Estava tanto frio que os tristes dias eram passados junto ao fogão. Apesar de a luz ser fraca, Laura estudava obstinadamente Aritmética.

«Pelo menos, não me apetece passear», pensava.

No terceiro dia, a nevasca deixou a pradaria coberta de neve fina e dura, que ainda se mantinha quando, no dia seguinte, o pai foi à cidade. Voltou com a notícia de que se tinham perdido dois homens na nevasca.

Tinham chegado do Leste no comboio, na quente manhã primaveril, e haviam ido de carroção visitar uns amigos numa reserva a sul da cidade. Pouco antes do meio-dia, tinham partido a pé, para outra reserva a três quilómetros de distância.

Depois da nevasca, toda a vizinhança saíra à sua procura e encontrara-os,

gelados, ao lado de uma meda de feno.

— Como eram do Leste, não souberam que fazer — observou o pai.

Se tivessem aberto um buraco no feno, entrado para o interior da meda e tapado de novo o buraco, ter-se-iam aquecido um ao outro e talvez tivessem sobrevivido à nevasca.

— Mas quem ia esperar uma nevasca assim, tão tarde? — perguntou a mãe.

— Ninguém sabe o que pode acontecer — comentou o pai. — A única coisa a fazer é prepararmo-nos para o pior. Assim temos alguns motivos para ter esperança de que tudo corra bem.

Laura contrapôs:

— O Pá preparou-se para o pior, no Inverno passado, e todo esse trabalho se perdeu. Não houve uma única nevasca, a não ser quando estávamos outra vez aqui... e desprevenidos.

— Parece que está escrito que as nevascas têm de nos apanhar, à ida ou à vinda

— quase concordou o pai.

— Não vejo como pode alguém estar preparado seja para o que for — insistiu

Laura. — Quando esperamos uma coisa, acontece sempre outra.

— Laura... — admoestou a mãe.

— Mas é assim, Ma — protestou Laura.

— Não é. Até o tempo tem mais senso do que pareces atribuir-lhe. Só há nevascas em regiões de nevascas. Podes estar bem preparada para ser professora e não o seres, mas se não estiveres preparada, então é certo que não o serás.

Era realmente assim. Mais tarde, Laura lembrou-se de que a mãe tinha sido professora. Nessa noite, quando largou os livros para ajudar a mãe a fazer o jantar, perguntou-lhe:

— Quantos períodos escolares ensinou, Ma?

— Dois.

— Que aconteceu depois?

— Conheci o teu pai.

— Ah!

Laura pensou, esperançada, que talvez também conhecesse alguém. Talvez, no fim de contas, não tivesse de ser sempre professora.

174 - 175

CAPÍTULO XXIII - A ESCOLA RECOMEÇA.

Depois, pareceu a Laura que não fez outra coisa além de estudar durante todo aquele longo Verão. Claro que não foi assim. De manhã tirava água do poço, ordenhava, mudava as cordas que prendiam os animais e ensinava o novo bezerro a beber. Trabalhou na horta e em casa e no tempo do feno calçou as grandes cargas de feno que o pai transportou para a cidade. Mas as longas e abafadas horas] passadas com os livros e a ardósia pareceram sobrepor-se a tudo o mais. Não foi à cidade nem no 4 de Julho. Carrie foi com o pai e a mãe, mas Laura ficou em casa, para tomar conta de Graça e estudar a Constituição.

Chegavam frequentes cartas de Maria e todas as semanas lhe era enviada em troca uma longa carta. Até Graça já sabia escrever umas cartas pequeninas, que a mãe lhe ensinara, e essas eram também enviadas a Maria com as outras.

As galinhas já punham. A mãe guardou os melhores ovos para os deitar e nasceram vinte e quatro pintos. Os ovos mais pequenos, das frangas, eram cozinhados e comidos, e num almoço de domingo comeram frango frito com as primeiras ervilhas e batatas novas. A mãe deixou crescer os outros frangos. Teriam mais que comer, mais tarde.

Os géomis voltaram e a Bichana engordou, no campo de milho. I Como não conseguia comer todos quantos caçava, a toda a hora depositava aos pés da mãe, de Laura, de Carrie ou de Graça, a ronronar orgulhosamente, um géomis acabado de matar. Desejava compartilhar a sua boa comida e o seu olhar intrigado demonstrava claramente que não compreendia por que motivo a família toda não comia géomis.

Os melros também voltaram. Embora não fossem tantos como no ano anterior e a Bichana apanhasse alguns, mesmo assim causaram bastantes estragos. Chegou de novo o suave tempo outonal e Laura e Carrie foram a pé para a escola.

Havia mais gente na cidade e em toda a região circundante. A escola estava tão cheia que não havia nem uma carteira vaga e, nalgumas da frente, chegavam a sentar-se três dos alunos mais pequenos.

Havia um novo professor: o Sr. Owen, filho do Sr. Owen cujos cavalos baios quase tinham ganho a corrida de 4 de Julho. Laura gostava dele e respeitava-o muito.

Não era muito velho, mas era sério, trabalhador e empreendedor.

Dirigiu a escola com pulso firme desde o primeiro dia. Todos os alunos se mostravam obedientes e respeitadores e todas as lições eram completamente aprendidas. No terceiro dia de aulas, o Sr. Owen açoitou Willie Oleson.

Durante algum tempo, Laura não soube que pensar daquele castigo. Willie era esperto, mas nunca aprendia as lições. Quando era chamado para ler, a boca abria-se-lhe e fugia-lhe dos olhos todo o entendimento. Parecia menos ainda do que atrasado mental, quase nem parecia humano. Vê-lo assim aborrecia toda a gente.

Tinha começado a fazer aquilo para arreliar Miss Wilder. Parecia incapaz de se concentrar o suficiente para compreender o que ela lhe dizia. Ao intervalo, voltava a fazer o mesmo, para divertir os outros rapazes. No tempo do Sr. Clewett, este julgou que Willie era atrasado mental e não exigiu nada dele. O hábito apoderou-se de tal modo de Willie que se podia vê-lo a qualquer hora do dia de boca aberta e olhos vazios. Laura estava convencida de que a inteligência de Willie o abandonava por completo nessas alturas.

A primeira vez que Willie olhou vagamente para o Sr. Owen, foi quando o seu nome foi chamado, para o livro da escola. O Sr. Owen surpreendeu-se e Nellie falou pelo irmão: «É meu irmão, Willie Oleson, e não sabe responder a perguntas. Confundem-no.»

Nesse dia e no seguinte, Laura viu o Sr. Owen olhar diversas vezes, vivamente, para Willie, que estava sempre de boca aberta e olhar vago. Quando foi chamado para ler, Laura não pôde suportar o aspecto da sua cara idiota. No terceiro dia, o Sr. Owen disse, calmamente:

— Vem comigo, Willie.

Levava o ponteiro na mão. Com a outra mão a agarrar firmemente o ombro de Willie, levou-o para a entrada e fechou a porta. Não disse nada. Do seu lugar, que era o mais próximo da porta,

176 - 177

Ida e Laura ouviram o silvar e o bater do ponteiro. Toda a gente ouviu os gritos de Willie.

O Sr. Owen voltou tranquilamente com o rapaz.

— Deixa-te de lamúrias — ordenou-lhe. — Vai para o teu lugar e estuda. Espero que saibas dizer as tuas lições.

Willie deixou de chorar e foi para o seu lugar. Depois disso, um olhar do Sr. Owen apagava parte da expressão idiota da cara de Willie, que parecia tentar pensar e comportar-se como os outros rapazes. Laura perguntou muitas vezes a si mesma se ele conseguiria pôr o juízo no seu lugar, depois de o ter feito em cacos. Mas, pelo menos, Willie tentava. Tinha medo de não tentar.

Laura e Ida, Maria Power e Minnie e Nellie Oleson tinham conservado os seus antigos lugares. Estavam todas bronzeadas do sol do Verão, excepto Nellie, que estava mais pálida e senhoril do que nunca. As suas roupas eram tão bonitas, embora a mãe as fizesse de vestidos velhos, que Laura se sentia cada vez mais descontente com o seu vestido castanho, da escola, e com o seu vestido de casimira azul, que era o melhor de todos. Não se queixava, claro, mas vontade não lhe faltava.

A moda dos arcos chegara, finalmente, e a mãe comprou-lhe um conjunto. Deitou a bainha do vestido castanho abaixo e modificou-o tão bem que pôde fácil e perfeitamente ser usado sobre arcos. O vestido de casimira azul, de saia farta, nem precisou de ser modificado. Mesmo assim, Laura tinha a impressão de que todas as outras raparigas andavam mais bem vestidas do que ela.

Maria Power tinha um vestido novo para a escola. Minnie Johnson tinha um casaco e umas botinas novos. As roupas de Ida vinham de uma barrica de missionários, mas Ida era tão gentil e alegre que ficava adorável fosse com o que fosse. Quando se vestia para ir para a escola, parecia a Laura que quanto mais cuidava da sua aparência, pior ela ficava.

— O teu espartilho está muito largo — disse a mãe, uma manhã, a tentar ajudá-la.

— Puxa bem as fitas, aperta-as mais, e a tua figura ficará mais perfeita. E também não me consigo convencer de que uma «franja de maluca» seja a melhor maneira de te penteares. As orelhas de qualquer rapariga parecem maiores com o cabelo penteado para trás, por cima delas, e essa mata de franja na testa.

A mãe estava ansiosa por ser prestável, mas qualquer pensamento súbito fê-la rir docemente.

— Que é, Ma? Diga-nos! — pediram Laura e Carrie.

— Lembrei-me da ocasião em que a vossa tia Elisa e eu penteámos o cabelo deixando as orelhas descobertas e fomos assim para a escola.

178

A professora chamou-nos à secretária e envergonhou-nos diante da classe toda

por sermos tão pouco senhoris e tão ousadas ao ponto de deixarmos as orelhas à vista. — A mãe voltou a rir docemente.

— É por essa razão que usa sempre esses bandós macios por cima das orelhas? — perguntou Laura.

A mãe pareceu um pouco surpreendida e respondeu, ainda a sorrir:

— Sim, creio que é.

A caminho da escola, Laura disse:

— Carrie, sabes que não vi nem uma única vez as orelhas da mãe?

— E provavelmente são bonitas — comentou Carrie. — Tu pareces-te com ela e as tuas orelhas são pequenas e bonitas.

— Bem... — começou Laura.

Mas em vez de concluir a frase começou a andar à roda, pois o vento forte que soprava fazia com que os arames dos arcos da saia subissem lentamente, debaixo das saias, até ficarem todos juntos à volta dos joelhos. Por isso, tinha de andar à roda, até os arames se soltarem e descerem para o fundo das saias, onde era o seu lugar.

Quando se puseram de novo a caminho, observou:

— Acho que era idiota, a maneira como se vestiam quando a mãe era rapariga. Não te parece? Maldito vento! — exclamou, quando os arcos começaram outra vez a subir.

Carrie ficou parada, calmamente, enquanto Laura andava à roda.

— Ainda bem que não tenho idade para ter de usar arcos — declarou. — Deixar-me-iam tonta.

— São um grande transtorno — admitiu Laura. — Mas estão na moda e com a minha idade deseja-se andar à moda.

Viver na cidade, naquele Outono, era tão emocionante que o pai disse não haver necessidade de serões literários. Havia igreja todos os domingos e reuniões para rezar todas as quartas-feiras, à noite. O Auxílio Feminino planeou duas reuniões sociais e falava-se de uma árvore de Natal. Laura desejava que a fizessem, pois Graça nunca vira uma árvore de Natal. Em Novembro haveria uma semana de encontros revivalistas na igreja, e o Sr. Owen, com a aprovação da junta escolar, andava a planear uma récita escolar.

Continuaria a haver aulas ininterruptamente até à récita, que seria imediatamente antes do Natal. Assim, os rapazes crescidos não esperaram pelo Inverno e começaram a frequentar a escola em Novembro. Os alunos mais pequenos tiveram de se sentar a três e três nas carteiras, a fim de arranjar espaço para eles.

179

— Esta escola precisa de um edifício maior — disse, um dia, no intervalo, o Sr. Owen a Laura e Ida. — Espero que a cidade possa construir um no próximo Verão. Há, até, necessidade de uma escola elementar. Estou a contar muito com a récita para dar a conhecer às pessoas a escola e as suas necessidades.

Depois disso, disse a Laura e a Ida que o seu papel na récita consistiria em recitarem toda a história americana de memória.

— Oh, Laura, achas que seremos capazes? — perguntou Ida, preocupada, quando ele as deixou.

— Oh, somos! — afirmou Laura. — Sabes que gostamos de História.

— De qualquer modo, ainda bem que te caberá a maior parte. Eu só precisarei de decorar de John Quincy Adams a Rutherford B. Ha-yes, mas tu terás de decorar tudo a respeito das descobertas, do mapa, das batalhas, da Reserva Ocidental e da Constituição. Palavra que não sei como conseguirás.

— É uma parte maior, mas estudámo-la mais e revimo-la mais frequentemente — respondeu Laura; estava satisfeita por lhe calhar essa parte, que considerava mais interessante.

As outras raparigas falavam interessadamente dos encontros revivalistas. Toda a gente da cidade e da região vizinha iria. Laura não compreendeu porquê, pois nunca fora a um encontro revivalista, mas quando disse que ficaria em casa, a estudar, Nellie exclamou, horrorizada:

— As pessoas que não vão a encontros revivalistas são ateias! As outras não disseram uma palavra em defesa de Laura e os olhos castanhos de Ida suplicavam, ansiosos, quando perguntou:

— Vais, não vais, Laura?

Os encontros revivalistas durariam uma semana inteira e, além das lições diárias, Laura teria de se preparar para a récita escolar. Na segunda-feira, à noite, correu da escola para casa, a fim de estudar até à hora do jantar; pensou na História enquanto lavava a louça e depois aproveitou ainda um bocadinho para estudar, enquanto os pais se vestiam.

— Despacha-te, Laura, ou chegaremos atrasados! São horas de ir para a igreja, agora — disse a mãe.

Defronte do espelho, Laura pôs apressadamente o seu querido chapéu de veludo castanho e afofou a franja. A mãe esperava à porta, com Carrie e Graça. O pai fechou a tiragem do fogão e baixou a torcida do candeeiro.

— Estão todas prontas? — perguntou, e depois apagou o candeeiro.

Saíram todos, alumiados pela luz da sua lanterna, e ele fechou a porta à chave.

Não havia nem uma janela iluminada na Rua Principal. Atrás da Loja de Ferragens Fuller, as últimas lanternas atravessavam os lotes vagos, na direcção da igreja brilhantemente iluminada, à volta da qual se encontravam muitos carroções, buggies e cavalos cobertos por mantas.

A igreja estava apinhada e quente dos muitos candeeiros e do aquecedor a carvão. Os homens idosos estavam reunidos à volta do púlpito, as famílias ocupavam os lugares do meio e os jovens e os rapazes enchiam os bancos de trás. Laura viu toda a gente que conhecia e muitos desconhecidos, enquanto o pai subia à coxia, à procura de um lugar vago. Parou perto do banco da frente e a mãe e Graça, e depois Carrie e Laura, passaram o melhor que puderam pela frente dos joelhos dos que estavam sentados e sentaram-se também.

O reverendo Brown levantou-se da sua cadeira atrás do púlpito e indicou um hino, o n.º 154. A Sr.ª Brown começou a tocar órgão e toda a gente se levantou e cantou.

Noventa e nove estavam em segurança
No abrigo do redil,
Mas uma estava fora, nos montes,
Distante das portas de ouro,
Longe, nas montanhas agrestes e nuas,
Longe do terno cuidado do pastor.

Se um encontro revivalista não fosse outra coisa além de cantar, Laura teria adorado, embora achasse que deveria estar a estudar e não a perder tempo com divertimentos. A sua voz ergueu-se, clara e forte como a do pai, ao cantarem:

Rejubilai, pois o Senhor encontrou o que Lhe pertence!

Depois começou a longa oração. Laura baixou a cabeça e fechou os olhos, enquanto a voz áspera do reverendo Brown soava monocórdica e interminavelmente. Foi um grande alívio levantarem-se, por fim, e cantarem de novo. Desta vez era um hino com laivos de dança e um ritmo vibrante:

Lançando a semente à claridade do dia, Lançando a semente ao calor da tarde,
Lançando a semente ao suave crepúsculo,

180 - 181

Lançando a semente na noite solene, Oh, que será a colheita, Oh, que será a colheita?

A pregação do reverendo Brown acompanhava o ritmo vibrante e os laivos de dança do hino. A sua voz subia e descia, ribombava e tremia. As suas hirsutas sobranceiras brancas erguiam-se e baixavam-se e o seu punho batia no púlpito: «Arrependei-vos, arrependei-vos enquanto é tempo, enquanto é tempo de serdes salvos da dana-ção!», clamava.

Laura sentiu calafrios na espinha e no couro cabeludo. Parecia-lhe que sentia subir de toda aquela gente qualquer coisa negra e assustadora, qualquer coisa que crescia, crescia, sob a voz fustigante. As palavras já não faziam sentido, não eram frases, eram apenas palavras terríveis. Durante um horrível instante, imaginou que o reverendo Brown era o Diabo. Os seus olhos tinham chamas. — Aproximai-vos, aproximai-vos e sede salvos! Vinde à salvação! Arrependei-vos, pecadores! Erguei-vos, erguei-vos e cantai! Oh, ovelhas perdidas! Fugi da ira! Navegai, navegai para a costa! — As suas mãos fizeram-nos todos levantar-se e a sua voz forte cantou:

Navega para a costa, marinheiro! Navega para a costa!

— Vinde! Vinde! — rugia a sua voz através da tempestade do canto, e alguém — um homem novo — aproximou-se cambaleante, pela coxia.

Não lighes aos ventos tempestuosos Por muito alto que rujam.

— Deus te abençoe, Deus te abençoe, meu irmão pecador, de joelhos e que Deus te abençoe! Não há mais? Não há mais? — O reverendo Brown gritava e a sua voz voltou a entoar o hino: Navega para a costa...

As primeiras palavras do hino tinham dado a Laura vontade de rir. Recordara-se do homem alto e magro e do homem baixinho e gordo, a cantá-lo tão solenemente, enquanto os lojistas espreitavam pelas suas portas de rede rasgadas. Agora, porém, apercebia-se de que todo aquele ruído e excitação a não tocavam.

Olhou para os pais. Estavam de pé, a cantar serenamente, enquanto aquela coisa negra e sinistra que ela pressentira rugia a toda a volta, como uma nevasca.

Outro homem novo e depois uma mulher mais velha avançaram e ajoelharam. Por fim, o serviço terminou, mas foi como se não terminasse. Havia pessoas que empurravam, para se comprimirem à volta daquelas três criaturas e lutarem pelas suas almas. Em voz baixa, o pai disse à mãe:

— Vamo-nos embora.

Levou Graça pela coxa abaixo, na direcção da porta. A mãe seguia-o com Carrie e Laura ia logo atrás. Nos bancos de trás, todos os homens novos e os rapazes estavam de pé, a ver as pessoas passar. O receio que Laura tinha de desconhecidos apoderou-se dela e a porta aberta, em frente, pareceu-lhe um refúgio dos seus olhos.

Nem notou que lhe tocavam na manga do casaco, até ouvir uma voz perguntar:

— Posso acompanhá-la a casa? Era Almanzo Wilder.

Laura ficou tão surpreendida que não foi capaz de dizer uma palavra. Nem sequer de abanar a cabeça ou acenar a anuir. Não conseguia pensar. A mão dele permaneceu no seu braço e ele saiu a porta com ela e protegeu-a dos empurrões na entrada cheia de gente.

O pai acabava de acender a lanterna. Baixou a chaminé e levantou a cabeça, precisamente quando a mãe se virava para trás e perguntava: «Onde está a Laura?» Viram-na ambos com Almanzo Wilder a seu lado, e a mãe parou, petrificada.

— Vamos, Carolina — disse o pai.

A mãe seguiu-o e, após um olhar arregalado, Carrie fez o mesmo.

O chão encontrava-se branco de neve e estava frio, mas não soprava vento e as estrelas brilhavam, luminosas, no céu.

Não ocorria a Laura nenhuma palavra para dizer. Desejava que o Sr. Wilder dissesse qualquer coisa. Do seu grosso sobretudo de fazenda desprendia-se um cheiro a fumo de charuto. Era agradável, mas não tão familiar como o cheiro do cachimbo do pai. Era um cheiro mais ousado, que a fez pensar em Cap e no jovem Wilder a lançarem-se naquela viagem temerária para trazerem o trigo para a cidade. Enquanto pensava nisso tudo, tentava também encontrar qualquer coisa para dizer.

Para sua completa surpresa, ouviu a sua voz:

— Pelo menos não há nenhuma nevasca.

— Não. Este é um Inverno agradável, nada parecido com o Inverno duro — respondeu ele.

Voltou o silêncio, quebrado apenas pelo ranger dos seus passos no caminho coberto de neve.

Na Rua Principal, grupos escuros apressavam-se para casa,

com lanternas que projectavam grandes sombras. A lanterna do pai atravessou a rua, a direito. Os pais, Carrie e Graça chegaram a casa e entraram.

Laura e Almanzo pararam do lado de fora da porta fechada.

— Bem, boas noites — disse ele, ao mesmo tempo que recuava um passo e tirava o boné. — Vejo-a amanhã à noite.

— Boas noites — respondeu Laura, ao mesmo tempo que abria rapidamente a porta.

O pai tinha a lanterna levantada, enquanto a mãe acendia o candeeiro, e dizia:

— ...confio nele seja onde for, e tratou-se apenas de a acompanhar da igreja a casa.

— Mas ela tem só quinze anos! — exclamou a mãe.

Depois a porta fechou-se e Laura entrou na sala quente. O candeeiro estava aceso e estava tudo bem.

— Então, que pensaste do encontro revivalista? — perguntou o pai, e Laura respondeu:

— Não se parece muito com os sermões tranquilos do reverendo Alden. Gosto mais deles.

— Também eu — afirmou o pai, e a mãe disse que já passava da hora de se deitarem.

No dia seguinte, Laura perguntou diversas vezes a si mesma o que quisera o jovem Sr. Wilder dizer quando declarara que voltaria a vê-la naquela noite. Não sabia por que motivo ele a acompanhara a casa. Fora um procedimento estranho, pois ele era um adulto. Tinha uma reserva havia vários anos, o que significava que devia ter pelo menos vinte e três anos. E era mais amigo do pai do que dela. Nessa noite, na igreja, não prestou atenção nenhuma ao sermão. Só desejou não precisar de estar ali, ali onde tanta gente se excitava exageradamente. Ficou satisfeita quando ouviu o pai dizer outra vez:

— Vamos.

Almanzo Wilder estava na fila de homens novos, perto da porta, e Laura sentiu-se embaraçada. Reparou que diversos jovens acompanhavam diversas jovens a casa, sentiu as faces corar e não soube para onde olhar. Ele voltou a perguntar:

— Posso acompanhá-la a casa?

E desta vez ela respondeu, cortesmente:

— Pode.

Tinha pensado no que poderia ter dito na noite anterior e, por isso, naquela falou do Minesota. Ela viera de Plum Creek e ele de Spring Valley, mas antes disso ele vivera no estado de Nova Iorque, em Malone. Laura achou que manteve a conversa muito bem, até chegarem à porta e poder dizer:

— Boas noites.

Todas as noites dessa semana ele acompanhou-a do encontro revivalista a casa. Ela continuava sem compreender porquê. Mas a semana passou depressa e ela pôde voltar de novo a dedicar os serões ao estudo. E, no meio do medo que tinha da récita escolar, esqueceu-se de se interrogar acerca de Almanzo.

CAPÍTULO XXIV - A RÉCITA ESCOLAR.

A sala estava quente e o candeeiro brilhava, a iluminá-la, mas os dedos gelados de Laura tiveram dificuldade em abotoar o vestido de casimira azul e pareceu-lhe que o espelho estava baço. Estava a vestir-se para a récita escolar.

Temera-a durante tanto tempo que, naquele momento, não lhe parecia real. Mas era. Tinha de encontrar coragem para aquela provação.

Carrie também estava assustada. Tinha os olhos muito grandes no rosto magro e murmurava, baixinho: «De cinzel na mão estava um jovem escultor...», enquanto Laura lhe atava o laço nas tranças. A mãe fizera um vestido novo, de bonito xadrez de lã, para Carrie estrear na récita.

— Ma, por favor, ouça-me dizer outra vez os meus versos — suplicou.

— Não há tempo, Carrie — respondeu a mãe. — Mesmo assim, já não estamos muito adiantadas. Estou certa de que os sabes perfeitamente bem. Ouvir-te-ei dizê-los no caminho. Estás pronta, Laura?

— Sim, Ma — respondeu, em voz fraca.

A mãe apagou o candeeiro. Na rua, soprava um vento frio e a neve branca voava, rente ao chão. O vento açoitava as saias de Laura, cujos arcos subiam irritantemente, e ela receava que a franja estivesse a perder o encaracolado.

Tentou desesperadamente lembrar-se de tudo o que teria de dizer, mas não conseguiu ir além de: «A América foi descoberta por Cristóvão Colombo em 1492. Colombo, natural de Génova, na Itália...» Carrie recitava, ofegante: «Aguardando a hora em que, por mando de Deus...»

O pai observou:

— Ena, iluminaram a igreja!

Tanto a escola como a igreja estavam iluminadas. Uma fila densa e escura de pessoas, com manchas de luz amarela das lanternas, dirigia-se para a igreja.

— Que se passa? — perguntou o pai, e o Sr. Bradley respondeu-lhe:

— Veio tanta gente que não cabe toda na escola. O Owen está a transferir-nos para a igreja.

— Ouvi dizer que esta noite nos vais dar um verdadeiro prazer, Laura — observou a Sr.a Bradley.

Laura não soube que responder. Estava a pensar: «Cristóvão Colombo, natural de Génova, na Itália... A América foi descoberta por Cristóvão Colombo em 1492. Cristóvão Colombo...» Tinha de deixar Cristóvão Colombo para trás; não podia emperrar ali.

No vestíbulo da igreja estava uma multidão tão grande que ela temeu ficar com os arcos de arame amolgados e deformados. Já não havia espaço para pendurar mais agasalhos. As coxias estavam cheias de gente que tentava arranjar lugar. O Sr. Owen repetia:

— Estes lugares da frente estão reservados para os alunos. Alunos, por favor, venham para estes lugares.

A mãe disse que tomaria conta dos agasalhos. Ajudou Carrie a tirar o casaco e o capuz, enquanto Laura despia o seu, tirava o chapéu e tocava nervosamente na franja.

— Carrie, basta que digas os versos tão bem como tens dito até aqui — recomendou a mãe, enquanto lhe endireitava a farta saia de xadrez. — Sabes os teus versos muito bem.

— Sim, Mãe — murmurou Carrie.

Laura não podia falar. Meio atordoadada, conduziu Carrie pela coxa acima. No caminho, a irmã encostou-se mais a ela e perguntou, suplicante:

— Pareço bem?

Laura olhou para os olhos redondos e assustados da garota e endireitou-lhe uma madeixa de cabelo louro que lhe caíra para a testa. O cabelo de Carrie ficou perfeitamente liso, do risco ao meio para as duas tranças rígidas, que lhe pendiam pelas costas.

— Agora estás muito bem! — respondeu Laura. — O teu vestido novo é muito bonito. — A voz, de tão serena, não parecia dela.

O rosto de Carrie iluminou-se e ela abriu caminho, pela frente do Sr. Owen, para junto dos seus companheiros de classe, na primeira fila.

O Sr. Owen disse a Laura:

— Os retratos dos presidentes vão ser postos aqui na parede, exactamente como estavam na escola. O meu ponteiro está no púlpito.

186 - 187

Quando chegares a George Washington, pega no ponteiro e aponta para cada presidente, à medida que fores falando deles. Isso ajudar-te-á a recordar a ordem certa.

— Sim, senhor — respondeu Laura, mas compreendeu que o professor também estava preocupado; era imperioso que ela não falhasse, pois a parte que lhe competia era a principal da récita.

— Ele disse-te do ponteiro? — segredou Ida, quando Laura se sentou ao lado dela.

Ida parecia uma cópia baça da rapariga feliz que era habitualmente. Laura acenou com a cabeça e olharam para Cap e Ben, que estavam a pendurar os retratos dos presidentes na parede de madeira. O púlpito tinha sido empurrado para trás, contra a parede, para deixar o estrado livre. Via-se, em cima dele, o comprido ponteiro da escola.

— Sei que tu és capaz de dizer a tua parte, mas eu estou assustada — confessou Ida, com a voz a tremer.

— Não estarás, quando chegar a tua altura — encorajou-a Laura. — Temos sido sempre boas em História. É mais fácil do que os cálculos mentais que temos de fazer.

— Ainda bem que te calha o princípio — disse Ida. — Isso é que eu não poderia fazer, não poderia.

Laura Ficara satisfeita por lhe calhar essa parte, visto ser mais interessante. Mas agora já não sabia, na sua cabeça só havia uma grande confusão. Continuou a tentar lembrar-se de toda aquela porção de história, embora soubesse que já era tarde de mais. Mas tinha de se lembrar. Não ousava falhar.

— Silêncio, por favor — pediu o Sr. Owen, e começou a récita escolar.

Nellie Oleson, Maria Power, Minnie, Laura, Ida, Cap, Ben e Ar-thur subiram para o

estrado. Arthur levava sapatos novos e um deles rangia. Em fila, ficaram de frente para a igreja, cheia de olhos vigilantes. Mas Laura só via vultos, uma vaga mancha. Rapidamente, o Sr. Owen começou a fazer perguntas. Laura não estava assustada. Não lhe parecia real que se encontrasse de pé, no brilho das luzes, com o seu vestido de casimira azul e a recitar Geografia. Seria uma vergonha não responder ou responder mal diante daquela gente toda e dos pais, mas não estava assustada. Parecia tudo um sonho que sonhava meio acordada, e durante todo o tempo só pensou numa coisa: «A América foi descoberta por Cristóvão Colombo...» Não cometeu um único erro em Geografia. Soaram aplausos, quando essa parte terminou. Depois foi gramática. Era mais difícil, porque não havia quadro.

188

Tornava-se mais fácil analisar gramaticalmente cada palavra de um trecho longo e complexo, cheio de frases adverbiais, quando se via o trecho escrito na ardósia ou no quadro. Já o não era tanto quando se tinha de fixar mentalmente o trecho todo e não omitir uma palavra, nem sequer uma vírgula. Mesmo assim, só a Nellie e o Arthur cometeram erros. O cálculo mental foi ainda mais difícil. Laura não gostava de Aritmética. O seu coração bateu desesperadamente quando chegou a sua vez e teve a certeza de que falharia. Estupefacta, ouviu a sua voz a enunciar fluentemente as operações de problemas de divisão. «Divida 347 264 por 16. Em 34 há duas vezes 16, sobram 2 e baixa o 7; em 27 há uma vez 16, sobram 11 e baixa o 2; em 112 há sete vezes 16, não sobra nada, baixa o 6, não pode haver e baixa o 4; em 64 há quatro vezes 16 e não sobra nada. 347 264 a dividir por 16, igual a 21 704.»

Não precisou de multiplicar para saber que a resposta estava certa. Soube que estava porque o Sr. Owen apresentou outro problema. Por fim, o professor disse: — A classe pode voltar para os seus lugares. No meio de estrondosos aplausos, viraram-se todos e voltaram para os seus lugares. Chegara a vez dos alunos mais novos. E depois seria de novo a de Laura.

Enquanto, um após outro, as raparigas e os rapazes eram chamados ao estrado e recitavam, Laura e Ida estavam muito quietas e cheias de medo. Toda a história que Laura sabia lhe percorria loucamente a cabeça. «A América foi descoberta... O Congresso das Colónias Confederadas em Filadélfia... "Só há nesta petição uma palavra que desaprovo, e essa palavra é Congresso..." O Sr. Benjamin Harrison levantou-se e disse: "Só há neste documento uma palavra que eu aprovo, Sr. Presidente, e a palavra é Congresso." [...] "E Jorge III [...] pode tirar proveito do seu exemplo. Se isto é traição, cavalheiros, tirai dela o melhor partido!" [...] Dai-me liberdade ou morte. [...] Consideramos estas verdades auto-evidentes. [...] Os seus pés deixavam rastros de sangue na neve. [...]» De súbito, Laura ouviu o Sr. Owen chamar: — Carrie Ingalls.

Carrie tinha o rosto magro pálido e tenso quando abriu caminho para a coxia. Todos os botões das costas do seu vestido de xadrez estavam abotoados para dentro. Laura devia-se ter lembrado de a abotoar, mas não lembrara, deixara a pobre Carrie arranjar-se sozinha o melhor que pudera.

Carrie parou muito direita, com as mãos atrás das costas e os olhos fixos acima

da multidão. Foi em voz clara e suave que recitou:

189

De cinzel na mão estava um jovem escultor Com o seu bloco de mármore à frente.
Um sorriso de alegria iluminou-lhe o rosto Quando um sonho angelical o visitou.
Esculpiu esse sonho na pedra dócil Com muitas incisões profundas; Banhava-o a
luz do próprio Céu: Soubera captar essa visão angelical.

Escultores da vida somos nós quando,
Com as nossas vidas por esculpir à nossa frente,
Aguardamos a hora em que, por mando de Deus,
O sonho da nossa vida nos visitará.
Esculpamo-lo então na pedra dócil
Com muitas incisões profundas.
A sua beleza celestial será nossa,
As nossas vidas, essa visão angelical.

Não hesitou nem uma vez e não se enganou numa única palavra. Laura sentiu-se orgulhosa e Carrie corou ao dirigir-se, sorridente, para o seu lugar, no meio de muitas palmas.

Então o Sr. Owen disse:

— Agora vamos escutar um apanhado da história do nosso país desde a sua descoberta até ao presente, feito por Laura Ingalls e Ida Wright. Podes começar, Laura.

Chegara o momento. Laura levantou-se e não soube como chegou ao estrado. Foi lá parar, fosse como fosse, e a sua voz começou:

— A América foi descoberta por Cristóvão Colombo em 1492. Cristóvão Colombo, natural de Génova, na Itália, solicitara durante muito tempo permissão para fazer uma viagem rumo ao Ocidente, a fim de descobrir uma nova rota para a Índia.

Nesse tempo, a Espanha era governada pelas coroas unidas de...

A voz tremia um pouco. Ela firmou-a e prosseguiu, cautelosamente. Não lhe parecia real estar ali, com o seu vestido de casimira azul todo tufado pelos arcos, o alfinete de madrepérola da mãe a prender-lhe a cascata de renda que lhe descia do pescoço e a franja húmida, na testa.

Falou dos exploradores franceses e espanhóis e dos seus colonatos, da colónia perdida de Raleigh, das companhias mercantis inglesas na Virgínia e no Massachusetts, do holandês que comprara a ilha de Manhattan e povoara o vale de Hudson.

190

Ao princípio, falava para vultos, mas depois começou a ver rostos. O do pai sobressaía de todos os outros. Os seus olhos encontraram os dela e brilharam, enquanto ele acenava devagarinho com a cabeça.

Depois lançou-se realmente na grande história da América. Falou da nova visão de liberdade e igualdade do Novo Mundo, falou dos velhos regimes opressores da

Europa e da guerra contra a tirania e o despotismo, da guerra pela independência dos treze novos estados e de como a Constituição tinha sido redigida e esses treze estados unificados. Em seguida, pegou no ponteiro e apontou para George Washington.

Não se ouvia um som, a não ser o da sua voz, enquanto falou da sua mocidade de rapaz pobre, do seu trabalho como agrimensor, da sua derrota pelos Franceses em Forte Duquesne e depois dos seus longos e desencorajadores anos de guerra. Falou da sua eleição unânime como primeiro presidente, o pai do seu país, e das leis aprovadas pelos primeiro e segundo Congressos, assim como da abertura do Território do Noroeste. Seguidamente, depois de John Adams, foi a vez de Jefferson, que escreveu a Declaração de Independência, estatuiu a liberdade religiosa e a propriedade privada na Virgínia, fundou a Universidade da Virgínia e comprou para a nova nação toda a terra entre o Mississippi e a Califórnia. Seguiu-se Madison, a guerra de 1812, a invasão, a derrota, o incêndio do Capitólio e da Casa Branca em Washington, as valorosas batalhas navais travadas por marinheiros americanos nos poucos navios da América e, por fim, a vitória que deu direito à independência.

Seguiu-se Monroe, que ousou dizer a todas as nações mais velhas e mais fortes, e aos seus tiranos, que não voltassem a invadir o Novo Mundo. Andrew Jackson partiu do Tenessi, combateu com os Espanhóis e tomou a Florida, mas depois os honestos Estados Unidos pagaram-na à Espanha. Em 1820 começaram tempos duros. Todos os bancos faliram, todos os negócios pararam, toda a gente ficou sem emprego e sem pão.

Laura mudou o ponteiro para o retrato de John Quincy Adams. Falou da sua eleição; falou dos Mexicanos, que também tinham travado uma guerra pela independência e haviam ganhado, de modo que podiam agora negociar onde lhes apetecesse. Por isso, tinham partido do Missouri os negociantes de Santa Fé, os quais atravessaram mais de mil e quinhentos quilómetros de deserto para transaccionarem com o México. Depois tinham e'ntrado no Cansas as primeiras rodas de carroções.

191

Laura terminara. O resto era com Ida.

Pousou o ponteiro e inclinou-se em silêncio. Uma grande trovoada de aplausos quase a fez saltar da pele para fora. O barulho aumentou, tornou-se cada vez mais forte, até ela ter a sensação de que tinha de lutar contra ele, de o empurrar, para chegar ao seu lugar. Mas os aplausos não pararam, nem sequer quando ela chegou finalmente ao seu lugar ao lado de Ida e se sentou, a sentir-se muito fraca. As palmas continuaram até o Sr. Owen as interromper.

Laura tremia toda. Desejava dizer uma palavra encorajadora a Ida, mas não foi capaz. Só conseguiu ficar sentada, descansar e sentir-se grata porque a provação terminara.

Ida foi muito bem e não cometeu um único erro. Laura gostou de ouvir os fartos aplausos que também foram concedidos à amiga.

Depois de o Sr. Owen dar por terminada a récita escolar, sair da igreja foi tarefa morosa. Parou toda a gente entre os bancos e as coxias, a falar da récita. Laura

percebeu que o Sr. Owen estava satisfeito.

— Bem, Meia Canequinha, saíste-te muito bem — disse o pai, quando Laura e Carrie conseguiram abrir caminho para junto dele e da mãe. — E tu também, Carrie.

— É verdade — confirmou a mãe. — Estou orgulhosa das duas.

— Lembrei-me de todas as palavras — disse Carrie, feliz. — Mas ainda bem que acabou! — exclamou, a respirar fundo.

— Eu digo o mesmo! — afirmou Laura, enquanto vestia o casaco.

Nesse momento, sentiu uma mão agarrar a gola, para a ajudar, e ouviu uma voz dizer:

— Boas noites, Sr. Ingalls.

Levantou a cabeça e deparou-se-lhe o rosto de Almanzo Wilder.

Nem ele nem ela disseram mais nada até estarem fora da igreja, a seguirem a lanterna do pai pelo caminho coberto de neve. O vento abrandara. O ar estava muito frio e parado e havia luar na neve.

Então Almanzo disse:

— Acho que lhe devia ter perguntado se a podia acompanhar a casa.

— Pois devia — concordou Laura. — Mas, de qualquer modo, aqui está a acompanhar-me.

— Foi tão difícil sair do meio daquela multidão... — explicou e, passados instantes, perguntou: — Posso acompanhá-la a casa?

Laura não pôde conter o riso e ele também se riu.

— Pode — respondeu Laura.

Perguntou de novo a si mesma porque faria ele aquilo, pois era muito mais velho do que ela. O Sr. Boast ou qualquer amigo do pai podia acompanhá-la a casa, em segurança, se o pai não estivesse presente para o fazer. Mas agora o pai estava ali. Achou que ele tinha um riso agradável. Parecia apreciar tudo. Provavelmente tinha os cavalos castanhos amarrados na Rua Principal e, por isso, de qualquer modo teria de ir por aquele caminho.

— Os seus cavalos estão amarrados na Rua Principal?

— Não. Deixei-os bem tapados do lado sul da igreja, fora do vento. — E acrescentou: — Estou a fazer um trenó puxado por cavalos.

Havia qualquer coisa no modo como ele o disse que deu a Laura uma esperança louca. Pensou como seria maravilhoso andar de trenó puxado por aqueles cavalos. Claro que ele não tencionava convidá-la, mas mesmo assim sentia-se quase tonta.

— Se esta neve aguentar, será possível dar bons passeios de trenó. Parece que vamos ter outro Inverno brando.

192 - 193

- Parece, não parece? — concordou Laura, já convencida de que ele a não convidaria para andar de trenó.

— É preciso um pouco de tempo para o construir como deve ser — continuou ele.

— E depois vou pintá-lo com duas camadas de tinta. Só estará pronto lá para depois do Natal. Gosta de andar de trenó?

Laura sentiu-se abafar.

— Não sei, nunca andei nesses trenós. — E acrescentou, ousadamente: — Mas tenho a certeza de que gostaria.

— Bem, nesse caso aparecerei lá para Janeiro e talvez não se importe de dar uma pequena volta e ver se gosta. Num sábado, não? Convinha-lhe?

— Sim. Oh, sim! — exclamou Laura. — Obrigada.

— Muito bem, então aparecerei daqui a duas semanas, se este tempo se aguentar.

Tinham chegado à porta e ele tirou o boné e deu as boas-noites. Laura entrou em casa quase a dançar.

— Oh, Pâ! Ma! Nem imaginam! O Sr. Wilder está a fazer um trenó de atrelar e prometeu levar-me a passear nele!

O pai e a mãe entreolharam-se, sérios. Laura apressou-se a acrescentar:

— Se me deixarem ir! Posso? Por favor!

— Veremos, quando chegar a altura — respondeu a mãe.

Mas os olhos do pai exprimiam uma grande bondade, quando olhou para Laura, e ela teve a certeza de que, quando a altura chegasse, poderia ir andar de trenó. Imaginou como seria divertido deslizar suave e rapidamente no ar frio e soalheiro, atrás daqueles cavalos. E não pôde deixar de pensar, deliciada: «Oh, como a Nellie Oleson vai ficar furiosa!»

194

CAPÍTULO XXV - INESPERADAMENTE, EM DEZEMBRO.

O dia seguinte foi tristonho e desinteressante. Não voltariam a tentar festejar o Natal sem Maria. Os únicos presentes escondidos eram para Carrie e Graça, e embora o Natal só fosse no outro dia, tinham aberto nessa manhã a pequena caixa de Natal enviada por Maria.

Haveria uma semana inteira sem escola. Laura sabia que poderia aproveitar o tempo para estudar, mas não era capaz de se sentar com os livros.

— Não tem graça nenhuma estudar em casa sem a Maria cá estar, para estudar comigo — declarou.

O almoço terminara e a casa estava arrumada, mas parecia vazia sem a irmã sentada na cadeira de balanço. Laura estava parada, a olhar à sua volta, como se procurasse qualquer coisa que perdera.

A mãe largou o seu jornal da igreja e disse:

— Confesso que também me não habito à sua ausência. Este artigo escrito por um missionário é interessante, mas li alto para a Maria durante tanto tempo que parece que não sou capaz de ler só para mim.

— Quem me dera que ela não tivesse ido! — explodiu Laura, mas a mãe disse-lhe que não devia pensar semelhante coisa.

— Ela está a ir tão bem nos seus estudos, e é maravilhoso que esteja a aprender a fazer tantas coisas. Coser à máquina, tocar órgão e fazer trabalhos de contas tão bonitos.

Olharam ambas para a pequena jarra feita de contas pequeninas, azuis e brancas, enfiadas em arame fino, que Maria enviara como presente de Natal para todos.

Estava em cima da secretária, perto de Laura.

195

Ela aproximou-se e ficou a apalpar as contas, enquanto a mãe continuava a falar: — Estou um bocadinho preocupada, sem saber como arranjaríamos dinheiro para as novas roupas de Verão de que ela precisa, além do pouco que lhe teremos de mandar para os seus gastos. Também precisava de uma ardósia de braille só para si, mas são caras.

— Eu faço dezasseis anos daqui a dois meses — disse Laura, esperançada. — Talvez consiga um certificado no próximo Verão.

— Se conseguires ensinar um período escolar, no próximo ano, talvez a Maria possa vir passar umas férias a casa, no Verão. Há tanto tempo que está ausente, que devia vir passar algum tempo a casa... e só custaria as despesas do comboio. Mas não devemos contar com os ovos antes de a galinha os pôr.

— De qualquer maneira, acho melhor estudar — disse Laura, a suspirar.

Sentia-se envergonhada da sua preguiça, quando Maria tinha a paciência de fazer uma coisa tão bonita com continhas que não podia ver.

A mãe pegou de novo no jornal e Laura debruçou-se sobre os livros, mas não conseguiu concentrar-se como desejaria.

Carrie anunciou, da janela:

— Vem aí o Sr. Boast! E vem outro homem com ele. Já 'tá à porta.

— Já está à porta — corrigiu a mãe.

Laura abriu a porta e o Sr. Boast entrou, a perguntar:

— Como estão todos? Este é o Sr. Brewster.

As botas do Sr. Brewster, o seu casaco grosso e as suas mãos mostravam que vivia numa reserva. Pareceu não ter muito que dizer.

— Como estão? — perguntou a mãe, e puxou cadeiras para ambos. — O meu marido anda por aí, na cidade. Como está a Sr.a Boast? Sinto-me decepcionada por não ter vindo consigo.

— Não era minha intenção vir — respondeu o Sr. Boast. — Viemos só para conversar aqui com esta jovem — disse, e os seus olhos pretos olharam risonhos para Laura.

Ela assustou-se. Estava sentada muito direita, como a mãe lhe ensinara, com as mãos no regaço e as botinas debaixo das sajas, mas faltava-lhe o ar. Não conseguia imaginar o que o Sr. Boast queria.

Ele continuou:

— Aqui o Lew Brewster procura uma professora para a escola nova que vai começar no seu distrito. Ele esteve na récita escolar, a noite passada, acha que Laura é a professora de que precisam e eu disse-lhe que não poderiam arranjar melhor.

O coração de Laura pareceu dar um pulo e querer saltar-lhe do peito.

— Ainda não tenho idade — lembrou.

— Ora, Laura, não há necessidade nenhuma de dizeres a tua idade, a não ser que alguém te pergunte — observou o Sr. Boast, muito sério. — A questão é: ensinarás na referida escola se o superintendente do condado te der um certificado?

Laura ficou muda. Olhou para a mãe, que perguntou:

— Onde é a escola, Sr. Brewster?

— A cerca de vinte quilómetros a sul daqui.

O coração de Laura ficou ainda mais triste. Tão longe de casa, entre estranhos, teria de depender inteiramente de si, sem ninguém para a ajudar. Não poderia vir a casa enquanto o período escolar não terminasse. Vinte quilómetros para cá e outros tantos para lá, era uma distância muito grande.

O Sr. Brewster continuou:

— É um pequeno povoado. A região à volta ainda não está desbravada. Não podemos ter escola mais de dois meses e só podemos pagar vinte dólares por mês, cama e mesa.

— A importância parece-me razoável — disse a mãe.

Seriam quarenta dólares, pensou Laura. Quarenta dólares! Não imaginara que poderia ganhar tanto dinheiro.

— Sei que o meu marido confiará no seu conselho, Sr. Boast — acrescentou a mãe.

— Lew Brewster e eu conhecemo-nos no Leste — informou o Sr. Boast. — É uma boa oportunidade para Laura, se ela a aproveitar.

Laura estava tão agitada que lhe custava a falar.

— Sim, claro — conseguiu gaguejar. — Terei prazer em dar aulas, se puder.

— Então temos de nos apressar — disse o Sr. Boast, e os dois homens levantaram-se. — O Williams está na cidade e se conseguirmos apanhá-lo antes de ele se pôr a caminho de casa, virá até cá e fará imediatamente o exame. — Despediram-se da mãe e saíram apressados.

— Oh, Ma! — exclamou Laura, ofegante. — Acha que passo?

— Acho que sim, Laura — respondeu a mãe. — Mas não estejas excitada nem assustada. Não há motivo nenhum para isso. Imagina que se trata apenas de um exame da escola e correrá tudo bem.

Passado um momento, Carrie anunciou:

— Lá vem ele, Ma! Vem a atravessar da Loja de Ferragens Fuller! Bateram à porta e a mãe abriu. Um homem forte,

196 - 197

de rosto agradável e modos cordiais, disse-lhe que era Williams, o superintendente do condado.

— É, então, a jovem que deseja um certificado! — exclamou, dirigindo-se a Laura.

— Não há muita necessidade de a submeter a exame, pois ouvi-a ontem à noite. Respondeu a todas as perguntas. Mas vejo a sua ardósia e a sua pena em cima da mesa; por isso, podemos resolver esse assunto.

Sentaram-se juntos à mesa. Laura resolveu problemas de Aritmética, fez ditado e respondeu a perguntas de Geografia. Leu o discurso de Marco António aquando da morte de César. Sentiu-se perfeitamente à vontade com o Sr. Williams, enquanto escrevia frases na ardósia e as analisava gramaticalmente, com desembaraço.

Ao escalar aquele pico, além, vi uma águia Pairar perto do seu cume.

— Sujeito «eu», pronome pessoal da primeira pessoa do singular; predicado «vi»,

pretérito do verbo transitivo «ver», que tem como complemento directo o substantivo comum, feminino, singular, «águia», antecedido aqui do artigo indefinido, feminino, singular, «uma»...

E continuou a analisar as orações e as suas constituintes, mas o Sr. Williams não tardou a dar-se por satisfeito.

— Não há necessidade de a examinar em História, pois ouvi o seu apanhado de ontem à noite. Terei de lhe reduzir um pouco as classificações, pois só lhe posso dar um certificado de terceira classe, até ao próximo ano. — Voltou-se para a mãe de Laura e perguntou: — Posso servir-me de caneta e tinta?

— Estão na secretária — respondeu-lhe ela.

O Sr. Williams sentou-se à secretária do pai e colocou à sua frente um certificado em branco. Por momentos, só se ouviu o leve raspar da sua manga no papel, enquanto escrevia. Depois limpou o aparo ao mata-borrão, tapou o frasco da tinta e levantou-se.

— Aqui tem, Menina Ingalls. O Brewster pediu-me que a informasse de que a escola abre na próxima segunda-feira. Ele virá buscá-la no sábado ou no domingo, conforme o aspecto do tempo. Sabe que a escola fica mais ou menos vinte quilómetros a sul da cidade, não sabe?

— Sim, senhor. O Sr. Brewster disse-o — respondeu Laura.

— Bem, desejo-lhe felicidades — disse o Sr. Williams, cordialmente.

— Muito obrigada.

198

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DACOTA — CONDADO DE KINGSBURY

CERTIFICADO DE PROFESSOR

Serve o presente para certificar que a Menina Laura Ingalls foi examinada por mim e considerada competente para dar instrução em Leitura, Ortografia, Escrita, Aritmética, Geografia, Gramática Inglesa e História, e tendo dado provas satisfatórias de Bom Carácter Moral é autorizada por este CERTIFICADO DE TERCEIRA CLASSE

a ensinar aquelas matérias em qualquer escola da região durante um período de doze meses.

Datado de 24 de Dezembro de 1882.

Geo. A. Williams, Superintendente de Escolas, Condado de Kingsbury, T. do D.

Resultado do exame:

Leitura 62; Escrita, 75; História, 98; Gramática Inglesa, 81; Aritmética, 80; Geografia, 85.

199

Depois de ele dar os bons-dias e sair, a mãe e Laura leram o certificado.

Laura ainda estava parada no meio da sala, a segurar o certificado, quando o pai chegou.

— Que aconteceu, Laura? — perguntou o pai. — Parece que estás com medo de que esse papel te morda.

— Pá, sou professora.

— O quê?! Carolina, que vem a ser isto?

— Leia. — Laura estendeu o certificado ao pai e sentou-se. — E ele não perguntou que idade eu tinha.

Depois de ler o certificado e de a mãe lhe falar da escola, o pai exclamou:

— Macacos me mordam! — Sentou-se e, devagar, releu o certificado. —

Excelente — declarou. — Muito bom para uma rapariga de quinze anos. — Queria falar entusiasticamente, mas a sua voz tinha um som cavo, pois agora Laura ir-se-ia embora.

Ela não conseguia imaginar o que seria dar aulas a vinte quilómetros de casa, sozinha entre estranhos. Nem queria pensar nisso. A verdade é que não desejava ir. Quanto menos pensasse no assunto, melhor, pois tinha de ir e tinha de se avir com o que quer que acontecesse, à medida que acontecesse.

— Agora a Maria poderá ter tudo quanto necessita e vir a casa no próximo Verão

— disse. — Oh, Pá, acha que eu... que eu sei ensinar?

— Acho, Laura. Tenho a certeza de que sabes.

Livros publicados nesta colecção:

1 - Uma Casa na Grande Floresta, Laura Ingalls Wilder

2 - Uma Casa na imensa Pradaria, Laura Ingalls Wilder

3 - O Rapaz da Quinta, Laura Ingalls Wilder

4 - Nas Margens de Plum Creek, Laura Ingalls Wilder

5 - Nas Margens do Lago da Prata, Laura Ingalls Wilder

6 - O Longo Inverno, Laura Ingalls Wilder

7 - Uma Pequena Cidade na Pradaria, Laura Ingalls Wilder

Data da Digitalização

Amadora, Julho de 2006